



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA**

**DANIEL FRANCISCO DE SOUSA**

**VIVÊNCIAS DO VÍNCULO AFETIVO FAMILIAR NO  
AMBIENTE MILITAR: UM ESTUDO DE CASO DA  
6ª REGIÃO MILITAR, EM SALVADOR-BA.**

SALVADOR - BA

2025

**DANIEL FRANCISCO DE SOUSA**

**VIVÊNCIAS DO VÍNCULO AFETIVO FAMILIAR NO  
AMBIENTE MILITAR: UM ESTUDO DE CASO DA  
6ª REGIÃO MILITAR EM SALVADOR- BA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientador: Dr. Giancarlo Petrini

SALVADOR - BA

2025

## Ficha catalográfica

Folha de aprovação:

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica de Salvador como requisito parcial para a obtenção do grau de Família na Sociedade

DR. GIANCARLO PETRINI

Orientador

Doutor em Ciências Políticas pela Pontifícia Universidade Católica (SP)

Universidade Católica de Salvador

DR RAFAEL CERQUEIRA FORNASIER

Convidado

Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica (RJ)

Universidade Católica de Salvador

DRA. ANA BARREIROS DE CARVALHO

Convidada

Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica de Salvador (BA)

Universidade Católica de Salvador

Conceito:

Salvador, de de .

Dedico esse trabalho à Família Militar do Exército Brasileiro, que enfrenta seus desafios e interage com a sociedade contemporânea, mantendo sua identidade e missão através dos princípios e valores que fundamentam a sua existência.

## **AGRADECIMENTOS**

Este é o momento de reconhecer o apoio e afeto de diversas pessoas que auxiliaram na concretização deste sonho.

Ao Deus uno e Trino, pela presença constante em todos os instantes da minha vida.

A Maria Santíssima, minha Senhora e minha Rainha, pela sua materna intercessão.

A minha amada família que sempre foi meu porto seguro, especialmente minha querida mãe Maria de Lourdes Sousa por sempre estar ao meu lado.

Aos companheiros e amigos do Exército Brasileiro, braço forte e mão amiga, pelo incentivo e apoio na realização deste estudo.

Ao meu orientador Prof. Dr. Gian Carlo Petrini, que me prestou importantes referências por meio de diálogos estimulantes, indicando possibilidades de caminhos e auxiliando na construção desse trabalho.

Aos professores, Dr. Rafael Cerqueira Fornasier e Dra. Ana Barreiros de Carvalho, pelas contribuições ofertadas. A todo corpo docente do Mestrado em Família na Contemporaneidade da Universidade Católica de Salvador (UCSal), por ampliar minha capacidade profissional e ofertar outros pontos de vista para compreensão de família.

Aos colegas do mestrado, pelos momentos de companheirismo e partilha de saberes, fazendo este percurso ganhar um encanto especial.

A todos os autores aqui citados, que direcionaram e embasaram a produção desse trabalho científico.

Aos militares, esposas e alunos do Colégio Militar de Salvador, que aceitaram participar dessa pesquisa dando sua colaboração, sem os quais não seria possível a coleta de dados e, por consequência, o presente trabalho.

SOUSA, Daniel Francisco. **Vivências do vínculo afetivo familiar no ambiente militar: um estudo de caso da 6ª região militar em Salvador-BA.** 2025, 109f. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2025.

## RESUMO

O presente estudo objetivou analisar como os membros da Família Militar da 6ª Região em Salvador-BA, conseguem conciliar os vínculos afetivos com as modernas exigências de autonomia individual. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma investigação empírica e exploratória, inserida num contexto de estudo qualitativo. Os dados foram obtidos em duas etapas: Na primeira realizada uma entrevista semiestruturada com os casais e na segunda com um grupo focal de alunos do Colégio Militar de Salvador. Todo o processo de análise das entrevistas foi realizado a partir de dez núcleos de sentido que foram comuns aos participantes, sendo eles: conceito de família, relacionamento conjugal, importância do vínculo afetivo na família, estilo parental adotado na educação dos filhos, Influência do militarismo na vida familiar, o divórcio dos pais na vida dos filhos, autonomia individual dos cônjuges e dos filhos, os impactos da transferência militar, as configurações da família na contemporaneidade, violência, drogas e identidade de gênero. Os resultados revelaram que, os vínculos afetivos vivenciados pelos casais e pelos adolescentes, no contexto militar, são fundamentais para a estabilidade na relação conjugal e familiar e que são influenciados pelos princípios fundamentais do Exército Brasileiro: a hierarquia e a disciplina, cujos princípios ajudam a configurar, a família militar, ao modelo tradicional. Sobre a conjugalidade e o estilo parental no contexto militar, os resultados apontaram que a estabilidade de um casamento depende da vivência de uma relação conjugal madura e do respeito a autonomia individual de ambos, evidenciando o estilo democrático como o mais adotado na educação dos filhos. Sobre as novas configurações familiares na contemporaneidade, os resultados apontaram que a família militar ainda é a favor da família tradicional No que se refere ao uso de drogas e a identidade de gênero os resultados manifestaram dificuldades em saber lidar com essas realidades Finalizando este estudo, propõe-se uma reflexão aos dirigentes e profissionais que atuam no Exército Brasileiro, no sentido de compreenderem melhor essas famílias a fim de auxiliá-las nas suas demandas e dificuldades, buscando também novas práticas de inserção na sociedade.

**Palavras-chave:** família militar; afetos; vínculos familiares e ambiente militar.

SOUSA, Daniel Francisco. Experiences of family emotional bonds in the military environment: a case study of the 6th military region in Salvador, Bahia. 2025, 109f. Dissertation (Master's Degree in Family in Contemporary Society) – Catholic University of Salvador, Salvador, 2025.

## **ABSTRACT**

The present study aimed to analyze how members of the Military Family of the 6th Region in Salvador, Bahia, manage to reconcile emotional ties with the modern demands of individual autonomy. The research was developed based on empirical and exploratory investigation, within a qualitative study context. The data were obtained in two stages: first, a semi-structured interview was conducted with the couples, and second, a focus group was held with students from the Military College of Salvador. The entire interview analysis process was based on ten core themes that were common to the participants, namely: concept of family, marital relationship, importance of emotional bonds in the family, parenting style adopted in the education of children, influence of militarism on family life, parental divorce on children's lives, individual autonomy of spouses and children, impacts of military transfers, contemporary family configurations, violence, drugs, and gender identity. The results revealed that the emotional bonds experienced by couples and adolescents in the military context are fundamental to the stability of marital and family relationships and are influenced by the fundamental principles of the Brazilian Army: hierarchy and discipline, which help to shape the military family according to the traditional model. Regarding conjugality and parenting style in the military context, the results indicated that the stability of a marriage depends on the experience of a mature marital relationship and respect for the individual autonomy of both partners, highlighting the democratic style as the most commonly adopted in the education of children. Regarding new family configurations in contemporary times, the results showed that the military family still favors the traditional family. With regard to drug use and gender identity, the results revealed difficulties in dealing with these realities. Concluding this study, we propose a reflection for leaders and professionals working in the Brazilian Army to better understand these families in order to assist them in their demands and difficulties, while also seeking new practices for their integration into society.

**Keywords:** Military Family. Family Affection and Bonds. Military Environment.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>1 FAMÍLIA MILITAR: CARACTERÍSTICAS, PRINCÍPIOS E VALORES</b> .....	<b>16</b>
<b>2 A CONSTRUÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS NA CONJUGALIDADE E NA PARENTALIDADE DAS FAMÍLIAS DOS MILITARES</b> .....	<b>22</b>
<b>3 AUTORIDADE MILITAR VERSUS FEMINISMO</b> .....	<b>43</b>
<b>4 FAMÍLIA MILITAR NA CONTEMPORANEIDADE</b> .....	<b>49</b>
<b>5 ABORDAGEM RELACIONAL PARA FAMÍLIA MILITAR</b> .....	<b>52</b>
<b>6 REFERENCIAL METODOLÓGICO</b> .....	<b>60</b>
6.1 NATUREZA DA PESQUISA E ESCOLHA DO MÉTODO .....	60
6.2 PARTICIPANTES .....	61
6.3 COLETA DE DADOS.....	63
6.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS.....	64
6.5 ANÁLISE DE DADOS .....	65
6.6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....	66
6.6.1 Entrevista com os casais .....	66
6.6.2 Entrevista com o grupo focal .....	81
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>92</b>
<b>APÊNDICES</b> .....	<b>101</b>
APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA .....	101
APÊNDICE B - - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	102
APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO REPRESENTANTE LEGAL.....	104
APÊNDICE D - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA .....	106
APÊNDICE E - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	109

## **LISTA DE SIGLAS**

AMAN = Academia Militar das Agulhas Negras

CRFB = Constituição da República Federativa do Brasil

EB = Exército Brasileiro

FA = Forças Armadas

PNR = Próprio Nacional Residencial

UCSal = Universidade Católica do Salvador

VM = Vade Mecum

6ª RM = 6ª Região Militar

## INTRODUÇÃO

Ao ingressar, como oficial, no quadro de capelães militares do Exército Brasileiro, surgiu o interesse em estudar a família dos militares, justamente por se tratar de um grupo específico da sociedade; saber como o cônjuge e os filhos reagem diante das transferências do militar para outras localidades; e como, psicologicamente, lidavam com a ausência do militar em decorrência do cumprimento de missões dentro ou fora do quartel.

Convém ressaltar que, no Brasil, ainda são escassos os dados sobre o cotidiano e os desafios enfrentados pelos sujeitos que compõem a Família Militar, tanto no âmbito interno das instituições, quanto na produção científica e acadêmica. Essa limitação impõe dificuldades no sentido da estruturação de estratégias de suporte e proteção social para os indivíduos que, indiretamente, também estão sujeitos às questões que circundam a vida e a carreira militares.

O interesse pela temática levou à elaboração desse trabalho de pesquisa com o intuito de responder a seguinte questão: “Como as famílias militares conseguem conciliar os vínculos afetivos com as exigências contemporâneas de autonomia individual?”

Para isso, foi necessário realizar uma revisão bibliográfica a partir do estudo de teses e dissertações de autores que já pesquisaram sobre famílias de militares, visando compreender melhor sua estrutura e funcionamento.

O presente estudo teve como objetivo geral: analisar a dinâmica da conciliação dos vínculos afetivos familiares dos militares do Exército Brasileiro com as exigências contemporâneas de autonomia individual.

Como objetivos específicos, levantou-se o seguinte: 1. Compreender as peculiaridades da família militar; 2. Conhecer a vivência da relação conjugal em meio as transferências dos militares; 3. Saber como funciona a dinâmica da parentalidade no ambiente disciplinar do Exército; 4. Constatar a influência da sociedade contemporânea sobre os valores que constituem a família militar.

À guisa de organização, a primeira etapa desta pesquisa foi dividida em seis capítulos. No primeiro capítulo discute-se os aspectos relacionados à família militar, suas características e estruturação, visando a compreender como se dá a formação desta família, quais fatores a influenciam e como a instituição Exército Brasileiro

fornece as bases dos princípios e valores cultuados pelos indivíduos da família militar. À vista disso, o referencial teórico aqui utilizado, apoiou-se em autores como: Silva (2010, 2013, 2016); Santos (2018); Castro (2018); Celestino (2020), Júnior (2020).

No segundo capítulo, é abordada a questão da construção dos vínculos afetivos na conjugalidade e na parentalidade, tendo como referencial teórico autores como: Franck-Lynch (2000); Saraceno e Naldini (2003); Ferez-Carneiro e Diniz Neto (2008); Petrini e Cavalcanti (2020), Moreira e Caminha (2021).

O capítulo terceiro trata da questão autoridade versus feminismo no ambiente militar inserido na contemporaneidade, tendo como referencial teórico autores como: Castro (2018); Gouvêa (2023); Celestino e Hamann (2022).

No quarto capítulo discorre-se sobre os desafios da família militar na contemporaneidade, tendo como referencial: Reynaud (1988); Syngly (2007); Santos (2018); Carvalho (2019). No quinto capítulo apresenta-se a abordagem relacional como reflexão pertinente para as famílias dos militares do Exército Brasileiro, tendo como referencial teórico: Donati (2011, 2014, 2016), Boturi (2013), Fornasier (2018); Petrini e Moreira (2020). Posteriormente, no capítulo sexto, são apresentados os procedimentos metodológicos, as características do campo de pesquisa, o perfil dos sujeitos, os procedimentos de coleta de dados e os resultados e discussão.

Discorrer sobre o Exército Brasileiro é falar de uma instituição secular que possui uma vasta gama de tradições e valores, tendo como elemento mais importante, o material humano. Os militares que, por sua vez, formam as fileiras permanentes do Exército, têm, em quase sua totalidade, pessoas que os apoiam e os acompanham no desenvolvimento de suas carreiras. Essas pessoas possuem um laço afetivo muito claro e são entendidas como famílias (Silva Júnior, 2020, p. 1). Em certas ocasiões diversas famílias de militares reúnem-se em várias atividades e situações que geram “uma rede de apoio e solidariedade” (Adão, 2010, p. 129). Essa composição social entende-se como família militar.

A declaração de Silva (2013) sobre a família militar, como um objeto de estudo ainda não explorado, é um ponto crucial para entender a dinâmica e complexidade da vida militar. A família, no contexto militar, transcende a estrutura familiar tradicional, influenciando a identidade e a vida de seus membros, de diversas formas, como a organização familiar e a influência da instituição militar.

O presente estudo debruçou-se sobre a primeira forma na qual as famílias se arranjam no modelo “clássico” de família nuclear moderna (mulher como “dona de

casa” e o marido como “provedor”). Nesse caso, a esposa vivencia uma feminilização de suas ações e relações, ou seja, ela atua como a produtora da casa (relações no âmbito privado), que faz a comida, que cria os filhos e que, enfim, cuida de tudo na família para que o marido possa exercer a profissão. Ela é a peça-chave para a vida emocional e para a estruturação da vida do militar e também não deixa de reproduzir, na sua rotina, características próprias da vida militar, pois compartilha e está envolvida numa série de atividades que acontecem no quartel, ao mesmo tempo que "sustenta" a casa.

Apesar das profundas transformações que a família convencional ou nuclear vem sofrendo em razão do processo de modernização das sociedades humanas, em que valores considerados dominantes ou imutáveis que anteriormente a sustentavam agora passaram a ser questionados e revistos, conduzindo a família clássica a um processo de mutações sociológicas. A família militar, cujos princípios estão fundamentados na autoridade masculina, mesmo inserida nesse contexto de turbulências culturais e sociais, empenha-se em reorganizar aspectos da sua realidade com as exigências do ambiente sociocultural, reagindo aos condicionamentos externos e, ao mesmo tempo, adaptando-se a eles.

O surgimento de novas configurações de família na sociedade contemporânea é resultado dos movimentos sociais que vêm lutando pela emancipação da mulher e pela igualdade de gênero, e que repercutiram na constituição da família contemporânea e de suas relações. Mas, segundo Cervency e Chaves (2008), pesquisas relativas à dinâmica da família, apontam que permanece a imagem do pai como provedor financeiro da família e a mãe como provedora emocional, mesmo que pai e mãe sejam profissionais com idênticas jornadas de trabalho.

No ambiente militar o conceito de família está ancorado sob a égide da hierarquia e da disciplina, determinantes do comportamento de homens e mulheres e que trazem, em si, um conjunto de valores e atitudes que implicam na própria identidade militar. Assim, busca-se refletir sobre possíveis impactos que a farda exerce na família e no trabalho diante da emergência de uma nova possibilidade relacional na qual os valores do militarismo transcendem os muros dos quartéis e invadem a intimidade de seus membros (Baltazar; Salvador, 2012, p.10-14).

A família militar no sentido amplo, embora seja similar ao modelo “tradicional” da sociedade brasileira, possui algumas características específicas. As esposas, por acompanharem as várias mudanças de cidade dos maridos, dificilmente podem ter um

trabalho autônomo. Além disso, passam a pertencer a um mundo social que se vê, em muitos aspectos, simbolicamente apartado do que representam como o “mundo civil”. Geralmente, suas vidas transcorrem sob o onipresente olhar público institucional e do grupo, que reproduz em certa medida, entre elas, a hierarquia dos maridos.

Ainda no que se refere as esposas, geralmente permanecem ocultas e praticamente desaparecidas da produção historiográfica e sociológica da instituição militar. Isto porque se encontram imersas na carreira de seus maridos devendo permanecer à sua sombra e inseridas de corpo e alma na família militar. Nesse contexto, a dedicação delas à família deve ser a prioridade, pois a carreira dos maridos torna-se o centro de um projeto familiar. Em função disso, poucas esposas conseguem manter uma atividade profissional após o casamento alegando isto, o fato de estarem se “sacrificando” em prol da carreira de seus maridos (Castro, 2018, p. 20-25).

Se a família militar segue os parâmetros da família nuclear logo é constituída por homens e mulheres que estão imersos numa cultura que, de certa forma, influencia suas atitudes, crenças e percepções sobre o que é possível e apropriado. (Carvalho; Moreira; Rabinovich, 2015).

Com isso, compreende-se que o Exército é uma organização que não deixa de interferir, com sua cultura e valores, na forma como a família do militar deve ser constituída, priorizando o homem como provedor e a mulher como cuidadora da casa e dos filhos.

Entretanto, as constantes mudanças que vêm ocorrendo desde o século passado contribuíram para que essa visão patriarcal fosse posta à prova e a figura feminina passasse a ser mais valorizada e pudesse ter seu “espaço” dentro da sociedade, assumindo, cada vez mais, funções fora do ambiente doméstico, sem, ao mesmo tempo, se desvencilhar do papel de mãe e esposa. Essa nova realidade vem abrindo caminhos para uma sociedade mais igualitária e sem papéis que sufocam e oprimem ambos os gêneros (Lopes; Dellazzana-Zanon; Boeckel, 2014).

No que se refere ao ambiente da pesquisa, aconteceu no quartel da 6.<sup>a</sup> Região Militar (6.<sup>a</sup> RM), nas vilas militares e no Colégio Militar de Salvador.

Convém ressaltar que no Brasil, ainda são escassos os dados sobre o cotidiano e os desafios enfrentados pelos sujeitos que compõem a Família Militar, tanto no âmbito interno das instituições, quanto na produção científica e acadêmica. Essa limitação impõe dificuldades no sentido da estruturação de estratégias de suporte e

proteção social para os indivíduos que, indiretamente, também estão sujeitos às questões que circundam a vida e a carreira militar

No que diz respeito ao ambiente, a pesquisa foi realizada tanto nas residências dos militares, onde o pesquisador entrevistou cinco casais, como também no Colégio Militar de Salvador, local da realização da entrevista com o grupo focal de 10 alunos, filhos de militares.

O tema é bastante relevante para o contexto militar em virtude das significativas mudanças que a humanidade vem passando na contemporaneidade, proporcionando o surgimento de novas estruturas e papéis familiares que, por sua vez, necessitam ser compreendidos à luz da abordagem científica.

## 1 FAMÍLIA MILITAR: CARACTERÍSTICAS, PRINCÍPIOS E VALORES

Durante a II Guerra Mundial, Reuben Hill foi um dos primeiros sociólogos que analisaram o estresse familiar com relação a vida militar. Assim escreveu:

As esposas e filhos, a partir da perspectiva dos militares, devem ser socializados e subordinarem seus desejos e necessidades individuais para o “bem do serviço” de forma a minimizar quaisquer reclamações da família sobre o tempo e presença do marido/pai. A esposa de um militar de carreira pode exercer lucrativamente atividades de ensino e realizar serviços voluntários na comunidade militar, mas definitivamente não deve embarcar em uma carreira profissional independente e que seja incompatível com as responsabilidades como mãe e esposa de militar. As crianças devem observar as regras da comunidade militar para que a reputação do pai militar não seja manchada e interferir com a sua carreira. A família deve ser um construtor de moral para o militar, oferecendo amor e carinho e um mínimo de problemas para distraí-lo de sua tarefa central de servir a “Causa” (Hill, 2016, p.11-12)

Essa mentalidade continua presente no universo militar, ainda que seja de forma sutil. Os pesquisadores e militares passaram a reconhecer que as famílias dos militares são influenciadas por uma série de tensões relacionadas com a vida nas Forças Armadas, como a separação e as pressões pela ausência do pai (oficial militar), e da alta mobilidade geográfica (McCubbin; Dahl; Hunter, 1976).

A família é historicamente compreendida e relacionada como uma instituição primária. Suas origens, e razão de ser, estão relacionadas a um lugar comum e naturalizado, que, apenas em sua aparência, revela-se em verdade como uma construção social, a exemplo do disposto por Saraceno e Naldini (2003, p. 18):

Espaço ao mesmo tempo físico, relacional e simbólico aparentemente mais conhecido e comum, a ponto de ser usado como metáfora para todas aquelas situações que tem a ver com a espontaneidade, com a natureza e com o conhecimento sem necessidade de mediações (...) a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais. Com efeito é dentro das relações familiares, tal como são definidas e regulamentadas, que os próprios acontecimentos da vida individual que mais parecem pertencer à natureza recebem o seu significado e através deste são entregues à experiência individual: o nascer e o morrer, o crescer, o envelhecer, a sexualidade, a procriação.

Se, por um lado, a família é revelada como instituição atrelada fortemente à genealogia da consanguinidade e da parentalidade, por outro, pode ser destacada também como um compositor estruturado por meio das relações sociais estabelecidas pelos indivíduos. Sendo assim, ao apropriar-se a família como objeto de análise,

entende-se que esta instituição é pautada por construções sociais e históricas e suas estruturas objetivas e subjetivas são contemporizadas pelo contexto no qual se desenvolvem ações no sentido de identificação e pertencimento.

Regulamentada pelos dispositivos jurídicos, legitimada por uma determinada moral ou sociabilidade expressa pelas religiões e regulada pelo Estado, a família pode assumir contornos e ser portadora de demandas que, ora reforçam o enfoque protetivo para seu resguardo, ora destacam-na como alvo de processos de responsabilização.

A Constituição Federal (CRFB) dispõe que a Família é a base da sociedade, e que, portanto, goza de diversos direitos e deveres e ainda lhe é assegurada a proteção por parte do Estado. Também prescreve que a entidade familiar pode ser o círculo familiar entre os pais e seus descendentes. (Brasil, 1988, art. 226).

Nas Forças Militares brasileiras, especificamente no Exército Brasileiro, o “sentido de ser família” funciona como um marcador de identidade e pertencimento, seja para unificar a formação e garantir a unidade nas ações operacionais, seja para referenciar valores, princípios e posturas que representam o contexto institucional.

No contexto militar, a família é concebida de duas formas: no coletivo, funciona como um elemento reafirmador dos preceitos que constituem a base do Exército e no individual é sentida e reproduzida pelos militares e seus dependentes como recurso de apoio e ajuda mútua.

Nessa circunstância, cabe apropriar-se do disposto por Celestino *et al.* (2020, p. 102), que compreende a família militar em sentido estrito caracterizada pelo processo de socialização que é condição para o ingresso na carreira.

A composição dessa família é iniciada com o processo de socialização militar realizado, em especial, nas instituições genuínas de formação de militares. Neste contexto, as origens da “família militar”, em sentido estrito, ou seja, a família composta pelos profissionais militares está vinculada ao ingresso no processo formativo desenvolvido nas instituições de ensino militar.

A família militar segundo Silva (2010, p. 3):

É uma estreita ligação entre o Exército e a família, onde seu conceito pode ser capaz de identificar tanto os militares, como corpo de tropa constituído, quanto à família no seu sentido “privado” (cônjuge e filhos), ou ainda em um sentido amplo que engloba todos os militares e seus dependentes diretos.

É possível então, observar o estreito laço entre os indivíduos, suas famílias e a instituição Exército Brasileiro, na qual, por mais que representem conjuntos sociais diferentes, são intimamente ligados e funcionam como uma extensão recíproca entre a instituição e os indivíduos (Silva Júnior, 2020, p.17).

“Família militar” é o que os antropólogos chamam de uma “categoria nativa”, elemento-chave na construção da identidade militar. Ela tradicionalmente inclui as mulheres e os filhos (Castro, 2018, p.1), como também abarca as relações sociais que são desenvolvidas no meio militar e que muito interferem e fundamentam sua dinâmica (Chinelli, 2018).

Nesse sentido podemos dizer que as famílias constituídas pelos militares correspondem a um estilo de vida muito particular devido ao caráter imposto e institucionalmente regulado nos seus mínimos detalhes.

Assim afirmam Celestino e Hamann (2022, p. 23):

A expressão ‘Família Militar’ é apropriada e reproduzida no âmbito das Forças Armadas e Auxiliares brasileiras para adjetivar a composição social integrada pelos sujeitos militares e seus dependentes, que aderem aos modos de ser e estar demandados pela dinâmica e características das instituições e pelas requisições e particularidades das carreiras eleitas não só pelos profissionais, mas extensivamente incorporadas pelos demais membros de suas famílias. Dessa forma, considera-se a família militar de forma generalizada, como grupo social estruturado e unificado em semelhança aos elementos perenes pautados pela tradição, princípios e valores cultuados no contexto das instituições militares, bem como pela diversidade de sujeitos, relações, papéis e sentimentos de família. Compreendemos, assim, que a adjetivação genérica pautada pelo conceito da família militar é integrada pela pluralidade das diversas famílias e indivíduos que compõem essa sociabilidade.

Embora esteja configurada nos padrões da família nuclear, as famílias dos militares possuem particularidades em comparação ao contexto civil, pelo fato de estarem inseridas na dinâmica da caserna. Sendo assim, recebem influência dos princípios e valores da vida militar. Para tanto, aspectos relacionados à dedicação exclusiva e integral, o comprometimento em dar a própria vida em serviço da proteção do seu país, exigem, de certo modo, dos militares, uma forma ímpar de lidar com os sentimentos, com incentivo a que sejam negados. Além disso, essas características implicam em não haver horário ou período para o trabalho, sendo chamados em quaisquer momentos, imperando assim as necessidades da Instituição. Inclusive, os militares têm um sistema de regulação de trabalho completamente diferente da sociedade civil, no qual não há remuneração por hora extra, por exemplo, mas sim por disponibilidade integral (Santana, 2013).

Portanto, o modelo assumido pelas famílias militares das Forças Armadas, e de um modo particular do Exército Brasileiro, é o que se assemelha ao da família convencional ou nuclear, caracterizada pela divisão sexual e hierarquizada do

trabalho, em que o espaço doméstico ficou destinado às mulheres, enquanto o homem assumiu o papel de provedor das necessidades do lar.

Para compreender a família militar é necessário conhecer suas peculiaridades e também o ambiente em que está inserida.

No estudo realizado por Silva (2010) sobre a família militar, foram destacadas certas similaridades nos discursos dos oficiais e seus cônjuges. A categoria “família militar” foi citada num sentido peculiar que corresponde ao conceito da própria instituição militar brasileira. Nesse caso, família militar é entendida como categoria nativa que traduz uma ideia de coletivo da organização. Estabelece relações que devem ser calcadas em cumplicidade, solidariedade e respeito entre seus membros – afetos e deveres morais que os militares compreendem como condutas “naturais” da família –, estendendo-se também para as relações entre seus cônjuges e filhos(as) e com outras famílias de militares.

A “família militar” brasileira seria constituída, portanto, por um caráter englobante e segmentário que identifica ao mesmo tempo, o todo, ou seja, a grande família militar, como uma comunidade composta de militares e seus familiares, mas também, pode ser instrumentalizada para falar de partes da organização militar – os irmãos de armas, quadros, seções e unidades do Exército –, ou para representar as relações de vizinhança entre os cônjuges e filhos de militares como parentes circunstanciais – a proximidade física dessas pessoas e o compartilhamento de relações do cotidiano permitiram uma experiência familiar para além das relações consanguíneas.

Celestino (2020) nos ajuda a compreender ainda mais a categoria família militar considerando os sentidos estrito e amplo. Para autor, o sentido estrito caracteriza-se pelo processo de socialização que é condição para o ingresso na carreira militar. Nessa categoria, o militar é forjado no processo de socialização determinado pela própria instituição, cujas relações funcionais são pautadas pelos sentimentos de camaradagem e companheirismo. A segunda é a do sentido amplo, composta pelo próprio militar e seus dependentes, que, apesar de não estabelecerem vinculação formal com a Instituição, se apropriam dos princípios e valores que regem a sociabilidade castrense.

Sob o viés da identidade coletiva das Forças Armadas, a definição da família militar se torna mais ampla na atualidade. Pode-se dizer que ela abrange os militares, da ativa e veteranos, e seus parentes diretos, como cônjuge e filhos, bem como todas

aquelas pessoas que possuem vínculos parentais, institucionais, sociais e de dependência com os integrantes das Forças Armadas, incluindo os servidores civis e os pensionistas, que compartilham dos valores, das virtudes e das tradições das instituições militares, e que os aplicam no seu ambiente familiar.

Portanto, a expressão “família militar” possui ao mesmo tempo um caráter amplo e um caráter segmentário. Quando é citada no sentido amplo, refere-se ao espírito de corpo, que é um dos valores mais fortes no relacionamento interpessoal entre os militares, e que se espalha da caserna para as suas famílias, assim como para pessoas do círculo de convivência familiar que comungam dos princípios das Forças Armadas (FA). Por sua vez, quando é mencionada no sentido segmentário, diz respeito aos militares, com suas esposas e filhos.

Convém ressaltar o dinamismo peculiar que a família militar historicamente assume, sem, contudo, afastar-se da interação e das influências da acelerada transformação gerada pelas sociedades moderna e pós-moderna. Ainda que imersa nesse cenário de mudanças, a definição de família militar remonta aos primórdios das Forças Armadas. Em uma perspectiva mais clássica, ela pode ser entendida como a união dos núcleos familiares dos militares em torno de uma forma de ser coletiva e que reproduz o *ethos* da caserna, resultado do conjunto de percepções, de experiências e de posturas moldadas pelo forte sentimento de solidariedade.

Segundo Monnerat (2018), o processo de vinculação à família militar ocorre por meio dos laços matrimoniais selados no casamento, momento este bastante significativo para a noção de pertencimento à “grande família”, ora compreendida como a união de pequenos microssistemas familiares imbricados à instituição Exército Brasileiro.

Sendo assim, a família militar em sentido amplo é integrada pela família de origem, constituída a partir do casamento e do nascimento dos filhos e somada à composição da própria instituição. Esse entrelaçamento, por sua vez, atende não só aos valores tradicionalmente cultuados pela instituição verde-oliva, mas também é referida no contexto interno como instrumento que contribui para a estabilidade e a funcionalidade do profissional militar, que permite o pleno cumprimento e dedicação às missões.

Eaton e Fees (2002) caracterizam a família militar como apresentando um contexto específico e exigente quando comparada à família composta por membros civis (não militares). Isso porque, torna-se evidente o envolvimento direto das famílias

dos militares no cotidiano profissional militar, pois, em analogia, é como se elas estivessem por “servir” ao lado desses. O que se faz necessário, em decorrência das exigências no que se refere a compromisso, lealdade, tempo e energia, assim como habilidade de se justapor às mudanças.

Nesse ponto é possível verificar o que se entende por família militar está diretamente associado às disposições do contexto militar. Sendo assim, na família ocorre uma sobreposição dos valores cultivados pela instituição militar, de modo que, ao estar inserida nesse contexto, ela acaba incorporando a performance militar desejada. Se a família militar, em sentido amplo, é destacada no âmbito da Instituição como elemento a ser cultuado e valorizado; em contextos precisos, ela é subsumida pelos assuntos profissionais e pelas decisões necessárias de serem tomadas vislumbrando o transcurso de progressão na carreira. Via de regra, o funcionamento e a dinâmica familiar são estabelecidos, tendo como referência, os estágios, momentos e eventos vividos pelo militar no contexto profissional.

A família, no âmbito da instituição verde-oliva, acompanha não só a trajetória histórica trilhada pela Força, mas vivencia experiências que emergem dos momentos particularizados pela carreira de seus membros, não sendo apenas a localização geográfica e as relações sociais cotidianas que se alteram, mas um conjunto de vínculos construídos e reconstruídos pautados pela identificação e pertencimento que integram o contexto institucional. De acordo com Santos (2018, p. 122-123):

A família militar é alvo constante de pressões de um movimento que surge com novas ideias, inclusive proveniente de membros da própria família. Contudo, ela não reage de maneira passiva às mudanças, visto que ela se caracteriza como um “dispositivo de influência sobre seus membros”, promovendo a modificação nas maneiras de ser, pensar e agir de seus integrantes, mas, ao mesmo tempo, conservando os valores e práticas nos quais ela se pauta.

Dessa forma, os meandros que cercam a família militar no Exército estão pautados por sacrifícios, rompimentos, desconstruções e frustrações, na mesma medida em que se sustentam por recompensas pessoais e profissionais, recomposições de novos laços de auxílio e ajuda mútua, sentimentos de pertencimento, identificação e resiliência, conjugados entre os atores formalmente vinculados à Força, mas em muito pelos entes que se vinculam organicamente aos preceitos que regem essa instituição.

## 2 A CONSTRUÇÃO DOS VÍNCULOS AFETIVOS NA CONJUGALIDADE E NA PARENTALIDADE DAS FAMÍLIAS DOS MILITARES

O desejo de constituir uma família, mesmo que nas mais distantes configurações, ainda é um objetivo de muitas pessoas, talvez não como fonte de estabilidade financeira ou simplesmente para ter filhos, mas como um lugar emocional para vivenciar o vínculo e o afeto.

Numa pesquisa realizada pelo *Datafolha*, sobre opiniões, valores e o comportamento dos brasileiros a respeito de família, identificou-se que ela ocupa o primeiro lugar em termos de relevância, em um *ranking* que também inclui o trabalho, o estudo, a religião, o lazer, o dinheiro e o casamento. Na pesquisa 98% dos entrevistados afirmaram que ter um relacionamento próximo com os pais é considerado algo muito importante (Folha de São Paulo, 2007).

Essa pesquisa revelou a família como o único lugar que acolhe incondicionalmente a pessoa, ou seja, a família emerge como o lugar mais significativo (quando não único) na qual a pessoa entra em jogo com a totalidade do seu ser. Sentimentos e afetos, valores e crenças, interesses e ideais, preocupações e trabalhos são partilhados, eventualmente discutidos e acolhidos pelas pessoas que, dessa maneira, vão tecendo os fios da relação de intimidade. (Moreira; Petrini, 2021, p. 64)

Os vínculos familiares e o afeto são importantes para o desenvolvimento físico e psíquico de uma pessoa e também para a formação de uma família. São refletidos em valores como atenção, compreensão, cuidado, amor e solidariedade, base para a formação da família, seja ela biológica ou não.

Afeto é a disposição de alguém por alguma coisa, seja positiva ou negativa. É a partir do afeto construído que se demonstram emoções ou sentimentos. Pode se ter afeto por algo, uma pessoa, um objeto, uma ideia, ou um lugar. Esse vocábulo provém do latim *affectus*, que significa disposição, estar inclinado a; cuja raiz vem de *afficere*, que corresponde a afetar e significa fazer algo a alguém, influir sobre. Demonstrar afeto significa expressar gestos de carinho como: um abraço, um beijo, um sorriso, uma palavra de apoio. O afeto não é algo imposto pois surge pela convivência e reciprocidade de sentimentos, logo, quando falamos de afeto nos referimos tanto a relação entre homem e mulher como a relação paterno filial. No atual modelo de

família o afeto é a razão de ser dessa, o elo essencial para sua formação e continuidade.

O afeto é tão constituidor do desenvolvimento humano quanto uma boa alimentação, sono e hidratação. Ele é fundamental para a construção da identidade e dos relacionamentos interpessoais. Além disso, permite desenvolver um sentimento de pertencimento, de segurança e de confiança tanto nas crianças como nos adolescentes e adultos. A ausência do afeto nas relações, compromete a saúde psíquica e a qualidade de vida da pessoa gerando sentimentos intensos como: tristeza, inferioridade, desamparo, baixa autoestima, insegurança, perturbação, medo e desconfiança. Além disso, pode repercutir no funcionamento cerebral e nas formas das crianças, ou adolescentes, se relacionarem, inclusive ao chegarem à vida adulta. Um bom relacionamento familiar fortalece os laços afetivos e melhora a autoestima.

Já o termo vínculo origina-se do latim *vinculum*, que significa união com características duradouras, laço e elo de conexão. O vínculo humano está ligado às influências recíprocas entre as pessoas, originando diferentes aspectos interacionais baseados no conhecimento, reconhecimento.

Assim como o afeto, os vínculos também são formados no contexto dos relacionamentos interpessoais que se iniciam na família e depois se estendem aos outros grupos sociais.

Os vínculos afetivos exercem um papel importante na formação da conjugalidade, cujo processo é complexo e sistêmico, envolvendo diversos níveis do relacionamento e contextos que resultam na definição psicossocial de uma relação afetiva estável.

O modo de viver a conjugalidade e constituir a própria família variam no lugar e no tempo em que acontece, o que indica a importância de levar em consideração o contexto histórico, social e cultural em que o casal se encontra inserido.

No passado, o casamento tinha como objetivo principal a constituição da família, cuja função do casal era garantir a procriação. No horizonte da cultura e da sociedade contemporâneas, como descritas por Berman (1986), Lipovetsky (2011 e Han (2017, 2022), essa mentalidade foi superada, pois raramente alguém escolhe constituir família, aberta para gerar filhos e educá-los, e destinada a durar no tempo. A família aparece inviável. Nesse sentido, o fato de que duas pessoas decidam constituir um casal não coincide mais com a decisão de formar uma família, “aliás, parece que o casal se torna alternativa à família” (Donati, 2012, p. 19).

Ulrich Beck (2006, p. 172), descrevendo a sociedade alemã moderna, dá uma visão preocupante da família: “Uma modernidade modelada no mercado e pensada até as últimas consequências implica uma sociedade sem famílias e filhos. Cada um deve ser independente, livre para as exigências do mercado, a fim de garantir a própria existência econômica”.

Giddens, por sua vez, descreve como “puras” as relações da intimidade que observa em seu ambiente. Para ele:

‘Puras’ são as relações que não são mais ‘contaminadas’ por deveres da tradição, contratos jurídicos, obrigações religiosas, em suma, livres de responsabilidades recíprocas que possam avançar pretensões a respeito da continuidade no tempo, mesmo quando deixam de ser gratificantes e passam a ser percebidas como amarras indesejáveis. Permanece-se na relação ‘pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção da sua associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes para cada uma individualmente, para nela permanecerem’ (Giddens, 1993, p. 68-69).

Dentro desse contexto tanto a família quanto a paternidade vêm sendo orientadas por uma lógica pós-moderna que é dirigida por uma filosofia niilista, onde a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais totalizantes são o marco do pensamento pós-moderno. Com isso observa-se uma era em que o ser humano busca viver uma liberdade sem limites e procura organizar a própria vida sem referência alguma a valores morais, confundindo a liberdade com a licenciosidade. Dessa forma, deixa escapar o sentido essencial da vida e da natureza humana que se encontra nas relações de afeto, confiança e proteção, que verificamos como característica do grupo de socialização primária chamado família

Ao comentar sobre a família e a paternidade na contemporaneidade, Carvalho (2020, p. 1) ressaltou:

Vale salientar que a família e a paternidade vêm atuando num contexto orientado por uma lógica pós-moderna que é dirigida por uma filosofia niilista, assim, a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais totalizantes são o marco do pensamento pós-moderno. Observa-se um contexto de liberdade, em que, a pretensão do homem como ser livre para organizar a própria vida, sem referência alguma a valores morais, confunde a liberdade com a licenciosidade. Dessa forma, deixa escapar o sentido essencial da vida e da natureza humana que se encontra nas relações de afeto, confiança e proteção, que verificamos como característica básica do grupo de socialização primária chamado família.

Nesse contexto, a fidelidade, a indissolubilidade, a diferença sexual e a disponibilidade a gerar filhos são percebidos como limites dos quais é necessário libertar-se para ter uma maior realização. Difunde-se a ideia de que é possível “construir e desconstruir” relações de casal para poder continuar a ter experiências afetivas intensas, ainda que com diferentes parceiros.

A relação conjugal é definida como uma união entre duas pessoas que se comprometem a viver juntas e a construir uma vida em comum. É um vínculo afetivo que se desenvolve ao longo do tempo e pode ser marcado por crises e transformações. Sendo assim, é uma das conexões humanas mais propícias ao abandono afetivo, pois existe uma ampla entrega e dependência dos sujeitos pertencentes a esse laço de união dual. “Os cônjuges estão vinculados a deveres recíprocos como respeito, afeto, fidelidade, coabitação, cooperação e assistência. O abandono ocorre quando uma ou algumas dessas premissas deixam de ser observadas por uma, ou ambas as partes”. (Rodrigues; Oliveira, 2018, p. 1)

Essa relação é construída a partir de trocas verbais e não verbais entre os parceiros que coordenam suas ações recíprocas no universo social de significado, comprometendo-se com a construção de uma história comum, na qual as mudanças na pauta de ação de um dos cônjuges afetam o outro.

A díade conjugal se constitui num espaço de apoio ao desenvolvimento familiar. É com a formação do casal que tudo tem início. Assim, quando dois indivíduos se comprometem com uma relação estável e duradoura, complementam-se e adaptam-se reciprocamente de modo a constituir um modelo de funcionamento conjugal. Esse modelo resulta, inicialmente, da integração do modelo de conjugalidade construído nas famílias de origem (Sousa, 2006).

No imaginário social, evoca-se a ideia do casal como um par associado por vínculos afetivos e sexuais de base estável, com um forte compromisso de apoio recíproco, com o objetivo de formar uma nova família incluindo, se possível, filhos. A relação conjugal dá-se, portanto, dentro de um contexto sócio-histórico e também familiar no qual o indivíduo, ao se socializar, internaliza pautas de ações psicossociais complexas. Tais pautas dizem respeito tanto a aspectos do processo de socialização primária, quanto a processos secundários. Assim, a relação conjugal tem início com a criação de um território comum, no qual começam a ser compartilhadas experiências que produzem pautas de interação social significativas para o casal, relativizadas pela experiência de construção psicossocial de cada indivíduo.

Daqui decorre a tarefa primordial de articulação entre individualidade e conjugalidade relativamente às heranças das famílias de origem. É, pois, importante que cada membro do casal se entregue ao relacionamento sem ter a sensação de renúncia à sua individualidade ou às suas questões familiares. Do mesmo modo, não deve renunciar às influências que o cônjuge traz para a relação. Assim, é por intermédio deste jogo de equilíbrios e complementaridade que a conjugalidade se torna, idealmente, funcional. A conjugalidade torna-se então num processo de realidade comum, na qual cada cônjuge reconstrói a sua realidade individual, partindo de referências comuns e de uma identidade conjugal (Berger; Kellner, 1964).

Cada definição do cônjuge sobre a realidade deve ser continuamente correlacionada com as definições do outro, que passa a estar presente em praticamente todos os aspectos quotidianos, ou seja, os elementos do casal têm que negociar a vivência a dois. Isso implica tomar uma série de decisões no quotidiano comum, que para além dos ganhos, também implicam perdas (Singly, 2000). Essa realidade traz mudanças na vida de um homem e de uma mulher que renunciam a condição anterior de “solteiros” para viverem juntos sob o mesmo teto, compartilhando planos e projeções futuras.

O desejo de viverem juntos, de criarem uma nova família e um modelo de relação particular, conduz o casal a estabelecer limites e fronteiras para a intervenção externa. Dessa forma, o casal constitui uma plataforma de suporte para lidar com o stress intra e extrafamiliar, proporcionando-lhes satisfação das suas necessidades psicológicas (Sousa, 2006).

O período inicial de uma relação é uma fase de construção (planos e sonhos) e de projeção (de um futuro ideal) tendo por base a fusão e a ilusão do presente (Alarcão, 2002). É um momento de grande envolvimento amoroso. Contudo, o aspecto da conjugalidade não deve ter por base esse momento, mas sim ser visto como algo contínuo, ou seja, deve-se atentar antes aos padrões de relacionamento, pois são esses que mantêm a relação ao longo do tempo, permitindo que essa resista a diversas circunstâncias e às mudanças previsíveis e imprevisíveis do ciclo de vida (Féres-Carneiro, 2003; Mcgoldrick, 1989/1995; Mosmann; Wagner; Féres-Carneiro, 2006).

Franck-Lynch (2000) postula a existência de três etapas de ciclo de vida do casal. O primeiro estágio – estágio da fusão – refere-se aos primeiros dez anos da relação conjugal. Aqui, prima-se o equilíbrio entre a rede social, famílias de origem e

outros sistemas de influência para o casal. Os primeiros três anos são, regra geral, os de maior conflitualidade devido às adaptações necessárias. Outras áreas importantes, como o nascimento dos filhos, podem servir como distrações da conflitualidade. Aos sete anos de relação, aproximadamente, verifica-se que a fusão se torna mais definitiva, havendo uma partilha de poder e resolução de conflitos mais estruturada conjugalmente.

No segundo estágio – retorna-se ao “tu” e ao “eu” – compreendido entre os dez e os 20 anos, a relação é marcada pelo crescimento e independência dos filhos. Tal realidade permite espaço para uma análise do contributo individual na relação e um reinvestimento na autonomia e individualidade, podendo acentuar-se a ideia e/ou o receio de dissolução. Por fim, no terceiro estágio – empatia – face à saída dos filhos de casa, existe a possibilidade de um voltar à valorização e investimento na relação. Esse estágio pode ser pautado por fatores como a aposentadoria, os netos, morte de amigos e familiares e com o receio da própria morte e/ou a do cônjuge.

A satisfação e a insatisfação são realidades que, também, fazem parte da vida conjugal e se referem à avaliação pessoal e subjetiva que o casal faz de sua relação. Isso é pessoal, porque cada indivíduo expressa a sua opinião sobre si e ao seu cônjuge relativamente ao desempenho de ambos na relação, o quão satisfeito está ou não. É também subjetiva, porque cada indivíduo tem os seus critérios para considerar essa satisfação; o que para um indivíduo significa estar satisfeito pode ser algo oposto para outro.

Esse critério de avaliação demonstra uma certa complexidade porque um cônjuge pode sentir-se satisfeito com a sua conjugalidade ainda que a sua relação seja disfuncional, aos olhos da norma podem ser “auscultados” problemas; do mesmo modo, o cônjuge pode ter aparentemente uma boa relação, em que tudo parece existir para funcionar bem, mas não se sentir satisfeito. Tratando-se de algo tão íntimo como uma relação, importa que sejam os indivíduos a definirem, pelos seus próprios critérios, se estão ou não satisfeitos. Essa averiguação, por sua vez, não resulta de uma etiquetagem exterior, pois ajuda a avaliar este parâmetro de vida.

Fincham, Beach e Kemp-Fincham (1997) consideram que a vida conjugal é pautada por discontinuidades, isto é, por oscilações entre momentos de afetividade positiva e momentos de afetividade negativa. Tal consideração é coerente com a perspectiva dialética na satisfação das relações íntimas. Segundo Narciso (2001) também as relações são dinâmicas, pois resultam da conjugação de dois processos

de desenvolvimento. Os dois membros do casal não deixam de ser indivíduos e como tal continuam a ter experiências e sentimentos únicos, continuando a desenvolver-se enquanto seres. Considera assim, que a satisfação e a insatisfação não são uma mera dicotomia, mas antes um jogo dinâmico de oposições pelo qual os indivíduos vão passando.

Segundo Diniz-Neto (2005), os processos de formação e dissolução da conjugalidade giram não só em torno do eixo da satisfação/insatisfação conjugal, como também do eixo da estabilidade/instabilidade conjugal. Nesse sentido, a conjugalidade deixa de ser concebida como estrutura mecânica coisificada e passa a ser compreendida como um sistema intersubjetivo composto por agentes conscientes, intencionais, que se recriam a si mesmos e a seu entorno, em uma permanente interação comunicativa e construção de significados.

Quando a relação conjugal entra em crise e, definitivamente, fracassa, acontece a separação que muitas vezes gera dor e sofrimento psíquico não só para o casal, mas também para os filhos. Isso leva a concluir que quanto mais dolorosa a separação, mais forte era o vínculo. Por isso, a separação e o divórcio do casal são consequências dessa crise conjugal, que muitas vezes vem acompanhada de sentimentos de raiva, tristeza, ciúme, chegando a culminar na violência verbal e física. Nesse contexto, o ambiente familiar torna-se agitado e desestruturado não só para os pais, mas também para os próprios filhos que acabam sendo significativamente afetados pela inquietação e por desajustamentos psicológicos. Sobre esse assunto, Pires (2008, p. 17) comenta na sua pesquisa:

Numa relação onde imperam os conflitos, verifica-se não só um efeito negativo direto nas crianças, mas antes por todo o sistema familiar. Os efeitos invasivos e deteriorativos irradiam de forma perversa, alargando o seu impacto não só às crianças como também aos seus pais de forma direta e recíproca.

Johnston e Campbell (1988) apresentam alguns fatores que contribuem para a separação e divórcio do casal: qualidade do relacionamento conjugal, histórias individuais de perdas mal elaboradas, relações abusivas de dependência patológica e estresse.

Pesquisas recentes sobre a conjugalidade na família militar revelam também que o “fenômeno” das transferências dos oficiais militares, podem afetar positivamente ou negativamente, a relação conjugal e a parentalidade. Embora o processo de

movimentação faça parte da carreira militar e, em muitos casos, seja o resultado de consulta e conversa prévia junto ao cônjuge, reforçando a afetividade e parceria pela ideia do “nós-casal” (Silva; Costa, 2018), as percepções dos impactos no relacionamento conjugal são marcantes gerando muitas vezes solidão, depressão, rompimento de laços de amizade e sociabilidade, e dificuldades e comprometimento da carreira profissional do cônjuge. Esses são alguns dos elementos encontrados nos relatos de maridos militares e esposas, decorrentes do processo de movimentação. Isso confirma o que disseram Moreira e Caminha (2021, p. 3) na sua pesquisa sobre os impactos das movimentações dos militares para suas famílias:

A disponibilidade de transferência a qualquer época do ano e de localidade geográfica no país ou para o exterior, por interesse da administração militar – transcende as exigências da carreira, mas requer sacrifícios individuais e coletivos do arranjo familiar, os quais produzem impactos no cotidiano dos seus membros.

As tensões advindas de tal processo de movimentação repercutem diretamente no casal e nos filhos, demandando dos cônjuges acertos, adaptações e renúncias com vistas a manter a estabilidade da união. Além disso, os efeitos das movimentações no cotidiano da família implicam desafios, notadamente para as esposas, de renunciar ao convívio e ao apoio da família de origem, de sua vida profissional ou da difícil inserção no mercado de trabalho para a localidade em que o militar foi transferido. Os filhos também são impactados com as transferências pois além de serem afastados da família ostensiva, são desafiados a se adaptarem ao novo ambiente e a construir novos vínculos de amizades. Esse dado também é constatado por Adão (2010, p. 128) em sua pesquisa:

A principal dificuldade destacada pelas esposas é a adaptação às constantes transferências que o militar de carreira está sujeito e que implicam em mudanças constantes para diferentes cidades, estados e em alguns casos, para o exterior. Para a família, estas movimentações implicam em distanciamento geográfico do núcleo familiar original o que impede que usufruam da solidariedade parental, e em dificuldades para manter laços de amizade construídos nas localidades onde viveram. Para os filhos, resultam em constantes transferências de escola e para a esposa em uma impossibilidade de manter longos vínculos empregatícios ou de concluir cursos universitários.

Logo, as transferências mais do que uma rotina administrativa presente na carreira dos profissionais das FA, constitui em evento significativo, não somente para esses sujeitos, mas para um considerável número de pessoas a eles ligadas por

vínculos econômicos e afetivos. Trata-se, portanto, de um importante fenômeno que, embora faça parte da rotina dos militares, traz implicações que devem ser consideradas e analisadas pela própria instituição, não somente pelas consequências que produzem nas famílias, mas também pela possibilidade de que os seus impactos possam vir a comprometer o desempenho laboral do militar.

Para muitos casais, o processo de adaptação à movimentação está associado a uma série de complicações, com potencial de reflexo no casamento, na medida em que traz em seu bojo implicações para o funcionamento da casa, a acomodação dos filhos na escola, em dificuldades no engajamento de novas atividades sociais, entraves para o estabelecimento de vínculos de amizade e suporte e obstáculos para a consolidação da carreira profissional das esposas.

Se por um lado, há evidências da existência de sentimentos como sofrimento, solidão, desgaste emocional, desamparo e até divórcio, advindos da rotina que resultou do processo de movimentação, por outro, há casos, em que a relação matrimonial se fortaleceu, na medida em que a movimentação proporcionou mais qualidade de vida para o cotidiano do casal e ainda garantiu uma posição de destaque na carreira do militar, ou seja, além do suporte com a prole e cotidiano da casa, a movimentação trouxe vantagens para a vida profissional, contribuindo para um maior amadurecimento e solidez da família (Moreira; Caminha, 2021, p. 7).

Outra exigência do militarismo é a dedicação do tempo, quase que integral, do militar ao quartel. Isso gera dificuldades na vida pessoal do próprio militar que muitas vezes não consegue realizar algum tipo de planejamento de férias, como por exemplo, organizar uma viagem para estar com a esposa e os filhos, devido às mudanças constantes na rotina, escalas de serviço, missões etc. A família do militar depende muito da disponibilidade do profissional para fazer algum tipo de programação e essa situação acaba interferindo na dinâmica da própria família.

De certa forma, essas exigências da vida militar interferem na construção do vínculo afetivo seja na relação conjugal como também na constituição de uma família uma vez que, existem obrigações mútuas, tanto da parte do esposo como também da esposa, que podem ser entendidas como uma espécie de deveres afetivos, que irão direcionar o convívio harmonioso no casamento e na criação dos filhos.

A afetividade pode ser entendida como a convivência harmoniosa e motivada entre as pessoas, é o princípio que fundamenta o direito das famílias na estabilidade das relações socioafetivas e na comunhão de vida, com primazia em face de

considerações de caráter patrimonial ou biológico. O afeto não é somente um laço que envolve os integrantes de uma família, também tem um viés externo, entre as famílias, pondo humanidade em cada família (Dias, 2013, p. 58).

Já do ponto de vista legal, a afetividade é um dever jurídico imprescindível nas relações familiares, mesmo que não exista de fato o afeto. Quando ocorre o descumprimento das normas extrínsecas e intrínsecas da relação conjugal, o divórcio aparece como ruptura definitiva desse vínculo.

Petrini e Dias (2013) explicam que a supervalorização do afeto, construída pelo amor romântico, relativiza a importância do ambiente exterior ao vínculo do casal, transformando a relação conjugal num mero contrato de obrigações e compromissos, reduzindo a liberdade dos amantes. Porém, deve-se notar que não é exatamente a série de deveres contratuais, oriunda do instituto do casamento, a vilã das relações amorosas e afetivas, e sim a própria fragilidade dos laços humanos.

Segundo Bauman (2003), os vínculos afetivos são provenientes de sentimentos como o amor, existente em diversas formas de relacionamento humano. Para o autor, a palavra “conexão” cairia melhor como adjetivo para os vínculos emocionais entre as pessoas, já que, fazendo uma analogia com o termo “rede”, assume o caráter instável dos relacionamentos interpessoais

Engelmann e Petrini (2016) afirmam que para a manutenção de um relacionamento conjugal é necessária a satisfação de exigências que não são facilmente obtidas. Pelo contrário, requer atenção, cuidado e convivência autêntica entre o casal, que só é possível através da construção de espaço próprio, onde os posicionamentos e ideais pessoais convergem em um único ponto, construindo então a identidade do casal e contribuindo beneficentemente para o desenvolvimento e longevidade das relações familiares.

Existe uma reflexão acerca das relações conjugais e filiais que questiona a assimetria dos sentimentos. No momento em que os entes, pertencentes a família, assumem uma atitude comparativa entre o afeto dado e o recebido, surge uma espécie de endividamento mútuo positivo. Quando o relacionamento conjugal atinge esse patamar, orientado pela lógica da equivalência mercantil, existe um grande risco de dissolução da família por meio de um ajuste de contas.

A partir do momento em que o amor não é mais constituído pela construção de ideais em comum, as queixas e cobranças sobre as divisões de tarefas e

responsabilidades começam a contaminar o espaço criado através dos vínculos afetivos, colocando em risco o fundamento da família.

Segundo Botturi (2009), a vida conjugal se torna duradoura quando o esposo e a esposa se esforçam para viver um amor relacional maduro, cuja vivência os leva a reconhecer, um no outro, sua própria identidade relacional generativa. A partir daí, o amor conjugal é compreendido como uma experiência de relação afetiva, que não é esgotado no sentimento ou na paixão, mas se concretiza no esforço e no sacrifício de ambos fazerem um ao outro feliz, justamente porque a natureza do amor conjugal se constitui na capacidade dos cônjuges de se amarem mutuamente sem querer possuir um ao outro, ou seja, o amor relacional não aprisiona o casal, mas gera vínculo afetivo de compromisso, autonomia e fidelidade.

A proposta do autor supracitado é de suma importância para os casais que convivem diariamente no ambiente militar, pois a durabilidade da vida conjugal vai depender da capacidade desses casais viverem sua relação pautada no vínculo afetivo e na gratuidade do próprio relacionamento.

Nas últimas décadas, surgiram inúmeros questionamentos em relação à crise na família. Essas questões foram motivadas por diversos temas, como por exemplo, o declínio do casamento e aumento do divórcio. O fato é que, na verdade, a maioria dos casais ainda apresenta algum tipo de vínculo matrimonial, civil e/ou religioso, o que nos leva a pensar que os fenômenos sociais podem trazer novos modelos familiares e modificar os antigos, mas a família permanece como um ponto sólido que satisfaz os anseios humanos mais profundos (Engelmann; Petrini, 2016)

Convém ressaltar que a conjugalidade não é só um lugar de produção de afetos conjugais, pois nela, se produzem também funções e recursos materiais. Com efeito, construir um casal é também somar desejos, planos, condições materiais etc., elementos que dão, portanto, densidade e contextura, que moldam a vivência da relação afetiva.

No que se refere a importância da construção de vínculos afetivos entre pais e filhos é preciso que os pais ajam de forma responsiva, confortadora e acolhedora, atendendo de modo consistente as demandas dos filhos quando eles demonstrarem sinais de desconforto, dor ou necessidade de atenção.

Famílias nas quais pais e mães vivem em condições físicas, emocionais, sociais e econômicas desfavoráveis, tendem a ter filhos com mais problemas de

comportamento, de relacionamento e de desempenho escolar, em comparação com pais que usufruem de situações mais favoráveis.

Estudos têm focado no impacto que as condições de vida de mães e de pais exercem sobre o desenvolvimento da criança e especificamente na sua saúde emocional. Por exemplo, pais e mães em situação de vulnerabilidade social ou que possuam algum distúrbio psicológico, como depressão ou ansiedade, podem ter mais dificuldades para proporcionar o estabelecimento de vínculos seguros. Filhos de pais e mães cujas condições econômicas, sociais, físicas ou emocionais se caracterizam como desfavoráveis, tendem a apresentar, com maior frequência, problemas de comportamento, de relacionamento e de desempenho escolar, quando comparados com filhos de pais que usufruem de situações mais adequadas.

Por outro lado, existe sempre a possibilidade de pais com histórico de criminalidade, por exemplo, terem filhos que não apresentem problemas de comportamento. A delinquência, nesse caso, pode ser descontinuada entre gerações quando os pais conseguem ter vínculos favoravelmente fortes com seus filhos, independentemente de suas experiências desfavoráveis de vida. Isso potencializa a ideia de que, talvez, seja menos importante quem os pais são do que o que eles efetivamente fazem em prol do desenvolvimento de seus filhos, e como se vinculam afetivamente a eles. É importante mencionar que os estudos não são conclusivos e estão limitados a determinados contextos socioeconômicos e culturais. Os chamados “fatores de risco” devem ser interpretados de forma cuidadosa, a fim de que não se façam associações de causa-efeito precipitadas.

Na profissão militar, existem algumas características que podem ser consideradas como “fatores de risco” e que podem dificultar o militar a construir vínculos afetivos com a esposa e com os filhos como: permanente disponibilidade para o serviço, as transferências, serviços de escala, missões no estrangeiro e cursos de promoção/formação.

Partindo desse pressuposto, a realidade da carreira militar submete tanto os que nela se inserem, quanto seus familiares, à presença de estresse constante, o que demanda, por parte dos pais, ajustar o convívio familiar ao cenário do cotidiano militar, tornando possível a manutenção do equilíbrio familiar mediante elementos que redundam na valorização das crenças familiares (união), padrões de comunicação, diálogo e organização, flexibilidade (Walsh, 2003).

Segundo Stafford e Grady (2003) as exigências do militarismo, constituem-se como “fatores de risco” para a manutenção da família militar porque na maioria das vezes geram conflitos familiares, distúrbios, inexistência de comunicação entre os cônjuges e a falta de resiliência aos imperativos da carreira; especialmente, porque, segundo os autores, a família militar move-se duas a três vezes mais frequentemente do que a família composta por membros civis.

Portanto, a construção dos vínculos afetivos no contexto militar depende de uma variedade de situações que devem ser entendidas em sua complexidade. Por isso não se pode generalizar, de forma simplista, as características detectadas para todos os casos individuais, como tendências em escala grupal, pois dada a singularidade de cada caso, tais características podem não estar presentes ou se manifestarem de maneira matizada.

No que diz respeito a vivência da parentalidade, no ambiente militar, é sentida pelos cônjuges como um papel de vida bastante complexo e desafiador, não só pelas constantes mudanças sociais, mas também pela necessidade de conciliar as exigências da vida familiar com o exercício da profissão militar, face às idiosincrasias do próprio militarismo.

De acordo com Brooks (2013), processo de interação entre pai, mãe e criança, vai mudando à medida que a criança vai crescendo e se desenvolvendo. Embora o principal foco de atenção e de ação da parentalidade seja a criança, ela também traz consequências para os pais. De fato, ser pai ou mãe constitui-se numa experiência vital que conduz a mudanças multidimensionais de caráter pessoal, social, conjugal e laboral, que uma vez assumido, não é reversível (Palácios, 2005 *apud* Carapito, 2017, p. 3).

Indubitavelmente, essa experiência é significativa e transformadora para o homem e para a mulher que ao assumirem a condição de pais, entram no mundo da paternidade e da maternidade tomando para si as exigências e os desafios dessa responsabilidade.

A parentalidade consiste num processo contínuo, que implica investimento e compromisso durante o longo período de desenvolvimento da criança e que se pauta por fornecer cuidados responsáveis que incluem: uma vinculação e relação contínua com a criança; um acesso a recursos materiais que providenciem abrigo, alimentação, vestuário, cuidados de saúde, uma educação moral e intelectual, e uma preparação para o assumir de responsabilidades na fase adulta (Brooks, 2017).

O modelo teórico de Diana Baumrind (1966) sobre os tipos de controle parental foi um marco nos estudos que vêm sendo feitos sobre a educação pais e filhos, servindo como base para um novo conceito de estilos parentais que integra aspectos emocionais e comportamentais. Ao falar dos efeitos das práticas disciplinares sobre o comportamento infantil, a autora apresenta três modelos de controle parental: permissivo, autoritário e autoritativo, que são examinados e analisados criticamente na relação entre liberdade e controle. Por fim ela defende a posição de que o modelo autoritativo é capaz de gerar, na criança, um comportamento socializado, volitivo e independente. Apresentamos as características de cada modelo parental segundo Baumrid.

O pai ou a mãe permissivo(a) busca agir de modo não punitivo, aceitante e afirmativo em relação aos impulsos, desejos e ações da criança. Ambos consultam a criança sobre decisões de política familiar e oferece explicações para as regras domésticas. Faz poucas exigências quanto à responsabilidade doméstica e ao comportamento ordeiro. Apresenta-se à criança como um recurso para ser usado conforme o desejo dela, e não como um ideal a ser imitado, nem como um agente ativo responsável por moldar ou alterar o comportamento atual ou futuro da criança. Permite que a criança regule suas próprias atividades tanto quanto possível, evita o exercício de controle e não a incentiva a obedecer a padrões externos definidos. Tenta usar a razão e a manipulação para alcançar seus fins.

O pai ou a mãe autoritário (a) tenta moldar, controlar e avaliar o comportamento e as atitudes da criança de acordo com um conjunto de padrões de conduta, geralmente um padrão absoluto, motivado teologicamente e formulado por uma autoridade superior. Ambos valorizam a obediência como uma virtude e favorece medidas punitivas e coercitivas para conter a vontade própria nos pontos em que as ações ou crenças da criança, entram em conflito com o que ela acredita ser a conduta correta. Acreditam que fazendo isso, conseguem manter a criança em seu devido lugar, restringindo sua autonomia e atribuindo responsabilidades domésticas com o objetivo de inculcar respeito pelo trabalho. Consideram a preservação da ordem e da estrutura tradicional como um fim altamente valorizado em si mesmo e não encorajam o diálogo verbal com a criança justamente para que ela aceite a palavra dos pais como correta. Alguns pais adotam o estilo autoritário na educação dos filhos justificando como uma espécie de legado deixada pelos seus genitores ou ainda no sentido religioso de direcionar os filhos a fazer a vontade de Deus.

O pai ou a mãe autoritativo (a) tenta direcionar as atividades da criança de maneira racional e orientada por questões concretas. Busca exercer sua autoridade de maneira participativa, ou seja, não repressiva. Ambos incentivam o diálogo verbal de dar e receber, compartilha com a criança o raciocínio por trás de sua política e solicita suas objeções quando ele se recusa a se conformar. Tanto a autossuficiência quanto a conformidade disciplinada são valorizadas por eles. Portanto, pais autoritativos exercem com firmeza o controle nos pontos de divergência com filhos, mas não limita a criança com restrições excessivas, impondo de maneira irracional sua própria perspectiva sem reconhecer o interesse individual e a particularidade da criança. Pais autoritativos afirmam as qualidades atuais da criança, mas também define padrões para conduta futura. Usam a razão, o poder e a modelagem através de regime e reforço para alcançar seus objetivos, e não baseiam suas decisões em consenso de grupo ou nos desejos individuais da criança. Segundo Rambusch (1962), o controle autoritativo é usado para resolver a antítese entre prazer e dever, e entre liberdade e responsabilidade.

Estudos revisados por Baumrind relacionaram a punição paterna com distúrbios cognitivos e emocionais na criança, incluindo retraimento hostil, comportamentos hostis manifestos, dependência, problemas de personalidade, nervosismo e redução da eficiência escolar. A punição que é severa, injusta, mal aplicada no tempo e administrada por um pai ou por um mãe sem afeto é provavelmente prejudicial, além de ineficaz. Já uma punição leve, aplicada por um pai ou por uma mãe amado (a) e respeitado(a), pode não ter efeitos colaterais prejudiciais. Tal punição pode ter efeitos colaterais benéficos. De acordo com Solomon (1964) e Walters, Parke e Cane (1965), num ambiente doméstico, a punição sendo utilizada de forma equilibrada e oportuna, pode ser bastante eficaz para ajudar a alcançar objetivos específicos. Ela tem se mostrado capaz de suprimir respostas inaceitáveis, mesmo quando essas respostas não são eliminadas. Os estímulos aversivos podem ser menos eficazes do que os estímulos recompensadores para evocar o comportamento desejado.

Entretanto, isso não implica afirmar, de forma generalizada, que a punição, tal como usada tipicamente em casa, seja ineficaz ou que seu uso não possa ser tornado mais eficaz. Diante disso é mais razoável ensinar aos pais que desejam aprender a usar a punição de maneira eficaz e humana como fazê-lo, do que preservar o mito de que a punição é ineficaz ou intrinsecamente prejudicial.

A disciplina ideal é aquela que combina afeto, comunicação e firmeza, criando um equilíbrio entre exigência e liberdade. Por isso, é necessário que os pais, ao adotar a disciplina na educação dos filhos, sejam capazes de distinguir os efeitos, sobre a criança, de uma autoridade injusta, restritiva e subjetiva, daqueles de uma autoridade racional, calorosa e orientada por princípios. Há consideráveis evidências de que o primeiro tipo está associado à criança com afetividade negativa, aversão e rebeldia, enquanto o segundo está vinculado a promoção de um desenvolvimento saudável. A punição que é severa, injusta, mal aplicada no tempo e administrada por um pai sem afeto é provavelmente prejudicial, além de ineficaz. Já uma punição leve, aplicada por um pai amado e respeitado é capaz de gerar efeitos colaterais benéficos.

O controle parental firme, quando é exercido de forma autoritária, tende a gerar obediência superficial e dependência psicológica, ou seja, pais excessivamente autoritários ou inconsistentes, ora permissivos, ora punitivos, tendem a gerar comportamentos ambivalentes e baixa autonomia em seus filhos mas quando esse controle firme é ao mesmo tempo racional e afetuoso, é capaz de conduzir os filhos à maturidade e autocontrole. Resumindo o que foi dito pela autora dos estilos parentais o mais adequado a ser adotado na educação dos filhos é o autoritativo, justamente por ser ao mesmo tempo firme, racional e carinhoso, sendo capaz de promover a autonomia individual.

De acordo com Baumrind a autoridade legítima dos pais é aquela que combina exigência com respeito e apoio emocional. Essa combinação é essencial para o desenvolvimento saudável da criança. Nesse sentido, o controle autoritativo gera conformidade responsável na criança que aceita regras porque as entende e as internaliza, e não apenas por coerção.

Toda a formação do militar, seja nas escolas ou academias do Exército Brasileiro (EB), é pautada nos dois pilares que sustentam a própria instituição: a disciplina e a hierarquia. O EB com sua tradição, cultura, doutrina e valores, não deixa de influenciar de forma consciente ou inconsciente, o comportamento e, em particular, a conduta pessoal de seus integrantes (Brasil, 2002). Sendo assim, esse influxo também interfere, direta ou indiretamente na maneira como pais militares educam seus filhos, visando uma padronização comportamental de seus genitores de acordo com o que aprenderam e vivenciaram na instituição.

Apesar da rígida formação que receberam, quando o assunto é a educação dos filhos, a maioria dos pais militares prefere assumir o estilo democrático, pois acreditam ser mais eficaz no exercício da paternidade responsiva e afetuosa, embora admitam em muitas ocasiões, serem forçados a assumir o estilo autoritário, quando os filhos contrariam as suas ordens ou se comportam de maneira rebelde.

Segundo Donati (2011), praticamente, em todas as sociedades das quais se tem conhecimento, prevaleceu o formato de família de cunho patrilinear, ou, comumente falando, de natureza patriarcal. Nesse tipo de família, importa salientar que a principal característica imperante em seu bojo era o fato da existência do poder hierárquico exercido pelo pater *famílias* em detrimento dos demais sujeitos que estavam subordinados à sua autoridade.

De acordo com Durkheim a consciência coletiva é a responsável pela formação dos valores morais que passam a exercer pressão sobre os homens nos momentos de suas escolhas. Essa consciência coletiva diz respeito aos valores do grupo a que o indivíduo pertence, sendo transmitida entre as gerações pela educação e conformando-se em fator fundamental para a vida social. Para o grupo formado por militares, encarando-os como sendo uma sociedade em particular, existe uma consciência coletiva e certos valores, ditos militares, são compartilhados. Nesse grupo espera-se sempre uma padronização dos comportamentos de cada indivíduo segundo o significado atribuído a cada valor militar (Maxwell, 2004). Com isso, pode-se afirmar que a parentalidade também é influenciada por valores militares, assim como a hierarquia e a disciplina interferem no sistema familiar.

A educação militar prescreve obediência a uma série de regramentos, muitas vezes tidos como conservadores e coercitivos. Tais fatores, insculpidos pela lógica do equilíbrio/estabilidade, encontram na família um ponto de convergência e apoio às suas diretrizes, pois, como ambiente favorável à socialização, também é um espaço que oportuniza o desenvolvimento saudável de seus entes (Santos, 2017).

As Forças Armadas, especificamente o Exército Brasileiro, consideram a importância da família não só pelo fato de ser a base da sociedade como também um dos pilares que sustentam a dimensão humana e afetiva de seus integrantes. Por essa razão, busca na elaboração e aperfeiçoamento da legislação militar, ações sociais que estejam exclusivamente voltadas para a proteção, o bem-estar e o cuidado da família militar.

Embora a família militar esteja configurada nos padrões da família nuclear, segundo Bóia (2014), ela possui particularidades em comparação ao contexto civil, pelo fato de estar inserida na dinâmica da caserna, recebe influência dos princípios e valores da vida militar. Para tanto, aspectos relacionados à dedicação exclusiva e integral, o comprometimento em dar a própria vida em serviço da proteção do seu país, exigem, de certo modo, uma forma ímpar de lidar com os sentimentos, com incentivo a que sejam negados (Santana, 2013). Evidentemente, tais implicações resultantes da profissão militar impactam principalmente na vida da esposa e dos filhos (Gabriel; Sattler, 2019).

Nessa linha de pensamento, tanto Adão (2018) como Monnerat (2015) e Chinelli (2008) apontam que a instituição militar, ainda que de modo velado, define papéis e obrigações para a família de seus integrantes, o que finda por ocasionar uma “militarização” dos cônjuges e filhos. Fato que leva Silva (2013, p. 869) a afirmar:

Fazer parte do ‘mundo militar’ – marcado por preceitos de hierarquia e, condutas ponderadas, linguajar e códigos próprios com gírias e nsígnias, cerimoniais; enfim, com cosmologia, temporalidade e historicidade próprias – implica incorporar nas famílias um estilo de vida marcado por valores e comportamentos prescindíveis aos militares como a ‘distinção de caráter’, a ‘retidão moral’, a ‘solidariedade’ e o ‘companheirismo’, de modo a procurar reforçar o que se entende como um conjunto de características produtoras de coesão no Exército. Logo, esse modelo de família seria uma de modelo ideal da instituição, que expressa e estende o padrão das relações e normas do quartel para o espaço da casa.

Um outro fator que interfere na qualidade do relacionamento conjugal e na paternidade das famílias dos militares é o processo de movimentação, pois ocasiona impactos na própria família do militar. Embora esse processo faça parte da carreira militar e, em muitos casos, seja o resultado de consulta e conversa prévia junto ao cônjuge, reforçando a afetividade e parceria pela ideia do “nós-casal” Silva e Costa, (2018), as percepções dos impactos no relacionamento conjugal são marcantes. Solidão, depressão, rompimento de laços de amizade e sociabilidade, e dificuldades e comprometimento da carreira profissional do cônjuge são alguns dos elementos encontrados nos relatos de maridos militares e esposas, decorrentes do processo de movimentação (Moreira; Caminha, 2021).

As tensões advindas de tal processo de movimentação repercutem diretamente no casamento e na vida do cônjuge, demandando do casal acertos, adaptações e renúncias com vistas a manter a estabilidade da união. Além disso, os efeitos das movimentações no cotidiano da família implicam desafios, notadamente para as

esposas, de abrir mão do convívio e do apoio da família de origem, de sua vida profissional ou da difícil inserção no mercado de trabalho para a localidade em que o militar foi transferido. Os filhos também são impactados com as transferências, pois, o afastamento da família de origem impõe o desafio da criação de novos vínculos afetivos.

Por causas das sucessivas transferências às quais os militares estão sujeitos, pois, geralmente, não passam mais de dois anos em única guarnição, suas famílias passam a lidar constantemente com mudanças de moradia e sucessivas readaptações às novas localidades, trazendo também dificuldades em lidar com a matrícula dos filhos em novos colégios. Esses muitas vezes sofrem com a perda dos antigos amigos e colegas, enquanto não fazem outros.

Logo, as transferências, mais do que uma rotina administrativa presente na carreira dos profissionais das FA, constitui evento significativo, não somente para esses sujeitos, mas para um considerável número de pessoas a eles ligadas por vínculos econômicos e afetivos. Trata-se, portanto, de um importante fenômeno que, embora faça parte da rotina dos militares, traz implicações que devem ser consideradas e analisadas pela própria Instituição, não somente pelas consequências que produzem nas famílias, mas também pela possibilidade de que seus impactos possam vir a comprometer o desempenho laboral do militar (Moreira; Caminha, 2021).

A verdade é que o processo de adaptação à movimentação traz, em seu bojo, implicações para o funcionamento da casa, a acomodação dos filhos na escola, em dificuldades no engajamento de novas atividades sociais, entraves para o estabelecimento de vínculos de amizade e suporte, e obstáculos para a consolidação da carreira profissional das esposas.

De acordo com Cederbaum e Williams (2013), crianças e adolescentes de famílias militares tendem a estar mais sujeitas a enfrentarem maiores desafios em decorrência das frequentes mudanças no cotidiano de suas famílias e a experienciarem tais vivências de forma negativa nas áreas: psicológica, social, emocional e intelectual.

Na verdade, os filhos não fizeram tal escolha, “nasceram nesse meio e têm que aprender a viver com a escolha dos pais”, o que finda por tensionar a dinâmica da família (Monnerat, 2015).

Realmente tal processo deixa marcas em todo o grupamento familiar, de forma mais ou menos profunda, de acordo com o nível de adesão dos envolvidos no projeto

profissional do militar. Um dos pontos de relevo são as transformações e percalços no cotidiano familiar.

Se há evidências que o processo de movimentação dos militares proporciona sentimentos que causam sofrimento, solidão, desgaste emocional, desamparo, e até divórcio, por outro, há casos em que a relação matrimonial se fortaleceu, na medida em que a movimentação proporcionou mais qualidade de vida para o cotidiano do casal e ainda garantiu uma posição de destaque na carreira do militar, contribuindo para um maior amadurecimento e solidez da família (Moreira; Caminha, 2021).

Embora as constantes transferências de um lugar para outro seja uma experiência peculiar da profissão militar, a esposa e os filhos também são afetados socialmente e psicologicamente, gerando dificuldades na vida familiar, como por exemplo, realizar algum tipo de planejamento de férias, ou organizar uma viagem para estar com a esposa e os filhos, devido às mudanças constantes na rotina, escalas de serviço, missões etc. A família do militar depende muito da disponibilidade do profissional para fazer algum tipo de programação e essa situação acaba interferindo na dinâmica da própria família.

Há situações na família militar em que, não só o esposo vive a maior parte do seu tempo ocupado com as atividades do aquartelamento, dedicando pouco tempo para administrar a casa e o cuidado com os filhos, como também a própria esposa, pelo fato de exercer alguma profissão, permanece a maior parte do dia fora de casa. Com isso, ambos se veem obrigados a pedir auxílio a parentes ou contratar empregadas ou babás. Mas, os casais também procuram dividir entre eles algumas tarefas relacionadas ao âmbito "privado", como buscar e levar os filhos à escola, fazer compras e ajudar as crianças nas tarefas escolares (Silva, 2013).

Tanto o dia a dia de trabalho do militar quanto das esposas que trabalham fora de casa é absorvente. Contudo, muitos casais buscam "priorizar" estar com a família e procuram reuni-la (cônjuges e filhos) em horários de refeições (almoço e jantar, por exemplo) e aproveitar os horários "livres" para fazerem atividades com os filhos, como forma de "compensar" a ausência cotidiana. A ideia de não estar sempre disponível para os filhos é uma das constantes preocupações das mulheres militares que veem o papel de "mãe" como importante, mas nem sempre conciliável com a rotina rígida do quartel (Silva, 2013).

É importante reter nesse aspecto que, segundo Mady Segal *et. al.* (2007), as Forças Armadas e a família são instituições gananciosas dado demandar dos seus

membros, concomitantemente, bastante tempo, energia, envolvimento e sacrifício. Tal percepção é corroborada por Carreiras (1997), que as denominam como instituições vorazes, na medida em que ambas dependem fortemente do investimento dos seus membros e impõem alto nível de exigência como lealdade, tempo e energia.

A partir da década de 1960 a sociedade brasileira passou a ter contato com novas formas de organização familiar gerando constantes transformações causadas, principalmente, pelas relações de gênero e pela diminuição do número de unidades familiares estruturadas em torno do pai provedor e da mãe responsável pelo cuidado dos filhos (Peixoto, 2007).

Essas transformações foram refletidas dentro da própria família, na qual é possível observar uma maior incidência no número de mulheres que passaram a ocupar um lugar no mercado de trabalho. Contudo, essa mudança no contexto militar parece não corresponder à realidade vivida por grande parte das famílias de militares do Exército Brasileiro, que continua a apresentar um alto número de estruturas familiares baseadas no molde tradicional, isto é, pai provedor e mãe dona de casa.

É fundamental conhecer um pouco mais sobre as vivências reais dos dramas e conflitos cotidianos vividos pelas famílias dos militares, justamente para compreender melhor e refletir sobre as estratégias de manejo que as esposas utilizam para tentar conciliar a vida militar com a inserção no mercado de trabalho.

A verdade é que a contemporaneidade trouxe, no seu bojo, mudanças nos padrões relacionais dos membros das famílias herdados pelo patriarcalismo. Se no passado não havia espaço para o diálogo e a cooperação entre os cônjuges, agora é possível conversar, negociar, expor sentimentos e insatisfações de forma recíproca, em que poder de decisão que outrora competia somente à figura masculina, passou também a ser um direito feminino (Gabriel; Sattler, 2019).

Essa mudança de perspectiva já é perceptível em muitas famílias militares onde as esposas já se colocam como provedoras e da mesma forma os homens também estão ocupando seus lugares enquanto pais afetivos e participativos do cotidiano da família.

### 3 AUTORIDADE MILITAR VERSUS FEMINISMO

Para falar da autoridade militar é necessário conhecer a cultura militar que se expressa através de valores sólidos marcados por elementos estruturais que remetem à masculinidade, à força e à ordem, com elementos identificatórios que distinguem o homem civil do homem militar. Para Castro (2009, p. 13):

Tornar-se militar significa, acima de tudo, deixar de ser civil. A oposição entre civis e militares é estruturante da identidade militar. Ao ingressar numa academia militar, o jovem é submetido a um processo de construção da identidade militar que pressupõe e exige a desconstrução de sua identidade 'civil' anterior.

Ainda de acordo com Castro (2018), a identidade das mulheres que se casam com militares é fruto dessa convivência cultural permeada por valores sólidos, definidos e marcados pelos elementos de masculinidade. Contudo, nessa convivência, elementos da experiência subjetiva dessas mulheres se misturam e as vezes se chocam com a identidade de seus maridos, criando-se um “caldo” cultural novo, constituído por relações de estabilidade e instabilidades emocionais. Assim afirma o autor:

Cada mulher que casa com um militar traz consigo sua historicidade, ou seja, as memórias sociais dos territórios de origem. São mulheres oriundas de diversas localidades brasileiras. Mulheres que valorizam suas origens, mas que depois de algum tempo, não se denominam mais cariocas, mineiras ou paranaenses, e sim brasileiras, pertencentes à 'família militar', buscando apoio umas nas outras e fazendo de seus vizinhos uma família. (Castro, 2018, p. 120)

No Brasil, a carreira militar era, até recentemente, exclusividade masculina. O ingresso de mulheres começa na década de 1980, pelos quadros complementares das Forças Armadas e, apenas na primeira década do século XXI, também na linha bélica. Mesmo assim, a instituição militar continua a estar fortemente centrada num *ethos* masculino e num modelo tradicional de família.

O contexto histórico da sociedade brasileira e sua evolução ao longo do tempo contribuiu para construção de um embasamento jurídico que garantisse a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Essa mudança de mentalidade gerou não só a quebra do paradigma social, que via a profissão militar como algo exclusivo ao público masculino, mas também, autorizou o ingresso das mulheres nas Forças Armadas (Gouvêa, 2023).

Essa conquista, do público feminino de ocupar seu espaço dentro das FA, foi fruto de uma evolução histórica que diz respeito à luta das mulheres, organizada em forma de movimento, que de maneira paulatina, conquistou e vem transpassando barreiras. Se ao longo dos anos os movimentos feministas não tivessem conquistado, ainda que aos poucos, direitos e garantias básicos para as mulheres, muito provavelmente a sociedade ainda não estaria pronta para aceitar que mulheres fizessem parte das Forças Armadas, um ambiente exclusivamente masculino, que considerava as mulheres como um ser frágil e incapaz.

Assim ressaltou D'Araújo (2004), a entrada de mulheres no universo militar é compreendida como uma conquista democrática e como um problema institucional. Paradoxalmente, esse processo que passou a ocorrer no final do governo dos militares pode ter significado uma tentativa de “suavizar” e “abrandar”, aos olhos públicos, uma Instituição que vinha sendo acusada por seus atos ferozes, como prisões e torturas (Mathias; Adão, 2013); mas também apresentou relutância interna por parte de muitos militares, pois comprometia um espaço que tradicionalmente comportava uma exclusividade masculina, e incorporar mulheres significaria “romper” com valores culturais vigentes na instituição.

Isso é comprovado também por D'Araújo (2004) por intermédio de depoimentos de autoridades militares brasileiras que encaram a presença feminina nos quartéis de forma controversa. Para esses militares, as mulheres são vistas como seres naturalmente emotivos, pacificadores, indefesos, delicados, frágeis e que necessitam de proteção; enquanto os homens são tidos como seres naturalmente fortes, agressivos, e, portanto, compatíveis com a instituição militar que lida com o monopólio da violência. Embora essa visão configure-se como predominante no interior das Forças Armadas, cabe frisar que também são encontradas visões de militares que discordam dessas premissas e apoiam uma igualdade entre os gêneros (Carreiras, 2009).

Falando ainda sobre a complexidade do processo de incorporação do público feminino, Silva (2016, p. 20) comenta:

Dessa forma, no processo de incorporação (e a palavra não está aqui jogada à toa, é tornar-se corpo, literalmente) das mulheres como militares é que podemos observar, com mais clareza, uma alternância dos estilos de feminilidades e masculinidades, um jogo de alteridades que elas vivenciam no quartel: ‘ser mulher’ e/ou ‘ser homem’ em determinado conjunto de relações.

A respeito dessa dinâmica nas relações de gênero dentro dos quartéis, Silva, na sua pesquisa de 2006 na Academia da Força Aérea e no Instituto Militar de Engenharia do Exército, destaca que há situações em que as mulheres militares são vistas mais como “mulheres” do que como “militares”, cujo tratamento ora é educado demais, ora preconceituoso. Enquanto há outras instâncias em que elas consideram que, para serem mais vistas como “militares”, precisam apresentar menos qualidades “naturalmente” masculinas (liderança, coragem). Porém, uma nova relação é evidenciada; elas também reconhecem que o fato de serem mulheres numa rede predominantemente masculina, embora apresente dificuldades, também proporciona algumas mudanças positivas, principalmente em atitudes e comportamentos, gerando, de acordo com elas, uma maior flexibilidade e sentimentalismo no meio militar.

Em outras situações, as militares também necessitam desempenhar a função de “esposa de militar”, como, por exemplo, quando o marido também for militar e exercer algum cargo de chefia na corporação. Espera-se que ela assume funções de “esposa de militar” em determinados eventos, como no cerimonial de passagem de comando do marido e na organização de atividades que reúnam as esposas dos militares da guarnição. Nessa perspectiva, observa-se que o Exército tem dificuldades em lidar com a mulher no ambiente de trabalho e, em determinados contextos, “resgatar” para “assumir” funções tradicionais, como meio de evitar possíveis tensões. Parece que há circunstâncias em que a mulher como militar se torna incompatível com a estrutura, organização e previsibilidade do Exército. Como forma de resolver esses impasses, o Exército “feminiliza” a militar (Silva, 2010).

Um exemplo típico de como o Exército Brasileiro tem se esforçado para se autorrepresentar à sociedade, como uma instituição que busca o equilíbrio entre os gêneros, é o famoso slogan que criou desde a década de 1990: “Braço forte – Mão amiga” cujo objetivo é mostrar uma mudança da força terrestre na sua forma operacional.

O “Braço forte” simboliza a capacidade de defesa do país e a garantia da soberania nacional, alusão ao elemento guerreiro, combatente, heroico e masculino, que é motivo de “medo e apreensão e que jamais foi derrotado em campo de batalha”, agora passa a ser acompanhado pela “Mão amiga”, que evidencia seus “gestos generosos e pacificadores”, que reflete seu sentimento de solidariedade que ameniza o “sofrimento e carências” de pessoas em situação de calamidade pública e vulnerabilidade social. A “Mão amiga” é evocada em atividades que os militares

tomam como de tratamento humanitário: auxílio a população em desastres naturais, atendimento médico e escolar aos povos indígenas, campanhas de vacinação, construção de infraestruturas e participação em operações de paz. Assim, a “Mão amiga” carrega a sua versão feminina e simboliza todo o cuidado e “simpatia” com que o Exército aspira participar da vida nacional (Ribeiro, 2011).

Com esse *slogan*, o Exército assume para si elementos masculinos e femininos, mesmo que arbitrariamente essencializados na ideia de uma masculinidade hegemônica que prioriza a figura do militar combatente (Silva, 2016).

Convém ressaltar que a luta pela igualdade de gêneros não se restringe somente a vida interna do quartel, mas também dentro da própria família dos militares.

A pesquisa realizada por Castro (2018) revela tensões e conflitos vividos no cotidiano de mulheres casadas com militares forjados nos princípios da hierarquia e da disciplina militar, cujos valores são incorporados à vida familiar e pessoal. A influência da caserna no contexto familiar favorece o surgimento de embates, principalmente na compreensão do significado da autoridade dos chefes, a qual não pode ser questionada pelos seus subordinados. Essa postura dentro do quartel estimula o militar a colocar em prática essa estratégia como forma de garantir sua autoridade como chefe da casa e de exigir respeito e obediência por parte da esposa e dos filhos.

Ao comentar sobre o perfil das esposas dos militares, Castro (2018, p. 17) ressalta:

Embora algumas mulheres, antes de se casarem com militares, já tinham sido filhas de militares, constata-se que a maioria delas, por serem civis, nunca tiveram familiaridade com o ‘mundo militar’. Conheceram seus futuros maridos ainda muito jovens e encantaram-se com suas fardas, sendo comum a imagem de um ‘príncipe’ de contos de fada. Quase todas elas casaram-se logo após a formatura deles na AMAN, se possível em espaços militares, como as capelas do Colégio Militar ou da Vila Militar, cuja cerimônia religiosa, contou com o tradicional ‘cruzamento de espadas’ dos colegas do marido, ritual que não significa apenas um detalhe luxuoso do cerimonial, mas também anuncia que a noiva está casando com a profissão do marido.

Esse “casamento” da esposa com a profissão do marido só terminará quando o militar for para a reserva. Pois a carreira do marido torna-se o centro de um *projeto familiar*, obrigando a esposa a suspender, temporariamente sua atividade profissional, sua faculdade ou seus planos pessoais, para dedicar-se quase que “exclusivamente” ao cuidado do marido e dos filhos. Nesse ponto, percebe-se, claramente, a hierarquia e a disciplina, consideradas “pilares” da vida militar, permeando o cotidiano das

esposas dos militares, mesmo elas não tendo qualquer vínculo formal com a instituição, vão internalizando isso, seja dentro de casa na relação com seus maridos ou fora de casa no relacionamento com as outras esposas de oficiais onde a mais “antiga” é sempre a esposa do comandante do quartel. Muitas vezes, essa hierarquização das mulheres é perceptível nas reuniões e eventos promovidos pela esposa do comandante, pois ela é considerada uma espécie de “mãe” para as mulheres mais jovens.

Por isso, enquanto o militar estiver no serviço ativo, a esposa terá que aprender a lidar com muitos desafios da profissão do marido, como por exemplo: as *transferências* de uma cidade para outra, que os obriga a assumirem uma *vida nômade*, em que a chegada a uma nova cidade é marcada, muitas vezes, por uma fase liminar, de espera de liberação da residência funcional em vilas ou prédios militares, os famosos Próprio Nacional Residencial (PNR), extremamente desejados pela economia que trazem para os orçamentos domésticos, quando se compara com o gasto que teriam no mercado de aluguéis. Essa espera se dá na maioria das vezes em hotéis de trânsito do Exército, ou em alguma residência provisória. Nessa fase, aprendem a importância da solidariedade de outras famílias militares que vivem no local, e que lhes emprestam utensílios de cozinha, roupas de cama e outros itens necessários, ou mesmo hospedam temporariamente os recém-chegados. Essa experiência marca, de fato, a primeira sensação de se pertencer à “família militar” em plenitude.

Ainda segundo o autor, a dinâmica de vida dessas esposas está, em certo sentido, vinculada às exigências da profissão de seus maridos, cujo papel se restringe a função de serem “mulheres-esposas”, que acompanham seus maridos nas jornadas de suas carreiras, dedicando-se integralmente à vida conjugal e aos cuidados dos filhos, num esforço para manter o equilíbrio entre o *self* íntimo e o *self* estatutário.

Embora as esposas dos militares não tenham sido doutrinadas na vida disciplinar e hierárquica do Exército, geralmente elas consideram que nas relações familiares, a autoridade inquestionável da figura do pai não pode ser confundida com autoritarismo, atitude propensa a ocorrer no ambiente de trabalho hierarquizado, cujas características, inerentes à instituição militar, são aptas a favorecer comportamentos excessivos.

Conforme observado até agora, percebe-se que os ciclos da vida e os momentos de transição pelos quais as esposas de militares passaram e continuam

passando são recorrentes e persistentes. Mesmo vivendo num período no qual o papel da mulher e do casamento alteraram-se profundamente na sociedade brasileira, manteve-se como ideal o modelo de uma tradicional família militar. Esse modelo não deve ser visto como imutável. Ele pode ser influenciado pelo contexto histórico e político que afeta a interação com a “sociedade civil”. Pode, também, sofrer o efeito de mudanças sociais, como a maior participação das mulheres no mercado de trabalho ou institucionais, como o ingresso de mulheres nas FA. Nesse caso, introduz-se um tipo novo na família: a mulher de militar que é também, ela mesma, um militar.

A releitura que a sociedade atual faz a respeito da figura feminina, do seu engajamento social pela conquista de seus direitos, como forma de garantir a igualdade de gênero diante de uma cultura machista, tem levado muitas esposas de militares a rever o seu papel, seus valores e suas visões a respeito de sua individualidade e de seu protagonismo em face aos desafios e as exigências da contemporaneidade.

## 4 FAMÍLIA MILITAR NA CONTEMPORANEIDADE

A sociedade contemporânea caracteriza-se pelo desprezo as regras e as tradições culturais na qual os vínculos conjugais são descartados e os laços familiares são rompidos, dando lugar a conflitos e disputas. Com isso, emerge uma pluralidade de formas familiares nas quais as relações conjugais são frágeis, frequentemente se dissolvem e são substituídas por outras.

Apesar disso, a família ainda é vista por grande parte da sociedade, como um valor, como o único lugar que acolhe incondicionalmente a pessoa, levando em consideração a totalidade do seu ser. É nas relações familiares que são aprendidos virtudes, valores, critérios e são treinadas as atitudes necessárias para que a convivência social seja mais civilizada, caracterizada pela cooperação e pela solidariedade entre seus membros.

Assim como os demais grupos sociais, a família militar, constituída pela figura do militar, seu cônjuge e filhos, vem sofrendo impactos decorrentes das profundas mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, que vêm surgindo ao longo dos tempos e que interferem na maneira de pensar e agir de seus membros, obrigando-os a repensar conceitos e valores absorvidos pelo ambiente militar. Essas mudanças também resultam em uma maior instabilidade nos laços conjugais, já que há uma ênfase crescente nos projetos individuais. Isso é constatado por Singly (2007, p. 128) que diz:

O período contemporâneo é caracterizado por um maior domínio do destino individual e familiar e isso por duas razões que reforçam um sistema de valores que aprova essa autonomia, desvalorizando a herança material e simbólica e as condições objetivas que permitem o controle desse domínio individual, sobretudo a contracepção e as leis relacionadas a ela.

As relações se tornam então mais frágeis porque passam a ter como foco a satisfação das necessidades afetivas dos indivíduos. Nessa perspectiva, quando não são atendidas, os cônjuges não se sentem obrigados a permanecer juntos para satisfazer alguma demanda da sociedade, que é percebida como sendo-lhes exterior.

Essa percepção da individualidade reforça a busca pela satisfação pessoal, o que leva à formação de relações baseadas na afetividade, aumentando, assim, o número de uniões livres. É interessante perceber que não há um desaparecimento do grupo conjugal, já que esse é tido como uma importante forma de angariar afetos.

Para Singly (2007, p.134), isso significa: “Uma valorização do reconhecimento de sua própria existência pelo outro e a necessidade de um outro significativamente estável, ao mesmo tempo que uma valorização da independência, da autonomia pessoal”.

É justamente a valorização dessa autonomia pessoal que transforma o engajamento no grupo familiar condicional.

Um exemplo típico que se encaixa nessa busca pela autonomia individual, dentro da família militar, é a necessidade de adentrar ao mercado de trabalho, imposta pela conjuntura econômica desfavorável e agravada pelo decréscimo do poder salarial dos militares. O fato de ter que acompanhar os maridos, almejando também uma profissão, tem despertado a necessidade de autonomia em muitas esposas, o que acarreta mudanças nos arranjos que atendem às necessidades específicas da profissão militar.

Por isso, em razão das dificuldades econômicas e financeiras que muitas famílias de militares enfrentam, verifica-se que, atualmente, há uma menor disposição das esposas em acompanhar seus maridos em suas transferências e tomar a decisão de manter-se no mercado de trabalho. Essa escolha pode ser identificada, também, como uma necessidade de realização individual, de conquista pessoal. Para as esposas mais jovens, socializadas de acordo com as demandas da contemporaneidade, esse tipo de escolha pode identificar uma adesão maior a um projeto pessoal e não ao projeto do marido, como acontecia com maior frequência anteriormente.

Embora existam, tanto por parte do núcleo familiar quanto por parte da Instituição, arranjos para equacionar as questões relativas às transferências, por vezes, o afastamento geográfico do casal acaba por resultar em sua separação conjugal, justamente quando a adequação às necessidades profissionais do marido resulta numa grande cota de sacrifícios por parte da esposa. Portanto, essa separação indica um movimento contrário: a valorização do projeto individual feminino diante da dificuldade de conciliação dos projetos de ambos.

Contudo convém ressaltar que, da mesma maneira que o engajamento da esposa no projeto do marido é importante para o sucesso da carreira dele, o desengajamento, por meio da separação, pode ser prejudicial para a consecução desse objetivo.

Segundo Santos (2018), mesmo com os desafios enfrentados pela família militar, percebe-se que ela não está reagindo de maneira passiva às mudanças. Na

verdade, esses desafios, que funcionam como um “dispositivo de influência sobre seus membros”, e que promovem a modificação nas maneiras de ser, pensar e agir de seus integrantes, ao mesmo tempo, conservam os valores e práticas nos quais ela se pauta. Essa postura provém dos valores que sustentam as Forças Armadas, que exigem um dever moral de seus integrantes, os quais ao enfrentar as dificuldades diversas saem fortalecidos em seus vínculos e laços pessoais. Essa alteração, devida às pressões externas que a sociedade atual trouxe, não consiste em um ponto negativo, porém é clara a mudança na estrutura familiar clássica (Silva Júnior, 2020).

De acordo com Reynaud (1988), independentemente do antagonismo social que tradicionalmente se opõe aos valores da Família Militar, é importante que ela busque se adaptar às transformações em curso da sociedade contemporânea, a fim de que possa aprender a lidar com os novos desafios tais como: conflitos conjugais, identidade de gênero, violência, alcoolismo e drogas.

## 5 ABORDAGEM RELACIONAL PARA FAMÍLIA MILITAR

No contexto social morfogênico como o contemporâneo, é preciso compreender “hermeneuticamente” a família tendo como “chave de leitura” a *reflexividade relacional* aplicada à relação entre identidade individual e social.

Pierpaolo Donati, ao abordar o tema da família, mostra uma visão ampla a partir de sua sociologia relacional e diz que grande parte do público tem dificuldade em compreender as funções que a família exerce para a sociedade. O autor argumenta que:

A partir de pesquisas empíricas nacionais e internacionais, sabemos que a resposta predominante é que a família é um bem comum, pois está no topo dos valores compartilhados como lugar de afeto, amor, solidariedade entre pessoas íntimas. Nesse sentido, a família é um bem comum simplesmente porque a maioria da população compartilha um apego a um bem privado, principalmente de natureza emocional. (Donati, 2018, p. 40)

Para Donati (2011), é preciso sair das abordagens que tentam definir a família como uma “coisa”, pois esta é uma definição equivocada. O autor adota uma visão propriamente relacional da família, definindo-a como: lugar-espço (a casa); célula da sociedade (por analogia orgânica com o organismo biológico); modelo (padrão simbólico); relação social (como ação recíproca que implica intersubjetividade e conexões estruturais entre sujeitos).

Petrini (2011) afirma que a maioria das teorias não consegue compreender como a família permanece em uma experiência vital. Embora ela seja considerada a mais importante e reconhecida como constitutiva da própria identidade primária, as pessoas não conseguem reconhecer o seu significado real, adequado à experiência vivida. Nesse sentido,

esta distância entre o fato de que a família tem um grande sentido na experiência pessoal e o de que não se consegue representá-la de modo adequado à importância que tem, configura um vazio que a teoria relacional procura preencher. Ela explica porque a família é tão importante na vida dos indivíduos e porque é tão desvalorizada na sociedade mais ampla e na esfera política (Petrini, 2011, p. 30).

Assim, para o autor supracitado, a teoria relacional propõe uma forma de observar a família, de avaliar a situação e intervir segundo o método relacional. Dessa forma, essa abordagem, não só favorece à pesquisa científica, mas também é

importante para operadores sociais. A partir desse ponto de vista, Petrini e Moreira (2020, p. 39) sinalizam que a observação deve focalizar as relações,

[...] pois os problemas da família nascem nas relações, não nos indivíduos. Os problemas implicam comportamentos e reações individuais, mas se situam no espaço das relações. Quando se toma os indivíduos como ponto de partida, não se chega às relações. Pelo contrário, partindo das relações, encontram-se os indivíduos.

Compreender as dinâmicas familiares a partir da abordagem relacional é essencial, haja vista todas as suas características se dão na relação, tanto para o bem como para o mal. Sendo assim, a família é considerada um bem relacional e produtora desses bens. Cada indivíduo tem o seu papel na teia familiar que, juntos, conectam-se e florescem, tornando-se sujeitos relacionais.

Não se pode compreender uma dinâmica familiar se não a intencionar como um efeito emergente dos mesmos relacionamentos bons ou ruins que ela produz. A família não é um grupo de indivíduos agregados, é uma relação social que emerge de seu próprio genoma constitutivo. Não aparece se não for gerada como tal. O genoma social da família é uma estrutura circunflexa entre quatro elementos: a motivação da doação gratuita, a regra da reciprocidade, a sexualidade do casal e a procriação (Donati, 2016, p. 156).

Para o sociólogo italiano, só há uma relação plenamente familiar quando acontece o entrelaçamento combinado desses quatro elementos ou componentes ligados entre si: a motivação da dádiva, a regra da reciprocidade, a sexualidade do casal e a generatividade, ter filhos ou pelo menos desejar-los.

A forma familiar da relação coincide com uma escolha interpessoal de amor conjugal que se abre a um projeto arriscado de vida comum, o qual procura a sua plenitude em regenerar continuamente um vínculo que significa viver para o outro. O dom é feito neste circuito de reciprocidade: a relação sexual é desejada com alguém que possui um caráter especial, tendo em vista a eventual geração de um ser (aquele filho e não um outro) que será expressão daquela relação de amor, e não outra (Donati, 2011, p. 80).

A análise relacional não centra sua atenção nos indivíduos, nos mecanismos, nas instituições, nas estruturas, considerados como objetos, como “coisas”, mas nas relações sociais que se estabelecem entre sujeitos humanos ao interagir nas diversas circunstâncias da vida social (Petrini; Moreira, 2020).

Indubitavelmente, o relacionamento orienta percepções, molda sentimentos e constrói identidade. Uma mãe com o seu filho, um pai com o seu filho, um casal ou todo um grupo familiar encontra a sua identidade na relação de pertença mútua. As identidades são formadas por relacionamentos por meio das emoções e sentimentos

que alimentam. Emoções e sentimentos levam a identidades positivas se gerarem relacionamentos maduros, ou seja, evoluídos, pois é na relação com os outros que se revela quem se é. A identidade do indivíduo depende do tipo de relacionamento que ele estabelece ao longo de sua vida é por meio das relações que passa a compreender sentimentos e emoções seja no presente, no passado e no futuro.

As dificuldades que se tem em assumir um ponto de vista propriamente relacional estão ligadas ao fato de as relações serem invisíveis, serem imateriais, serem bem intangíveis. Para entender o que isso significa, pode-se fazer uma comparação com o ar. Ele é invisível e intangível. Contudo não podemos viver sem ele. A mesma coisa acontece com os relacionamentos. Não se pode viver sem a relação com os outros. As relações são o ambiente do ser, não só corporal, mas também psicológico, cultural e espiritual. Quando o relacionamento com os outros se torna um problema irritante, se é levado a refletir sobre o que fazer e tentar encontrar uma solução. Além disso, o problema relacional não deve ser reduzido a fatores individuais, pois embora sejam necessários, não são absolutamente suficientes para resolver conflitos.

Quando se busca modificar um relacionamento concentrando-se exclusivamente na mudança individual – concebida como a simples adesão do sujeito a um determinado comportamento –, o resultado tende ao fracasso.

Na família, por exemplo, o tipo de relação que deve prevalecer é a relação *Eu-Tu* e não a relação *Eu-isso*. Por isso a flexibilidade adequada para estabelecer um clima sereno e positivo no ambiente familiar, não é a flexibilidade do indivíduo que decide o que fazer com base nos seus próprios interesses, mas é a da pessoa, enquanto indivíduo em relacionamento, que reflete não apenas “na primeira pessoa”, mas também do ponto de vista do outro, ou seja, de acordo com a ética da segunda pessoa. Isso é flexibilidade relacional.

A flexibilidade relacional é diferente da flexibilidade entendida como uma operação apenas da mente individual, porque, embora seja uma atividade mental da pessoa, é influenciada pelo seu corpo, que está envolvido na relação e por isso deve estar aberta para buscar o bem da relação. Disto provém uma frase icônica para os cônjuges: *“bem-aventurados aqueles que se casam não pelo simples fato de estarem apaixonados, mas para procurarem o bem da sua relação”*. É de uma boa relação que derivarão os bens individuais.

A família necessita de um imperativo reflexivo que não somente leve o indivíduo a refletir sobre a relação a partir de si mesmo, mais que também o torne capaz de refletir sobre a relação a partir do ponto de vista do outro, visando o bom relacionamento como tal. Isso exige que, nas relações com os outros, a conversação interna se abra à conversação externa, ou seja, é preciso sair da autorreferencialidade para equilibrar a autorreferência e a hetero-referência.

A família é o principal bem relacional da sociedade, porque é partir dela que surgem todos os bens relacionais que caracterizam as qualidades humanas e espirituais da vida de cada indivíduo tais como: confiança, amizade, doação de si, reciprocidade, disponibilidade para cooperar com os outros e capacidade de criar vínculos estáveis. No entanto, esses bens pelo fato de serem algo imaterial, são invisíveis a olho nu e sem um olhar relacional é impossível enxergá-los.

Donati (2011) esclarece que o conceito de bem relacional surgiu de forma específica durante a década de 1980 e sofreu uma variabilidade crescente de significados e, também, provocou alguma confusão, pois foi utilizado e interpretado com diferentes interesses e marcos conceituais, em particular, pela ciência política, economia, sociologia, psicologia social e, até mesmo, pela filosofia. O autor ainda afirma que todas as formas de compreender o bem relacional do ponto de vista eminentemente prático, pela utilidade que pode ter nos processos econômicos, bem como na governança e regulação da sociedade, são enganosas.

Após descrever a complexidade das abordagens sobre bens relacionais que abrangem as várias áreas do conhecimento, Donati (2011) assume o caráter sociológico desse conceito e afirma que a confusão das concepções está ligada à polissemia dos dois termos que compõem o conceito: as palavras bens e relacionais. Assim, ele define a palavra “bem” do ponto de vista sociológico, dizendo que:

Definimos o bem não do ponto de vista de uma ética normativa de natureza dedutiva, mas como uma realidade que satisfaz as necessidades estritamente humanas, e é ‘bem’ na medida em que realiza essa satisfação. O caráter ético inerente à noção de bem não está obviamente excluído, mas sim incluído, porém não é posto a priori, mas deriva da natureza, do sentido e da função social das relações que humanizam a pessoa humana (Donati, 2011, p. 8).

O autor explica, ainda, que o conceito de “bem” equivalente ao conceito anglo-saxão se refere a uma entidade concreta “que se troca e circula entre pessoas e grupos sociais. Mas não pode ser traduzido com o termo ‘mercadoria’, porque os bens

relacionais não têm equivalentes monetários e não estão sujeitos às leis do mercado” (Donati, 2011, p. 21-52).

O termo “relacional” também apresenta grandes problemas de definição, segundo Donati, devido às várias formas de entender e abordar o conceito de relação. Contudo, esse autor adota a perspectiva da sociologia relacional que viabiliza a teoria até então mais desenvolvida da relação social como uma realidade que “faz a sociedade e constitui os fatos sociais” (Donati, 2011).

Portanto, os bens relacionais não são “coisas”, mas consistem em relações sociais que têm uma realidade *sui generis*; eles são produzidos e desfrutados juntos por aqueles que deles participam. O bem que eles trazem é um efeito emergente, que resulta em benefício dos participantes, sem que nenhum deles seja capaz de se apropriar disso por conta própria (Donati, 2014).

Aqui caberia uma extensa e complexa explanação do que são bens relacionais na concepção de Donati. No entanto, o essencial, neste contexto, é entender que, bem relacional, “É a relação que orienta as percepções e dá forma aos nossos sentimentos, que naturalmente são elaborados dentro de nós mesmos” (Donati, 2016, p. 152).

Assim, conforme esse autor, um grupo familiar encontra sua identidade na relação de pertencimento recíproco. O sentimento vem desse relacionamento que faz parte da existência humana, não apenas corpórea, mas também, e sobretudo, psicológico, cultural e espiritual.

Entender as dinâmicas das famílias dos militares a partir a abordagem relacional é essencial, haja vista todas as suas características se dão na relação, tanto para o bem, como para o mal.

Para Donati (1991, p. 33), a família tem um caráter supranacional, assim o autor adverte:

A família não existe para satisfazer uma ou algumas funções sociais, mas um leque potencialmente indefinido, enquanto a família é uma relação social plena, ou seja, um ‘fenômeno social total’ [...] que implica todas as dimensões da existência humana.

Ainda de acordo com o autor, o paradigma relacional vai além dos paradigmas individualistas e holistas, afirmando que “as mudanças sociais da família consistem na emergência de realidades sociais praticadas por sujeitos que estão em relação entre si num determinado modo, ou seja, a forma familiar”. Assim,

deste ponto de vista, podemos dizer que a relação familiar é aquela referência simbólica e intencional que conecta as pessoas enquanto gera e atualiza um vínculo entre elas como genitores (casal) e gerados (filhos). A relação familiar fundamenta-se na influência que os termos da relação têm um sobre o outro e no efeito de reciprocidade que emerge entre eles (Donati, 2011, p. 94).

As relações familiares geram “bens relacionais” fundamentais para a construção de capital social relevante e vantajoso para a convivência em sociedade.

Petrini e Moreira (2020) e Donati (2003) destacam como bens relacionais significativos para a convivência social: confiança, reciprocidade, amor, proteção, os quais são constituídos por meio da família.

Petrini e Cavalcanti, ao analisarem que tipos de dádiva podem ser reconhecidos nas relações familiares, afirmam que: “As mudanças que estão acontecendo nas relações familiares são, em grande medida, provocadas ou fortemente influenciadas pelas alterações que se verificam na sociedade” (2020, p. 53).

Não basta que os pais sejam suficientes bons, para os filhos serem bons. É necessário que a relação entre ambos funcione bem. A família é um bem relacional e produz bens relacionais se e quando consegue garantir que cada indivíduo possa personalizar o seu papel na rede familiar, ou seja, quando a rede permite que pais e filhos floresçam como “sujeitos relacionais” que amadurecem ao longo do tempo. O sujeito relacional é aquele que encontra sua própria identidade ao se relacionar com os outros segundo a ética da primeira pessoa, quem sou para mim, e da segunda pessoa, quem sou para você.

O paradigma relacional vai além dos paradigmas individualistas e holistas, pois as mudanças sociais da família consistem na emergência de realidades sociais praticadas por sujeitos que estão em relação entre si no contexto familiar. Desse ponto de vista, podemos dizer que a relação familiar é aquela referência simbólica e intencional que conecta as pessoas enquanto gera e atualiza um vínculo entre elas como genitores (casal) e gerados (filhos). A relação familiar fundamenta-se na influência que os termos da relação têm um sobre o outro e no efeito de reciprocidade que emerge entre eles (Donati, 2011).

Segundo Dias e Petrini (2020), as relações familiares geram “bens relacionais” e são fundamentais para a construção de *capital social*, que é definido como o conjunto das redes associativas, dos valores e do nível de confiança que permitem o bom funcionamento de uma sociedade.

Ainda pensando-se em família como formadora de capital social, Cunha (2013), já havia afirmado que ela adquire o *status* de um capital social de grande notoriedade para a sociedade, uma vez que as relações familiares produzem “bens relacionais”, como a confiança, a reciprocidade, a cooperação, o amor e a proteção, ou seja, produz elementos fundamentais para a pessoa e seu convívio em sociedade. Por meio da cooperação, os membros da família se habitam em prover as necessidades um do outro, estimulando-os à vivência da reciprocidade, que se concretiza num contínuo esforço em saber responder ao dom recebido com uma retribuição, gerando assim a confiança interpessoal, comunitária e generalizada.

Além disso, a família ainda possibilita que a pessoa construa sua orientação pró-social. Dessa forma, é no desenvolvimento das relações familiares de reciprocidade e de cooperação entre os membros de diferentes gêneros e gerações que é estabelecido o ambiente microssocial indispensável para a criação e aprendizado de ativos afetivos, cognitivos, normativos e valorativos que são os alicerces dos vínculos sociais (Prandini, 1998 *apud* Cunha, 2013, p. 52-53).

Sendo assim, os bens relacionais são virtudes sociais baseadas ou fundadas nos bens conjugais e geracionais, no amor conjugal e no amor entre pais e filhos, ou seja, a família é um patrimônio para as novas gerações, por isso deve reconstituir-se continuamente. Para tanto, é necessário que haja uma transmissão. Conforme Fornasier:

Um ambiente familiar virtuoso significa ativação da capacidade de agir em função da experiência fundamental do bem, que, para retomar as categorias de Pierpaollo Donati, se torna geradora (não somente porque é chamada a transmitir a vida, mas porque é chamada a transmitir também o modo de agir conforme a dignidade dessa vida humana e familiar) de capital humano e capital social sem igual. (Fornasier, 2018, p.109).

Dessa forma a família se torna o lugar no qual o interesse à totalidade da pessoa representa o ultrapassar e a combinação dos papéis individuais, com a construção de uma “história relacional” que compromete no tempo, fornece identidade e antecipa o futuro. Vale a pena ressaltar o que disse as autoras, Araújo, Carvalho, Macena e Viera (2020, p. 70), sobre a família:

A família representa o espaço de socialização, e exercício da cidadania. A família, é caracterizada como parte essencial do processo de saúde emocional de seus membros. Os laços familiares permitem, a construção da ideia de pertencimento e de companheirismo entre seus membros, o que possibilita a formação da abordagem de proteção e bem-estar.

Diante do que foi explicitado a respeito da abordagem relacional, pode-se deduzir que esse tipo análise ajuda bastante na reflexão das realidades e peculiaridades que envolvem as famílias dos militares, no sentido de compreendê-las como um bem relacional a ser explorado, assim como conhecer suas características e também seus fatores constitutivos e, dessa forma, contribuir com ações estratégicas para ajudar seus membros em situação de conflitos e vulnerabilidades sociais e psíquicas.

## 6 REFERENCIAL METODOLÓGICO

Durante o percurso metodológico da pesquisa foi selecionado o método, a técnica e o procedimento tanto para a coleta, organização e análise dos dados, como para o delineamento da pesquisa de campo.

### 6.1 NATUREZA DA PESQUISA E ESCOLHA DO MÉTODO

Para alcançar os objetivos delineados neste estudo de pesquisa científica, que aborda as vivências do vínculo afetivo familiar no ambiente militar, foi adotado como método, a investigação empírica e exploratória, inserida num contexto de estudo qualitativo. Entende-se que essa modalidade de investigação privilegia o universo de significados, os motivos, as aspirações, crenças, valores e atitudes dos sujeitos, o que corresponde à constituição de um espaço mais profundo de análise das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (Minayo, 2001).

De acordo com Minayo (2010), a abordagem qualitativa centra-se na experiência humana e no reconhecimento de sua complexidade, e preocupa-se com a compreensão das visões e interpretações dos diferentes atores sobre fenômenos sociais, o significado e a intencionalidade que estes últimos lhes atribuem. Nesta linha de raciocínio, Goldenberg (2011) entende que os métodos qualitativos enfatizam as particularidades de um fenômeno em termos de seu significado e sentido para o grupo pesquisado. Alinhadas com tais contribuições, e, dada a natureza do objeto desse estudo, optou-se por partir de um enfoque metodológico de cunho qualitativo.

Trata-se de uma investigação focal, afetiva e que leva em consideração a individualidade de cada pessoa. Nessa modalidade, o pesquisador participa gravando narrativas, crenças, mitos, histórias e estórias, confissões e denúncias, visões de vida e do mundo, registrando falas e silêncios, compartilhando também dores e alegrias, conquistas e fracassos visando a descoberta do outro que acontece no diálogo, no vínculo e no serviço. (Brandão, 1999)

A pesquisa qualitativa, conforme ainda elucida Minayo (1996), é uma das ferramentas mais representativas de investigação de fenômenos da realidade,

especialmente, quando os temas ponderados são amparados pelos valores culturais e representações de determinados grupos.

Para Nascimento (2016), a pesquisa qualitativa é um dos instrumentos mais significantes de investigação dos fenômenos da realidade, além do mais quando estes são firmados pelos valores culturais de apurados grupos.

Diante dessas características, a pesquisa participante de cunho qualitativo tem seu foco de interesse voltado para o indivíduo e para suas relações e interações com a família e com o ambiente.

Assim sendo, temos um método que se debruça sobre as formas de percepção do mundo, de comunicação, de autoconhecimento e de conhecimento dos problemas humanos. Trata-se de um método através do qual o investigador interpreta o mundo embasado nas interações, assim como estabelece significados por meio de interações e partilha de experiências.

## 6.2 PARTICIPANTES

Foram convidados cinco casais sendo que um casal é composto por dois cônjuges militares, enquanto os demais, as esposas são todas civis. Nesse grupo de cinco casais, três militares são oficiais e dois são praças. O objetivo desse critério de seleção, foi compor uma representatividade considerável do fenômeno pesquisado. Além disso, foram escolhidos nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes.

### *Casal entrevistado 1*

Guto e Morena: casados a 26 anos. Ele, 53 anos, nascido em Salvador-BA, militar com 30 anos de serviço ativo, com a graduação de subtenente e possui ensino superior técnico. Ela, 54 anos, nascida em Salvador-BA, doméstica e possui ensino médio completo. Ambos casaram só uma vez e possuem dois filhos, um rapaz e uma moça.

### *Casal entrevistado 2*

Lion e Flora: casados a 19 anos. Ele, 43 anos, nascido em Belém-PA, militar com 26 anos de serviço ativo, com o posto de major e possui

ensino superior e pós-graduado em ciências militares. Ela, 45 anos, nascida em Aquidauana-MS, doméstica e possui ensino médio completo. Ambos casaram só uma vez e possuem dois filhos, um menino e uma menina.

#### *Casal entrevistado 3*

Beto e Loira: casados a 4 anos. Ele, 32 anos, nascido em Aracaju-SE, militar com 12 anos de serviço ativo, com a graduação de 2º sargento e possui ensino superior técnico. Ela, 27 anos, nascida em Aracaju-SE, doméstica e possui ensino superior no curso de direito e pós-graduação em direito ambiental. Ambos casaram só uma vez e possuem um filho, um menino.

#### *Casal entrevistado 4*

Rick e Megan: casados a três anos. Ele, 24 anos, nascido em Tubarão-SC, militar com sete anos de serviço ativo, com o posto de 1º tenente e possui ensino superior em ciências militares, pós-graduação em administração pública. Ela, 25 anos, nascida em Tubarão-SC, doméstica, concluindo o ensino superior no curso de enfermagem. Ambos casaram só uma vez e não possuem filhos.

#### *Casal entrevistado 5*

Brian e Diva: casados a 25 anos. Ele, 49 anos, nascido em Aragarças-GO, militar com 32 anos de serviço ativo, com o posto de Coronel e possui ensino superior em ciências militares e pós-graduação em defesa e estratégia. Ela, 47 anos, nascida em Feira de Santana-BA, militar com 20 anos de serviço ativo, com o posto de major e possui ensino superior no curso de enfermagem e pós-graduação em auditoria de saúde.

### 6.3 COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram utilizados instrumentos e técnicas de pesquisa para envolver os sujeitos na construção dos enredos que pudessem revelar as lentes pelas quais fosse possível compreender as suas relações sociais e familiares. Sendo assim, o pesquisador fez uso da entrevista semiestruturada cujos dados obtidos, foram analisados e interpretados do ponto de vista da qualidade e não da quantidade. Tal entrevista foi elaborada seguindo um roteiro básico, levando em consideração os objetivos do trabalho, complementado por outras questões intrínsecas às circunstâncias momentâneas da pesquisa. O roteiro da entrevista teve como finalidade identificar, através da fala dos sujeitos da investigação, sua opinião pessoal a respeito da maneira como vivenciam a dinâmica do vínculo afetivo familiar, em face as exigências da profissão militar e da busca pela autonomia individual. Convém ressaltar que as perguntas foram elaboradas com o intuito de garantir maior flexibilidade e liberdade no discurso.

Para Minayo (2004), esse tipo de entrevista não segue uma sequência rigorosa, o pesquisador sente-se livre para fazer questionamentos que venham a surgir durante o diálogo e que sejam importantes para a pesquisa. Nesse caso o roteiro da entrevista serviu para dar direção e não para restringir o rumo da pesquisa dos entrevistados. Nessa direção, a técnica de entrevista aplicada nesta pesquisa analisou aspectos relevantes numa perspectiva temporal, ou seja, a compreensão de família para os militares e seus dependentes, suas vidas no passado, no presente e as suas perspectivas de futuro.

O pesquisador também fez uso de um gravador portátil para realizar a entrevista semiestruturada. Essa ferramenta foi útil tanto para a coleta de dados, quanto para o entendimento das respostas dos participantes.

Além disso o pesquisador fez uso de um diário de campo personalizado (caderno de campo) para registrar não só o comportamento dos entrevistados, mas também suas próprias reações e interpretações.

A coleta de dados foi realizada durante os meses de janeiro e fevereiro de 2025, nas residências dos militares, localizadas na vila militar dos oficiais, no bairro Pituba e na vila militar dos subtenentes e sargentos, sediada no bairro do Cabula, ambas na cidade de Salvador-BA, cuja data e horário foram agendadas pelo WhatsApp, de acordo com disponibilidade do militar e da esposa. Já a entrevista com

o grupo focal, formado por dez alunos do Colégio Militar, aconteceu numa sala reservada no próprio estabelecimento de ensino, no horário de intervalo das aulas no período matutino.

#### 6.4 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

No que diz respeito aos procedimentos éticos, o trabalho de pesquisa de campo ocorreu após apreciação e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Salvador (UCSal), mediante a apresentação dos documentos exigidos pelo órgão supracitado tais como: projeto de pesquisa assinado pelo orientador e pelo orientando, Termos de Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes e dos responsáveis (TCLE), roteiro da entrevista semiestruturadas e a autorização da instituição militar envolvida na pesquisa, nesse caso, o Quartel General da 6ª RM.

Essas exigências foram essências para garantir a segurança dos aspectos éticos na execução da pesquisa. Neste sentido, todos os sujeitos convidados a participar do estudo foram informados sobre o seu caráter voluntário, tendo sido repassado aos mesmos dois Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), um termo para solicitar a autorização dos casais na pesquisa e o outro termo para que os responsáveis pudessem autorizar a participação dos adolescentes na pesquisa. Esses documentos serviram tanto para amparar a segurança do trabalho de pesquisa como também proporcionou a cada participante e aos responsáveis, a oportunidade de lê-los a fim de poder conhecer sua finalidade e dirimir suas dúvidas no tocante a questões relacionadas à pesquisa. Essas medidas foram bastante pertinentes, face ao caráter hierárquico e disciplinar conformador da instituição, o que poderia levar os sujeitos a se sentirem pressionados, de alguma forma, a participar do estudo.

Por fim, entende-se que a realização de uma pesquisa clara e bem definida é fundamental para a compreensão do objeto de estudo que será observado. Amado (2014) explica em seu livro chamado *Manual de Pesquisa* que esses aspectos são igualmente cruciais como pontos de partida para a investigação. Quanto ao que e quem observar, o autor afirma que se pode considerar que a seleção dos ambientes, as circunstâncias e os indivíduos a serem observados dependerá das questões de

pesquisa, das metas a serem alcançadas e das teorias iniciais que guiarão todo o processo de investigação científica.

As entrevistas com os casais foram feitas individualmente, sendo previamente agendado o dia, o horário e o local, combinado com o entrevistado para sua realização. Visando assegurar o sigilo e anonimato dos participantes, foram escolhidos nomes fictícios pelo pesquisador a fim de poder identificá-los no trabalho final.

Outros aspectos salientados no estudo foram a vantagem e desvantagem da aplicação da pesquisa participante no contexto militar. A primeira situação, concentra-se na condição do próprio pesquisador, sendo oficial do Exército Brasileiro, conseguiu facilmente autorização do comandante para ter acesso aos militares. Já na segunda situação, o pesquisador teve que enfrentar outro desafio: utilizar corretamente os instrumentos e a linguagem adequada na realização das entrevistas, visto que se trata de um público bastante reservado e prevenido.

Convém ressaltar que a elaboração e a execução desse projeto de pesquisa só foi possível graças ao apoio do orientador que foi fundamental para que o orientando pudesse delinear seu campo de pesquisa e especificar seu objeto de estudo. Suas orientações contribuíram tanto na definição do tema, como também na fundamentação teórica e principalmente na escolha da metodologia de pesquisa.

## 6.5 ANÁLISE DE DADOS

As entrevistas foram transcritas e analisadas individualmente. Os dados coletados na entrevista foram avaliados de acordo com a Análise de Conteúdo, especificamente, a Análise Temática. Segundo Minayo (2010, p. 316) “fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõe uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado”.

Desse modo, a análise temática desdobra-se em quatro etapas: a pré-análise: a exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. Na pré-análise, a fase denominada leitura flutuante requer que o pesquisador tome conta direto e intenso com o material de campo, deixando-se impregnar pelo seu conteúdo; numa segunda fase, na constituição do corpus, o texto examinado de forma a contemplar os seguintes parâmetros: exaustividade – que o material contemple todos

os aspectos levantados no roteiro; representatividade, que ele contenha as características essenciais do universo pretendido; homogeneidade – que obedeça aos critérios precisos de escolha quanto aos temas e aos atributos dos interlocutores; pertinência – que os documentos analisados sejam adequados para dar resposta aos objetivos do trabalho.

A última fase, a formulação e reformulação de hipóteses e objetivos, é o processo que consiste na retomada da etapa exploratória, tendo como parâmetro da leitura exaustiva do material, as indagações iniciais. A exploração do material consiste essencialmente numa exploração classificatória que visa a alcançar o núcleo de compreensão do texto. No tratamento dos resultados obtidos e interpretações, propomos inferências e realizamos interpretações, inter-relacionando-as com o quadro teórico desenhado inicialmente ou abrindo outras pistas em torno de novas dimensões teóricas interpretativas, sugeridas pela leitura do material.

Foram identificados onze núcleos de sentido que expressavam os valores de referências através de temáticas. Foram eles: o conceito de família, relacionamento conjugal, significado de vínculo afetivo, o estilo parental adotado na educação dos filhos, a influência do militarismo na família, o divórcio dos pais na vida dos filhos, autonomia individual dos cônjuges e dos filhos, o impacto da transferência militar, as configurações familiares da contemporaneidade, o problema da violência e das drogas e o parecer pessoal a respeito da religião. Dessa forma, foram abordados os temas predominantes nas falas dos participantes e analisados com base na literatura consultada.

## 6.6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir das respostas dos entrevistados foram realizadas a análise e a discussão dos resultados.

### 6.6.1 Entrevista com os casais

O conteúdo da entrevista com os casais foi construído a partir da identificação de dez núcleos de sentido, extraídos das entrevistas: conceito de família, relacionamento conjugal, importância do vínculo afetivo na família, estilo parental

adotado na educação dos filhos, influência do militarismo na vida familiar, o divórcio dos pais na vida dos filhos, autonomia individual dos cônjuges e dos filhos, os impactos da transferência militar, as configurações da família na contemporaneidade, violência, drogas e identidade de gênero. Eles foram destacados devido à frequência com que foram verbalizados pelos casais em consonância com os objetivos da pesquisa.

### 6.6.1.1 Conceito de família

Nas Forças Militares brasileiras, o “sentido de ser família” funciona como um marcador de identidade e pertencimento, seja para unificar a formação e garantir a unidade nas ações operacionais, seja para referenciar valores, princípios e posturas que representam o contexto institucional (Celestino, Hamann, 2022, p. 30). Sendo assim, concorda-se com os apontamentos propostos por Sarti (2004, p. 13) quando a autora destaca a possibilidade de pensar a noção de família como uma categoria nativa: “de acordo com o sentido a ela atribuído por quem a vive, considerando-o como um ponto de vista.”

Todos os casais entrevistados falaram que o conceito de família está relacionado com a vivência do vínculo afetivo. Todos eles vêm a família como alicerce, a base de tudo, porto seguro, amor, compreensão, carinho, lugar de colaboração recíproca, de estar junto em todos os momentos, seja nas horas boas ou ruins. Ela é a célula da sociedade onde são formados os valores que são transmitidos dos pais para os filhos. Em suma, a família é sentida e reproduzida pelos militares e seus dependentes como recurso de apoio e ajuda mútua. Percebe-se isso na fala dos entrevistados que será apresentada a seguir.

**Guto:** família é o alicerce, é a base de tudo. Eu gostaria de dizer que quando falo da minha família, as lágrimas me vêm aos olhos, pelo sentimento e por tudo o que a família representa pra mim [...] é ela que me dá o sustento necessário pra eu bem desempenhar o meu trabalho. Se hoje sou merecedor de elogios é porque a família me proporcionou isso.

**Lion:** família tem várias definições, mas sendo bem simplório é amor, é compreensão, é carinho. A gente compreende família como o homem ter esposa e filhos e a partir daí se forma uma família. Mas, não é só isso, tem que ter compreensão amor, carinho e atenção.

**Beto:** família é amor, é união, é estar junto em todos os momentos, nas horas boas e nas horas ruins.

**Megan:** família para mim é união, é colaboração recíproca, é uma experiência de vida em comum.

**Diva:** Pra mim família é a célula-mãe da sociedade. É o lugar no qual criamos e formamos nossos valores aprendidos com nossos pais que nos mostraram o que é certo e o que é errado. Então ter uma família estruturada é muito importante pra nossa criação e pra nossa formação. Quando alguém nasce numa família desestruturada tende a ser desestruturado também e consequentemente desestrutura a sociedade também.

Dessa forma, o conceito de família emitido pelos entrevistados é o mesmo ensinado no âmbito do Exército Brasileiro e que está apoiado na ideia tradicional de família como uma unidade constituída pelo pai, pela mãe e pelos filhos onde prevalece a autoridade paterna, as relações de afeto e a solidariedade tanto entre relações tidas como hierárquicas – pai e filhos – como relações horizontais entre irmãos e que se estende para as características encontradas e estimuladas no quartel como a coletividade, o espírito de união e a camaradagem.

#### **6.6.1.2 Relacionamento conjugal**

A conjugalidade é um processo de construção de uma realidade comum em que cada parceiro, ao se engajar na relação a dois, experimenta uma reconstrução de sua realidade individual, criando referências comuns e uma identidade conjugal. No núcleo relacionamento conjugal, todos os entrevistados ressaltaram a importância do afeto recíproco entre marido e mulher e que deve ser traduzido como: compreensão, honestidade, confiança, lealdade, paciência doação mútua. Segundo eles, esses elementos são o que sustentam a relação dos cônjuges. De acordo com Castro (2018, p. 133), a vida conjugal, no contexto militar, é feita de afetos quanto de rotinas diante das obrigações profissionais, paternos, maternos e conjugais, exigindo do casal não uma articulação, mas também uma cooperação de ambos, no cumprimento desses deveres. Isso é fundamental para que haja um sentimento amoroso recíproco e coesão interna entre os cônjuges. Esses elementos foram ressaltados na fala dos entrevistados.

**Morena:** para mim o que sustenta uma relação conjugal é o afeto que um deve sentir pelo outro. E esse afeto deve ser traduzido em diálogo.

**Guto:** para mim o afeto na relação conjugal deve ser manifestado através do companheirismo e do respeito recíproco no sentido de querer o bem, o crescimento e a felicidade um do outro.

**Lion:** Para mim o que sustenta uma relação conjugal é o amor recíproco que significa compreensão um do outro. Por exemplo, eu e minha esposa temos nossas falhas muitas vezes nos desentendemos, ficamos chateados, mas a gente acaba superando tudo, justamente porque nos amamos e temos um objetivo comum: sermos felizes.

**Rick:** Pra mim o que sustenta uma relação conjugal é a honestidade, amor, dedicação, lealdade e a paciência.

**Diva:** Pra mim o que sustenta uma relação conjugal, além do companheirismo, é o amor, a fidelidade, a confiança mútua, ou seja, saber que um pode contar com outro...gosto muito de falar que há uma diferença entre amor e paixão. Na paixão a gente não consegue enxergar o defeito do outro... é Deus no céu e aquela pessoa na terra que são perfeitas. Com o passar do tempo, a relação vai ficando mais amadurecida, porque você passa a ver os defeitos do outro, convive e aprende a aceitar. É nessa convivência que os dois precisam se corrigir... daí passa a ser só um, ou seja, a convivência acaba que tornando o jeito de ambos parecido. Pra isso é importante que os dois tenham muita paciência.

No ambiente militar a vida do casal é feita tanto de afetos quanto de rotinas diante das obrigações paternas, maternas e conjugais. Com isso, supõe-se que existe uma articulação

Analisando as falas dos casais, percebeu-se a preocupação tanto do esposo quanto da esposa de viver uma relação conjugal saudável e feliz, através de um convívio afetivo e harmonioso, onde possam crescer e evoluir juntos como indivíduos e como casal. A comunicação entre os cônjuges, o cultivo da conexão física e emocional, a confiança e o respeito à individualidade do outro, o apoio recíproco, a resiliência na relação e a capacidade de saber reinventar, são alguns elementos que dão sentido e sustentam a relação conjugal. Considerando a vivência da conjugalidade no contexto militar podemos dizer que ela constitui um paradoxo das conjugalidades contemporâneas justamente porque se desenvolve na relação entre o “eu” e o “nós-casal/família”.

### **6.6.1.3 Importância do vínculo afetivo na família**

De acordo com Petrini e Cavalcanti (2020) a família, independentemente de sua configuração no contexto atual, é feita de vínculos que ligam as pessoas em relações de cooperação recíprocas. Sendo assim, a família é o lugar no qual as relações são constituídas a partir da dinâmica da dádiva, que são bens espontâneos e gratuitos provenientes do bom relacionamento entre os membros da família. Essa relação implica uma troca, não apenas de tipo econômico, mas uma relação que tem

origem na ação recíproca, por meio da presença e do tempo, que gera ou atualiza os vínculos.

Na visão dos entrevistados vínculo afetivo, no contexto familiar, significa: ligação um com o outro que surge a partir do compartilhamento de objetivos, alegrias, conquistas e dificuldades. É algo de bom que se sente quando se relaciona com alguém e que gera uma certa dependência afetiva.

**Guto:** Vínculo afetivo está relacionado a ligação, a maneira como você se relaciona com pessoas próximas a você. É muito importante e eu procuro praticar isso a cada dia nas minhas ações junto com a minha esposa, com os meus filhos e com as demais pessoas que estão próximas de mim. Então, é muito importante essa relação afetiva dentro da família.

**Flora:** Vínculo afetivo é quando, numa relação, você sente algo bom por uma determinada pessoa e que aos poucos vai gerando confiança e compromisso.

**Diva:** Vínculo afetivo é você lembrar daquela pessoa... ter uma certa dependência dessa pessoa. Porque você lembra o tempo todo dessa pessoa e percebe que não consegue viver mais sem ela.

**Brian:** O vínculo afetivo é gerado na convivência como resultado do compartilhamento de objetivos, alegrias e dificuldades.

Percebe-se na fala dos entrevistados a importância do vínculo afetivo nas relações familiares, ou seja, quando uma família é alicerçada a partir do afeto, sendo os seus laços pautados no amor e no respeito às diferenças, espera-se que as necessidades dos filhos sejam atendidas no que concerne ao seu desenvolvimento psíquico satisfatório. Nesse contexto, o tipo de relação adotado pelos pais é determinante na formação da personalidade dos filhos.

#### **6.6.1.4 Estilo parental adotado na educação dos filhos**

No núcleo estilo parental, foi perguntado aos casais entrevistados qual dos estilos apresentados por Baumerind (1966), eles se identificavam, enquanto pais, na educação dos filhos: estilo autoritário, o estilo democrático ou estilo permissivo. O estilo democrático foi apresentado por todos como o mais adequado para melhor educar os filhos. Esse resultado mostra uma mudança na mentalidade dos militares entrevistados que apesar de terem recebido uma formação rígida e exigente, se esforçam para serem pais afetuosos, responsivos com as necessidades dos filhos, dialogando com eles. Observa-se a seguir a resposta de alguns entrevistados:

**Guto:** o estilo autoritário é mais voltado aos militares na sua essência. Eu mesmo fui criado numa família militar, meu pai era militar e fui criado num ambiente assim de imposição, de determinação, de respeito, mas atrelado a um temor. A figura do pai e a figura da mãe era pra ser respeitada, eu fui criado dessa forma. Eu entendo que não seria o melhor passar isso para os meus filhos. Então conversando muito com minha esposa sobre como constituiríamos uma família como lidar com essa situação e acredito que o modelo se pudéssemos rotular estaria mais próximo do democrático embora não levando no significado literal da democracia “vontade da maioria” e sim no sentido de um modelo mais participativo, mas de comunhão, no qual o que for melhor e for tomado nas decisões, seja o que é melhor para o casal, de acordo com cada etapa de crescimento dos filhos de si. Você estabelece e à medida que eles vão tendo o entendimento, já vão participando das decisões. Então desses três modelos eu me enquadraria no intermediário, no democrático. Está mais próximo do que eu consigo colocar em prática com os meus filhos, cultivar o respeito sem impor medo e fazendo com que eles participem na medida do grau de entendimento, do crescimento e da evolução e maturidade deles nas decisões da família.

**Lion:** geralmente eu procuro adotar o estilo democrático. Mas às vezes eu sou obrigado a ser mais duro e autoritário. Mas isso só em casos pontuais... lógico que no dia a dia tento ser um pai mais afetivo..., contudo, algumas ocasiões sou forçado a ser rígido com os filhos pois eles também testam os pais, principalmente quando fazem birras ou quando surge uma reação diferente do normal.

**Diva:** eu acho que adotei o estilo mais democrático. Eu sempre procuro corrigir, mas também não é uma coisa de punição no sentido de castigo. Confesso que eu já dei umas tapinhas quando meus filhos eram menores, até porque não sou de ferro. Mas nunca foi nada mais não. Sempre procuro conversar com eles, orientá-los, mostrar o que é certo e o que é errado.

Embora a maioria dos entrevistados tenha assumido o estilo democrático como o ideal na educação dos filhos, alguns ressaltaram que houve momentos que tiveram que assumir o estilo autoritário para corrigir erros no comportamento dos filhos e impor a autoridade sobre eles. Esse dado revela que comportamentos específicos de pais como, por exemplo, bater, podem trazer consequências para o desenvolvimento dos filhos. Contudo, focar qualquer destes comportamentos isoladamente pode levar a uma interpretação errônea (Darling, 1999).

A escolha do estilo parental feita pelos pais, é de grande relevância para a formação do caráter dos filhos, pois influencia diretamente nos aspectos comportamentais, emocionais e intelectuais dos mesmos. Nesse sentido, é importante que os pais estejam munidos de conhecimentos específicos e práticas educativas que lhes permitam promover o desenvolvimento e a competência de seus filhos com o intuito de manter a própria dinâmica familiar.

### 6.6.1.5 Influência do militarismo na vida familiar

As famílias de militares guardam vivências padronizadas, mas, ao mesmo tempo, modos de ser e de se relacionar particularizados pela composição e estrutura relacional inscrita em seu interior (Celestino; Hamann, 2022, p. 39). Ao perguntar aos casais se o cotidiano no quartel influenciava nas relações familiares a maioria respondeu que sim. Esse dado confirma que valores como hierarquia e disciplina, ensinados pelo Exército e vivenciado por seus integrantes, são também absorvidos pela maioria das esposas dos militares, mesmo não tendo nenhum vínculo formal com a Instituição.

**Flora:** o que meu marido aprende no exército algumas vezes interfere sim, dentro de casa. Por exemplo, às vezes ele se irrita começa a esbravejar...daí eu falo olha você não está falando com um soldado. Aqui não é quartel! Tenha calma! Mas daí ele cai em si e logo se acalma, passa a falar manso..., mas eu entendo, que os militares são treinados e doutrinados nesse tipo de comportamento porque faz parte da lógica militar. Enfim, mas é o que ele escolheu e não posso bater de frente, tenho que respeitar.

**Lion:** Na questão da hierarquia e disciplina do militarismo eu procuro não influenciar na educação dos meus filhos. Agora tem vários atributos da área afetiva que aprendi na carreira militar que eu busco passar pra os meus filhos como: responsabilidade, pontualidade. Acho que isso é importante agora hierarquia e disciplina é mais pra o quartel. Minha mãe sempre me dizia que os pais preparam os filhos para o mundo. E eu e minha esposa nos esforçamos pra passar o que temos de melhor de aprendizado, de experiência de vida pra que eles não tenham os mesmos tropeços, nem os mesmos atropelos da gente. Queremos que nossos filhos tenham uma vida melhor nesse aspecto do aprendizado.

**Loira:** Quando eu me casei com meu marido eu já sabia do ônus da profissão dele, da mesma forma que eu tenho a minha profissão e ele tem a dele. Então já sabia que ia ser assim daí a gente vai se ajustando. Ele tá presente quando ele pode e assim vai. Mas acho que isso não atrapalha não. Já chegou momentos em que ele foi chamado pra cumprir uma missão e ter de passar uma semana fora de casa e eu e meu filho tivemos de ficar sozinhos. E o pior que é justamente nesses períodos que ele fica fora de casa que nosso filho adocece... com relação vida no quartel meu marido sabe muito bem lidar com isso, pois não traz os problemas do quartel pra dentro de casa. É lógico que as vezes ele dá uma escapadinha afinal de contas, ele vive mais no quartel e foi formado com os valores do Exército, mas ele sabe separar bem vivência no quartel com a vivência dentro de casa.

**Beto:** Bastante, eu acredito que são valores que a gente não leva só para a parte militar, a gente traz para o nosso pessoal também. Não

tem como, foi algo que a gente viveu e algo que está dentro da gente, é inerente ao militar.

**Diva:** Eu acho que os valores do Exército interferem sim, no sentido de nos ajudar a sermos pessoas idôneas, a termos camaradagem, disciplina, respeito pela hierarquia, ou seja, pelo mais antigo. Então eu acho que pelo fato de sermos militares, acabamos por absolver isso em nossa vida pessoal.

Através da fala dos entrevistados percebe-se que a rotina, os valores e a cultura militar influenciam direta ou indiretamente na dinâmica das famílias, moldando padrões de comportamento e relações sociais. A vida em vilas militares e clubes reforça a hierarquia e a sociabilidade militar, com vizinhos sendo vistos como parentes e com a vida social organizada em torno da instituição. Contudo uma das entrevistadas ressaltou que, essa influência do militarismo na dinâmica familiar muitas vezes gera tensões por parte das esposas que muitas vezes não conseguem se adaptar as exigências da profissão de seus maridos como, por exemplo, a disponibilidade intrínseca à carreira militar. Mas sempre há o esforço por parte de ambos no sentido de buscar o equilíbrio entre o self íntimo e o self profissional.

#### **6.6.1.6 O divórcio dos pais na vida dos filhos**

De acordo com Narciso (2001) a relação conjugal é dinâmica, pois os dois membros que formam o casal não deixam de ser indivíduos e como tal continuam a ter experiências e sentimentos únicos, e desenvolvendo-se enquanto seres. Considera assim que a satisfação e a insatisfação não é uma mera dicotomia, mas antes um jogo dinâmico de oposições pelo qual os indivíduos vão passando (Pires, 2008, p.12). Nesse núcleo foi perguntado aos casais a respeito do divórcio e as implicações na vida dos filhos, e todos responderam que o divórcio é uma ameaça para unidade da família e que os filhos são os mais prejudicados com a separação dos pais.

**Morena:** Eu vejo que nos dias de hoje o casal vive numa correria pois os dois têm que trabalhar. Apesar de meu marido passar o dia no quartel e eu ficar em casa com os filhos, quando ele chega do trabalho procura interagir comigo e com os filhos. Acho que quando o casal não tem mais tempo um para o outro o casamento enfraquece e perde-se o sentido do que significa ser esposo e esposa. Os pais precisam que ter tempo pra si, pois são eles que unem os filhos.

**Guto:** No meio militar é bastante comum essa questão do divórcio. Mas na minha opinião o que põe fim a uma relação conjugal, seria a falta de respeito entre ambos e o distanciamento causado pela falta de diálogo e cooperação. A vida militar impõe distanciamentos em virtude das atividades e nem sempre os militares e as esposas sabem lidar com essa situação e aos poucos isso vai minando a relação. Então seria preciso que os militares tivessem uma compreensão melhor da carreira. Já com relação ao impacto do divórcio nos filhos, acho depende da fase do desenvolvimento eles se encontram. Se forem muitos pequenos não vão entender o motivo que levou os pais a separação, mas mesmo sendo adolescentes ou jovens acredito que também sofrerão. O divórcio dos pais repercute na vida dos filhos e de certa forma, influenciará na forma como irão, futuramente, constituir suas famílias.

**Loira:** Bom acho que uma série de fatores, principalmente quando não há mais respeito enfim quando não há mais conversa ou diálogo entre o casal e com isso vai perdendo o encanto, o sentimento também de um pelo outro né? Acho que é isso. Então eu tenho um exemplo dessa situação comigo. Meus pais tiveram uma relação conjugal a anos e decidiram se divorciar e isso pra mim foi um choque, embora já fosse adulta e casada. Se isso foi um choque pra mim sendo adulta pois vivenciei um sentimento ruim imagine pra uma criança. Deve ser muito difícil e complicada pra ela.

**Rick:** Acho que é a falta de Deus na relação que leva o casal ao divórcio, falta de empatia, egoísmo e imediatismo. Acho também, que a consequência para os filhos é devastadora. Embora na minha família eu não tenha vivenciado isso, mas os exemplos que tive de amigos e colegas que tiveram pais separados sempre resultou em algum problema na formação do caráter, uso de drogas um desvio comportamental.

De acordo com Pires (2008) quando o casal se divorcia a qualidade da aliança parental afeta o ajustamento dos filhos, a autoestima dos pais, a qualidade da educação e maturidade dos pais. O rompimento do casamento traz impactos na relação coparental do cônjuge que saiu de casa pois influencia diretamente o vínculo afetivo com os filhos. Entretanto, esse vínculo pode ser restabelecido à medida que o ex-cônjuge se esforça para conquistar a confiança dos filhos, mantendo uma boa relação com eles.

Na fala dos entrevistados foi constatado que, embora haja um número crescente de casais militares se divorciando, a família militar se mantém resistente ao divórcio e a separação conjugal.

#### **6.6.1.7 Autonomia individual dos cônjuges e dos filhos**

A formação da subjetividade é dinâmica pois é construída e reconstruída pela ação dos sujeitos dentro dos cenários sociais. O Exército Brasileiro, com seus valores e tradições, se faz presente no modo de vida das famílias militares, nas possibilidades e limitações que essa vida lhes proporciona. Ademais, o modo como as famílias

militares se relacionam dentro e fora do contexto militar é influenciado pelas questões pós-modernas, pelas possibilidades de articulações dentro das mídias sociais, ou seja, o curso dos processos de subjetivação não é influenciado somente pela cultura militar, mas também e fortemente marcado pela época presente (Castro, 2018). Ao entrevistar os casais a respeito de como lidam com a autonomia individual um do outro e com a dos filhos, responderam que é sempre um desafio buscar a conciliação, mas quando há respeito, paciência, diálogo e humildade de ambas as partes é possível se chegar a um consenso.

**Morena:** Não é fácil. Confesso que às vezes sofro, mas consigo resolver. Quando me sinto incapaz ponho o joelho no chão e começo a rezar. É na conversa com o esposo e com os filhos que chegamos a um denominador comum. Nesse processo de administração dos conflitos sempre há choques.

**Lion:** Acho que pra evitar os conflitos é preciso ter compreensão. As vezes achamos que estamos certo, mas, na verdade, estamos errados. Eu digo que aprendi com o passar do tempo que quando há um conflito, um tem que ceder, ficar em silêncio, sair de perto e depois num outro momento, quando o tudo estiver mais calmo, tentar conversar sobre o problema, pra isso é necessário que haja paciência entre os dois.

**Loira:** Então quando eu e meu marido enfrentamos alguma dificuldade, sempre conversamos, é claro que quando estamos com raiva é difícil aceitar a correção, mas sempre dialogamos e buscamos encontrar juntos uma solução. Confesso que eu sou mais temperamental, já meu marido é mais calmo, acho que isso ajuda a complementar um ao outro.

**Rick:** Eu acredito que essas desavenças sempre acontecem no momento em que eu ou minha esposa está com sangue quente, cabeça confusa mas logo em seguida a gente pensa refletir o que cada um fez e falou para o outro e daí chegamos à conclusão quem está certo ou errado e oramos sempre quando brigamos Sabemos que é normal brigar mas não podemos deixar que esse clima de desavença se prolongar, por isso a gente busca se reconciliar e viver no clima do amor. A gente sempre procurar perdoar um ao outro e ser humilde.

No ambiente militar a vida do casal é feita tanto de afetos quanto de rotinas diante das obrigações paternais, maternais e conjugais. Com isso supõe-se que existe uma articulação entre autonomia e relacionamento familiar em face do eu – nós. O casal convive com a difícil tarefa de ser dois, e, nessa troca de (re)conhecimentos, presume-se a transformação do eu (Féres-Carneiro, 1988), que corresponde a um interesse em aprender novas possibilidades de ser outra pessoa sem perda da própria identidade. Essa análise é feita a partir da fala dos entrevistados. Para esses casais é possível conciliar, através do diálogo, as exigências do quartel com a vida familiar sem perder a própria capacidade de se autodeterminar.

### 6.6.1.8 Os impactos da transferência militar

As transferências, embora sejam um fenômeno que faça parte da rotina administrativa da carreira dos profissionais das Forças Armadas (FA), afetam o cotidiano do militar e de suas famílias, constituindo-se num evento significativo que gera situações de ansiedade e insegurança. (Celestino; Hamann, 2022, p. 144- 145). Ao interrogar os casais a respeito desse assunto, todos confirmaram a necessidade de estarem disponíveis para as transferências, mas também ressaltaram dificuldades de adaptação no local em foram transferidos. Essa experiência requer sacrifícios individuais e coletivos do arranjo familiar, os quais produzem impactos no cotidiano dos seus membros.

**Morena:** Olha de todas as movimentações do meu marido a que mais me impactou foi a transferência atual dele de Salvador-BA para São Gabriel da Cachoeira-AM. Como meus filhos estão estudando, tive que ficar com eles aqui em Salvador. Antes de ser transferido, meu marido conversou comigo e com os nossos filhos, buscando um denominador comum.

**Guto:** As transferências fazem parte da carreira militar, mas é muito importante que o casal se prepare pra essas situações. São desafios, com sacrifício, distanciamento, capacidade para saber lidar com o desconhecido no local onde por vezes o militar não tem parentes, mas a junção do desafio com o sacrifício é que vai permitir que o objetivo a ser traçado seja alcançado.

**Flora:** No início eu sofria muito com os impactos da transferência do meu marido, pois ficava comparando os lugares com minha terra, mas depois, aprendi que cada lugar é diferente do outro e tem o seu valor. Eu fui por exemplo pra serra catarinense e digo que quase morri nesse lugar, tive depressão de chorar mesmo por causa do frio e pedia pra ir embora. Daí meu marido foi transferido pra Deodoro, no Rio de Janeiro, uma grande favela né? Então no começo eu comparava muito, mas depois, eu fui vendo com uma amiga que todo lugar tem seus prós e seus contras. Então eu aprendi a não mais falar dos lugares onde passei com meu marido. Hoje se falar pra meu marido pra ele ir pra São Gabriel da Cachoeira-AM, ele vibra. Já eu não vibro mais. Meu filho mais velho já disse que não vai mais, justamente porque chega no limite, morar em lugares distantes e sem recursos. Eu não brigo com meu marido, mas a gente conversa sobre essa situação. Até porque mudança de ambiente gera estresse.

**Lion:** Para mim a experiência das transferências não trouxe impactos pra mim, mas trouxe pra minha esposa pois teve de largar o trabalho pra poder me acompanhar. Por trás de um militar sempre vai haver a esposa e os filhos que abrem a mão de muita coisa para acompanhá-lo. Eu tenho certeza que nosso casamento deu certo porque ela teve que abrir mão da carreira dela. Houve um momento que ela pode voltar a trabalhar. Mas confesso que é muito difícil encarar esse desafio.

**Loira:** Acho que o impacto da transferência vem da própria profissão do meu marido. Como não sou concursada, fica até difícil eu me estabilizar no mercado de trabalho em uma nova cidade pelo fato de não ter ajuda ou conhecimento. Daí fica difícil encontrar emprego. Mas apesar disso, não senti medo, pois me considero aberta a enfrentar os desafios da transferência de meu marido... agora admito que senti muita ansiedade diante do novo. Para

mim, a transferência do meu marido pra Salvador foi mais tranquila do que pra Porto Velho, justamente por ser sido a primeira e mais distante.

**Rick:** Eu percebi que essa nossa primeira transferência causou mais um impacto nela do que em mim. No sentido que ela teve dificuldade na socialização, por conta da faculdade, já que ela foi estudar em um ambiente hostil. Além disso, tanto eu quanto ela ficamos assustados pelo fato de o custo de vida ser muito alto aqui Salvador. Por ser uma cidade grande, o trânsito aqui é bastante complicado, com muitos engarrafamentos. A partir do momento que passamos a morar aqui no PNR, a qualidade de vida melhorou bastante. Aqui nós temos contato com a natureza além de ser um ambiente mais seguro pra nós. A distância da família biológica impactou mais a ela do que a mim pelo fato dela passar tanto tempo afastada da família. No meu caso não sofri esse impacto porque já estava a cinco anos fora de casa por causa da Academia e daí já estava mais acostumado.

**Megan:** A transferência de meu marido me impactou demais. Aqui em Salvador é um local extremamente diferente da minha cultura. Comida, pessoas, jeito de viver, de tudo, qualidade de vida, trânsito. Então, me impactou muito, acho que até mais negativamente, mas hoje eu vejo como aprendizado também, que Deus me mandou pra aqui como uma forma de aprendizagem, pois precisava aprender a me virar sozinha a ser mais independente etc.

**Diva:** Eu e meu marido já passamos por nove transferências. E eu recordo que a transferência do Rio de Janeiro para Feira de Santana, embora pra nós tenha sido tranquila, pra o nosso filho foi bastante difícil porque teve que deixar os amigos que havia conquistado na adolescência. Eu lembro que quando saímos do Rio de Janeiro, ele chorou muito, mas depois conseguiu se adaptar à nova moradia. Já no meu caso, o que mais me impactou foi a minha primeira transferência de Feira de Santana-BA para Uruguaiana-RS, justamente depois de ter me formado na EsFCEX. Quando aconteceu isso, meu marido que também é militar não pode ir comigo, porque também havia sido transferido pra o Rio de Janeiro a fim de fazer a ESAO. Daí tive que ir sozinha, grávida da nossa segunda filha e com o filho de 3 anos. Em Uruguaiana eu morei fora da vila, mas recebi apoio do pessoal que trabalhava comigo no Hospital Militar. Mas confesso que realmente pra mim essa transferência foi um desafio.

Para Bowen (1990), servir o Exército é mais do que uma escolha ocupacional, sendo uma opção que se reflete em todos os aspectos da vida, exigindo um alto nível de compromisso, dedicação e sacrifício das necessidades familiares e pessoais para cumprir a missão a que se propôs. A opinião dos entrevistados revela que experiência das transferências é uma realidade que gera demandas psicológicas como medo, preocupação, insegurança e ansiedade principalmente para as esposas e para os filhos que são obrigados saber lidar com o stress intra e extrafamiliar. Nesse sentido, tal acontecimento implica rupturas, mudanças e adaptações, proporcionando situações de desajustamentos que podem comprometer a estabilidade da família ou contribuir para a evolução e amadurecimento do casal e dos filhos.

### 6.6.1.9 As configurações da família na contemporaneidade

O contexto atual da sociedade faz emergir toda a complexidade dos fatores que constituem as relações familiares e, ao mesmo tempo, a sua relativa autonomia. Hodiernamente, as pessoas têm mais mobilidade, vivem muitas relações e interagem com muitos ambientes, num contexto caótico, participam de uma densa rede de comunicações, por isso, a família se expande, as suas relações internas e as de casal se diferenciam (Giddens, 1993; Bauman, 2004).

A visão que se tinha de uma família formada por homem e mulher, passou a se abrir para outras vertentes ou modelos no século atual (Souza, Santos & Santos, 2020). Essas novas configurações familiares refletem a diversidade e evolução das estruturas familiares, indo além do modelo tradicional de pai, mãe e filhos. A família é vista cada vez mais como uma unidade afetiva e emocional, baseada no amor, respeito e solidariedade, independentemente da composição. Essas famílias podem ser aquelas constituídas por: pais viúvos; pais solteiros, que criam seus próprios filhos ou filhos decorrentes da adoção; mulheres que utilizam de técnicas de inseminação artificial; pais separados ou divorciados; e por fim, pais homoafetivos. Ao entrevistar os casais a respeito desse assunto, todos os entrevistados disseram que não concordam com essas novas configurações familiares, pelo fato de contrariarem o modelo tradicional.

**Morena:** Não sou a favor dessas novas configurações, pois acho que a família deve ser constituída pelo pai, pela mãe e pelos filhos.

**Guto:** Pela minha formação religiosa e da minha família, não entendo isso como normal. Contudo passo pra os meus filhos o entendimento de que existem essas novas configurações e deixo claro minha opinião a respeito desse assunto. Sei que não vou conseguir colocá-los numa redoma de vidro..., porém é meu dever, como pai, educá-los nos princípios da religião cristã. Para mim, esses modelos contemporâneos são frutos da modernidade e não afeta minha relação com meus filhos.

**Flora:** Pois é né? Eu não acho errado o fato da pessoa ter só uma mãe ou só um pai, mas lá na frente a criança vai questionar isso. A gente até ver essa realidade num filme, numa novela... Porém não podemos esquecer que somos frutos de um pai e de uma mãe. Embora eu não tenha preconceito com a questão homossexual eu acho que é complicado essa realidade na qual pessoa nasce homem e deseja ser mulher ou nasce mulher e deseja ser homem... até porque biologicamente só se consegue gerar uma vida com a participação do homem e da mulher. Sendo assim, a figura do pai e da mãe são insubstituíveis.

**Lion:** Assim eu fui criado da forma tradicional e tento criar meus filhos dessa forma. Não tenho preconceito, acho que a gente tem que aceitar algumas

coisas com medida. Acredito que os pais devem ensinar aos filhos as coisas corretas, passar para os filhos o conhecimento que está na bíblia. Tanta gente perdida por falta de conhecimento, de ensinamento. Às vezes de o amor. Existem pessoas que desde a infância nasceram com essas tendências. Eu respeito, mas tento criar meus filhos no estilo tradicional.

**Loira:** Eu não concordo muito não. Eu acho fundamental a presença do pai e da mãe na criação dos filhos. Até por uma questão de valores que precisam ser passados pra os filhos e não concordo muito com a modernidade, apesar de ser jovem, não concordo e acho que muitas coisas que acontece nos dias de hoje é prejudicial e me preocupo com o futuro do meu filho. Pretendo criar meu filho baseado nos princípios morais mostrando pra ele o que é certo e o que é errado.

**Rick:** Acho que traz um prejuízo muito grande principalmente pra os filhos né? Acho que o homem e a mulher são diferentes e eles precisam crescer vendo a imagem de um homem e de uma mulher. Isso é importante para as crianças porque elas vão saber com quem vão se relacionar conhecendo não só as diferenças de sexo, mas também, como tratar um homem ou uma mulher. Então acho que isso aprendemos em casa vendo a figura paterna e a figura materna.

**Diva:** para mim o ideal de família é que seja formada com a figura do pai e da mãe, do masculino com o feminino, em que cada um tem seu papel e seu jeito de agir. Mas eu conheço uma pessoa que foi criada por dois homens e ela ama esses dois justamente porque foi amada e educada por esse casal homoafetivo. Pra mim foi melhor ela ter sido adotada por esses dois homens do que ter ficado no orfanato e não ter tido nenhum tipo de amor, né? Isso não significa que seja correto, mas na atual conjuntura que vivemos, muitos pais e mães abandonam filhos deixando-os desamparados, sem direito a terem um lar afetivo... Nesse caso eu prefiro que a criança tenha dois pais ou duas mães do que não ter nada.

**Brian:** Olha, é uma situação muito delicada. Eu acho que a gente não pode generalizar, até porque ninguém pode julgar, por exemplo, um casal homoafetivo que tirou uma criança de dentro numa situação muito ruim e que criava essa criança com todo amor, com todo carinho. Então, o que a gente vai falar dessas pessoas que de certa forma estão fazendo um bem a uma criança desamparada pelos pais biológicos? Contudo, ressalto que a presença de um bom pai e de uma boa mãe serão sempre um referencial na vida de uma criança independente de serem héteros ou homoafetivos.

Ao analisar as respostas dos entrevistados percebe-se que a maioria respondeu à questão, influenciados pelos valores militares e pelos princípios da religião cristã que defendem a tradição e a preservação da moral e dos bons costumes. Interessante ressaltar que dos entrevistados, apenas dois demonstraram abertura para as novas configurações familiares da contemporaneidade.

#### **6.6.1.10 Identidade de gênero, violência e drogas**

Os papéis femininos e masculinos na sociedade brasileira passaram a ser questionados e modificados, afetando a família e revelando problemáticas que

demandam atenção, apesar da suposta igualdade entre os sexos alcançados na sociedade contemporânea. Também de acordo Cerruti e Bacega (2020), o uso de drogas na adolescência vem se tornando, cada vez mais, um problema de saúde pública, visto como complexo e de causa multifatorial, que sofre influência de aspectos individuais, dos pares e da família. Além disso, os pais são os principais responsáveis pela educação das crianças e o ambiente familiar é também fonte de aprendizado. Sendo assim, proporcionar uma educação baseada no cuidado, afeto e longe de todas as formas de agressões, também é um dos papéis das famílias no combate à violência.

A família ao mesmo tempo que se destaca como fator de proteção ao uso de drogas e do combate a toda forma de violência, apresenta-se, também, como um fator motivacional relacionada tanto com o incentivo ao uso de drogas como pela prática da violência, pelo público infante juvenil. Ao entrevistar os cônjuges sobre esses assuntos, foram obtidas as seguintes respostas:

**Guto:** conversamos bastante com nossos filhos a respeito disso. Explicamos o que acontece quando deixamos de aproveitar o que a vida pode nos oferecer de bom. Graças a Deus, meus dois filhos não têm vício e me sinto orgulhoso por eles, pois seguem o caminho certo da educação que eu e minha esposa transmitimos. Não impeço de eles saírem e de se divertirem, mas alerta sobre a conduta deles. Isso é fundamental... então só o fato deles não beberem e não fumarem não ceder as ofertas do mundo já é motivo de orgulho para os pais.

**Flora:** Pois é em relação a identidade de gênero eu lembro que meu filho é muito amoroso e daí foi participar de um passeio e a professora pediu que os alunos se deem as mãos e o coleguinha dele disse não quis que ele segurasse a mão dele pois achariam que eles eram gays. E daí ele veio pra mim e perguntou: mamãe o que é gay? Meu filho gay é uma pessoa que gosta da outra da pessoa do mesmo sexo... é um menino que quer namorar outro menino. Ah por que meu coleguinha falou isso pra mim. E daí eu perguntei o que você acha disso? Ele me respondeu: não mamãe isso é errado. Menino tem que namorar menina. E eu disse: certo meu filho é isso mesmo. Em relação as drogas eu digo: meu filho a droga é a coisa pior do mundo. Geralmente eu uso o exemplo da cantora britânica Amy Winehouse. Essa jovem tinha tudo, era famosa, talentosa, rica, ela tinha família e daí ela passou a usar droga através do namorado e ela morreu de overdose. Por isso nunca use droga e se alguém te oferecer sai correndo, porque se você usar você vai acabar com a sua própria vida. Eu peço a Deus que blinde meus filhos da droga, da pornografia, da pedofilia. É tanto coisa ruim que a gente vê na sociedade que assusta.

**Diva:** Com relação a identidade de gênero eu sempre digo pra eles: "olha vocês não precisam concordar, mas precisam respeitar." Eles já sabem que tem gente que por motivos pessoais fizeram essa escolha, pois a escolha é por conta de cada um. Daí falo pra eles: procurem respeitar e não discriminarem. A respeito das drogas eu sempre converso com eles e mostro quais os efeitos que elas causam para organismo humano e que não é uma coisa boa. Sempre lembro pra eles que o álcool é também é uma droga e o

cigarro da mesma forma. Se pararmos bem para analisarmos, veremos que tudo o que vicia é uma droga. Então sempre oriento para que eles evitem essas drogas e não aceitem experimentar por curiosidade. Porque quem prova uma vez vai querer experimentar sempre mais. Daí esses vícios destroem a família e leva o usuário a autodestruição e não traz coisas boas. A respeito da violência ensino pra eles se precaverem pois é algo que foge do nosso controle e oriento para que busquem lugares mais seguros.

**Brian:** a identidade de gênero é um assunto bastante delicado, mas sempre conversamos com nossos filhos sobre esse tema no sentido de orientá-los. Desde a infância o meu filho sempre se comportou como menino e minha filha como menina. Porém, se um dia um deles optar em assumir uma identidade diferente, vão continuar sendo nossos filhos e tanto eu quanto a mãe vamos apoiá-los, respeitando a opção deles. A questão das drogas é sempre um fator complicador, porque sendo jovens frequentam com os amigos as baladas da noite. Mas na medida do possível, procuro orientá-los a não fazerem uso de nenhuma droga, principalmente as ilícitas, por causa dos danos que causam no organismo do usuário.

Ao analisar as respostas dos entrevistados a respeito da identidade de gênero e do uso das drogas e da violência na sociedade, nota-se a preocupação deles de não só investir numa educação de qualidade para os filhos como também transmitir os valores e princípios que aprenderam dos próprios pais e do Exército Brasileiro. Dos entrevistados somente dois declararam que, embora não concordem plenamente com identidade de gênero, respeitam e aconselham os filhos a fazer o mesmo. Já os demais, declararam que não concordam plenamente com tal opção e por isso evitam comentar com os filhos.

Sobre o uso das drogas e o aumento da violência na sociedade, todos os entrevistados falaram que conversam com os filhos a respeito dessas questões e buscam através do diálogo com os mesmos, conscientizá-los sobre o perigo e as consequências do uso de drogas, aconselhando-os a não se deixarem influenciar pelos outros, justamente por ser a porta de entrada para todo tipo de violência. Isso comprova que o papel dos pais, como educadores, é fundamental na preservação do bem-estar e da segurança dos filhos.

### **6.6.2 Entrevista com o grupo focal**

Para realizar a entrevista com os filhos de militares, optou-se por formar um grupo focal, constituído por dez alunos da turma do 9º ano do ensino médio do Colégio Militar de Salvador na faixa etária entre 13 a 15 anos. Sendo cinco do sexo masculino e cinco do sexo feminino. Todos eles filhos de militares residentes com os pais na Vila

Militar dos Oficiais. Os adolescentes ainda não namoram pois preferem dedicar-se aos estudos. Como o colégio é bastante exigente não sobra tempo para que realizem atividades extraescolares. Visando preservar a identidade dos participantes, os entrevistados foram citados na pesquisa com o substantivo aluno ou aluna.

No que se refere a elaboração do conteúdo da entrevista, foi utilizado o mesmo recurso na entrevista com os casais. Sendo assim foram identificados sete núcleos de sentido: a importância da família, a educação recebida dos pais, o relacionamento afetivo dentro de casa, a carreira militar dos pais, o ensino do colégio militar, novas configurações familiares e a opinião pessoal a respeito da violência, das drogas e da identidade de gênero. Os núcleos foram destacados devido à frequência com que foram verbalizados pelos adolescentes em consonância com os objetivos da pesquisa.

#### 6.6.2.1 Importância da família

Relações familiares sadias contribuem para que os filhos apresentem níveis mais altos de autoestima, bem-estar psicológico, independência, autoconfiança e responsabilidade. Isso ajuda a compreender o que Donati (1994), se referiu ao dizer que família aparece como relação social de mediação insubstituível. Ao perguntar sobre a importância da família dois adolescentes entrevistados responderam que a família é uma espécie de porto seguro, pois ela ajuda a construir vínculos seguros satisfeitos.

**Aluna 1:** Pra mim família é como se fosse um porto seguro porque se acontecer alguma coisa comigo ela sempre está lá para me apoiar, tanto no sentido físico ou psicológico.

**Aluno 6:** Acho que a família é importante para a sociedade pois é através dela que as pessoas desenvolvem um vínculo seguro baseado na confiança. Eu gosto muito de fazer parte da família militar, apesar de conviver com as transferências do meu pai em que muitas vezes ele precisa ir sem a família... contudo, quando eu e minha mãe conseguimos ir junto com ele, a experiência se torna bem legal por que a gente vai conhecendo vários lugares e várias pessoas novas.

De fato, as respostas confirmam a importância que a família tem para os filhos de militares justamente porque família representa amor, segurança, apoio e um senso de pertencimento. Além disso, é o lugar em que os filhos aprendem, com os pais, os valores, como se relacionar com os outros e como contribuir para o bem da sociedade.

Destaca-se o comentário feito por um dos entrevistados no qual fez questão de ressaltar a dificuldade de conviver com as transferências do pai militar, principalmente nos casos em que teve que ser transferido sem a companhia da esposa e do filho. Com isso o adolescente foi forçado a suportar a ausência paterna.

#### 6.6.2.2 A educação recebida dos pais

De acordo com a Constituição Federal 1988, cabe aos pais, que são os naturalmente capazes e instituídos por lei, estabelecerem formas para a realização da educação dos filhos, ensinando-lhes o uso adequado da liberdade, de seus limites e das suas responsabilidades. Esse processo educativo ocorre através da convivência, conseqüentemente, estreitam-se os laços afetivos e morais com a família e refletem-se na sociedade.

Foi apresentado aos adolescentes os três estilos parentais: autoritário, democrático e permissivo, e logo em seguida foi perguntado sobre quais desses era possível classificar os pais. A adolescente respondeu que concorda com a forma como os pais a educa e classificou os pais no estilo democrático, pois em vez de impor sua autoridade sobre a filha, preferem dialogar com ela.

**Aluna 11:** Eu gosto muito da maneira como meus pais me educam. Eles geralmente conversam comigo. Acredito que muitos filhos de militares também recebem essa educação. Mas particularmente eu sou bem satisfeita com jeito que meu pai e a minha mãe me educam.

Os estudos realizados por Diana Baumrind (1966) comprovaram que o desenvolvimento moral e social de uma criança não depende da ausência de autoridade, mas da qualidade do controle parental. A autoridade dos pais deve seguir modelo autoritativo, cujos princípios estão baseados no respeito e na comunicação, capazes de estimular crianças a serem socialmente competentes, autônomas e emocionalmente equilibradas.

#### 6.6.2.3 Relacionamento afetivo dentro de casa

Tanto o pai quanto a mãe colaboram para a formação e desenvolvimento físico, psíquico, moral e ético dos filhos, cabendo à mãe um papel mais flexível, passando

noções de afeto e segurança; já, ao pai cabe o papel de formação de caráter e da personalidade (Dill; Calderan, 2011). Nesse núcleo foi abordado com os adolescentes, a questão do relacionamento afetivo dentro do lar. Três adolescentes responderam que os pais são afetuosos, transmitem valores que aprenderam no Exército e procuram sempre conversar com eles. Um deles ressaltou que o pai, mesmo sendo militar, não exagera na maneira de discipliná-lo pois sabe ser exigente e flexível no momento certo.

**Aluno 7:** Bom meu pai sendo militar é tão afetuoso quanto qualquer outro pai. Da mesma forma que ele é afetuoso comigo sendo militar acho que ele seria afetuoso se fosse civil também. E lógico que pelo fato de ser militar é rígido em certas questões como uniforme e em outras questões do militarismo

**Aluna 1:** Eu acredito que não há distinção entre pais militares e pais civis. A questão é só a diferença na profissão... os pais militares possuem uma base maior um conhecimento mais aprofundado. Já que somos filhos de militares, é muito interessante termos uma conversa com nossos pais porque são nossos amigos e querem nos orientar da melhor forma possível.

**Aluna 10:** eu sinto que muitas coisas que meu pai aprendeu no Exército ele passa pra mim. Mas não acho que isso seja ruim pra mim.

Torello (2008), destaca a necessidade da presença dos pais, tanto para a criança, como para o adolescente. Segundo ele, os filhos sentem a necessidade de ambos os pais e, sobretudo, da vitalidade e do senso comum da mãe. À margem de toda e qualquer especulação ou polêmica científica, bastaria que pai e mãe atuassem em comum e de forma criativa, que se completassem um ao outro espontaneamente e que tivessem em conta que nenhum deles pode ser substituído pelo outro. A presença ativa do pai revela-se cada vez mais necessária para um crescimento equilibrado dos filhos. A ausência de afeto dos pais, principalmente na infância, pode deixar sequelas na personalidade dos filhos.

#### 6.6.2.4 A profissão militar dos pais

No grupo focal foi perguntado o que os adolescentes achavam da profissão militar dos pais e quatro responderam que achavam muito bonito, pelos seguintes motivos: pelo exemplo dos pais que os inspirava, pelo fato de ser uma profissão regida por um sistema regado, pela questão da estabilidade financeira e também pela oportunidade de proporcionar ao militar, conhecer outros lugares no país e no exterior

**Aluno 4:** Sim eu gostaria de seguir a carreira militar pois é uma profissão que eu admiro muito.

**Aluno 6:** Eu gostaria porque tenho meu pai como inspiração

**Aluno 7:** Eu gostaria porque acho muito bonito o sistema militar porque é tudo regado.

**Aluno 8:** Também gostaria por ser uma fonte de estabilidade financeira. Também pra poder conhecer outros lugares lá fora e dentro do Brasil. Os adolescentes declararam que sentem orgulho de terem pais militares e veem como positivo as normas e os limites que os pais colocam para eles. Além disso, sentem-se motivados a seguir a profissão militar por causa do exemplo que os pais transmitem.

Segundo Boff (2005), pertence ao pai fazer compreender ao filho que a vida não é só aconchego, mas também trabalho, que não é só bondade, mas também conflito, que não há apenas sucesso, mas também fracasso, que não há tão-somente ganhos, mas também perdas. Compete ao pai ensinar os limites da vida e transmitir valores éticos e morais, que serão o alicerce da personalidade, pois todo filho é produto de suas relações familiares. Assim, será na soma de ambos os papéis que contribuirá para que os filhos se tornem pessoas equilibradas e preparadas para enfrentar os desafios da vida.

#### 6.6.2.5 O ensino do Colégio Militar

Também foi perguntado aos adolescentes, a respeito da metodologia de ensino ministrado pelos professores no Colégio Militar. Seis adolescentes responderam que estavam bastantes satisfeitos pelos seguintes motivos: excelência na qualidade do ensino, disciplina, hierarquia e preocupação em proporcionar aos alunos uma educação integral levando em consideração os aspectos, intelectual, humano, moral, social e esportivo.

**Aluno 3:** para mim desde que cheguei no Colégio Militar foi uma grande mudança em relação ao antigo colégio que eu vim. Mas eu gosto muito de estudar aqui por causa do ensino, da estrutura e da metodologia.

**Aluna 1:** Eu gosto muito do Colégio Militar principalmente porque nos dá uma base diferente do mundo lá fora e de certa forma nos prepara para o futuro [...] é uma experiência muito legal e agradável que todo adolescente ou criança deveriam experimentar.

**Aluno 4:** Eu acho que vale a pena ser aluno do Colégio Militar, mesmo a adaptação sendo difícil, mas o que vale é aquilo que levamos pra vida toda [...] Mas o bom do Colégio Militar além do sistema de ensino e da avaliação,

é a disciplina que ensina o aluno a respeitar os superiores, os professores [...]. Tudo isso regido por um sistema hierárquico do batalhão escolar.

**Aluno 7:** gosto muito de estudar no Colégio Militar, tanto na parte de ensino quanto na parte esportiva. Além disso é um colégio que tem regras que outros colégios não têm [...] e isso é algo que ajuda muito na formação do caráter do aluno.

**Aluno 8:** gosto muito de estudar no Colégio Militar porque sempre foi um sonho de infância estudar aqui e graças a Deus eu alcancei esse sonho [...] Além disso a estrutura daqui é incrível, principalmente o nível de ensino que é maravilhoso.

**Aluno 9:** Eu acho uma oportunidade única estudar no Colégio Militar, pois aqui aprendo várias coisas pra vida como: disciplina, educação, ordem unida [...] coisas que vou levar pra minha vida.

De acordo com Pinheiro, Pereira e Sabino (2020), o dito padrão de qualidade das escolas militares advém de vários fatores como: disponibilidade de recurso financeiro que contribui para um maior investimento no método de ensino, o modo de acesso a essas escolas é restritivo, já que possuem reservas de vagas (70%) aos dependentes legais de militares, sendo que o restante (30%), inclui um intenso processo seletivo por meio de provas de admissão. Além disso, as escolas militarizadas também exibem um perfil socioeconômico distinto da maioria das escolas da rede pública. Sendo assim, a concepção de qualidade nas escolas militares, bem como os bons resultados obtidos, não possa somente ser atribuídos ao “êxito” ou à “fórmula pedagógica”, mas às condições que são oferecidas, já que as colocam em vantagem frente as demais escolas públicas.

Outra questão a ser ressaltada é o método de ensino das escolas militares, no qual há a inclusão da hierarquia e da disciplina no processo educativo dos estudantes. Se por um lado contribui para formação do caráter dos alunos, por outro lado corre-se o risco de antecipar a militarização desses adolescentes, onde aprendem a ser militares ao invés de civis. Além disso, a direção das escolas militares sempre fica a cargo de um coronel chamado de comandante, cuja experiência está voltada mais para o comando de tropas militares do que lidar com adolescentes e jovens civis. Esse fato tem levado muitos estudantes a se queixarem aos pais de estarem estressados pelo fato de o colégio ser uma extensão do quartel militar.

#### 6.6.2.6 Novas configurações familiares

As novas configurações familiares referem-se a uma diversidade de arranjos familiares que se afastam do modelo tradicional (casal heterossexual com filhos). Incluem famílias monoparentais, uniões homoafetivas com filhos, famílias reconstituídas (recasamentos) e outras formas que refletem a pluralidade de laços afetivos e sociais. Essas mudanças refletem transformações sociais e culturais, com impactos na legislação, na educação e na dinâmica familiar como um todo. Sendo assim, foi perguntado no grupo focal o parecer dos estudantes a respeito dessas novas configurações de famílias na sociedade contemporânea. Somente dois adolescentes responderam dizendo que embora isso seja uma realidade, o ideal de família é sempre ter presente a figura paterna e materna na vida dos filhos.

**Aluno 7:** Eu acho que se isso acontecer isso é ruim, por que a presença do pai e da mãe é muito importante para o filho [...] mas também não é algo absurdo de não acontecer. Ser criado por uma mãe vai ser ruim por não ter a presença do pai e às vezes a mãe terá que fazer também o papel do pai. A mesma coisa acontece se for criado só pelo pai. Então não acho isso bom, mas infelizmente isso acontece....

**Aluna 11:** Acho que não tem como generalizar pelo fato de haver muitos casos diferentes em que o pai ou a mãe abandonam a casa [...] mas cada um tem a sua realidade. De forma geral é bom para a família ter a presença paterna e materna, porém existem famílias que conseguem se manter mesmo com a ausência de um dos dois.

Analisando as respostas nota-se que são adolescentes cuja mentalidade vem sendo formada num ambiente familiar com características conservadoras que defendem valores e costumes ensinados pela religião e pelo Exército. Sendo assim, sentem dificuldades em aceitar essas novas configurações de família provenientes da contemporaneidade.

#### 6.6.2.7 Violência, drogas e identidade de gênero.

A respeito desse núcleo de sentido, somente três adolescentes responderam dizendo que tais assuntos sempre são abordados pelos pais numa conversa com eles, na qual aproveitam para reforçar os valores e orientá-los a discernir o certo e o errado, optando sempre por aquilo que for melhor. Em síntese destacaram a importância da orientação dos pais na conscientização e maneira de saber lidar com essas demandas

da sociedade atual. Ressalto que nas respostas, os adolescentes não comentaram a respeito da identidade de gênero. Talvez por falta de conhecimento ou porque os pais não conversaram sobre esse assunto.

**Aluna 1:** Acho essencial que os pais tenham esse tipo de conversa com os filhos até porque somos adolescentes e estamos mudando de pensamento. Quando você tem essa conversa com sua família você cria um pensamento seu, você entende o que é certo ou errado e escolhe a melhor decisão a tomar.

**Aluno 4:** eu acho que a conversa de meus pais comigo é algo muito bom porque eles já foram adolescentes já passaram por isso. Eles me orientam para não seguir esse caminho. Meus pais são as pessoas que mais me amam aqui na terra. Então sobre violência e outros assuntos eles sempre me orientam a optar pela melhor escolha.

**Aluno 6:** A conversa com meus pais sobre esses assuntos em casa é frequente por conta que eles me dão muitas orientações. Até porque só os pais sabem o melhor caminho que os filhos devem seguir e isso nos ajuda a criar uma identidade com valores

**Aluno 7:** Eu acho muito importante os pais terem essa conversa com a gente, porque somos mais inexperientes do que eles. Minha mãe por exemplo, sempre me orienta a dizer não pra certas coisas e se por acaso aparecer alguém me ofertando drogas que eu seja capaz de dizer não pra essas coisas, até porque uma criança ou um adolescente sem a devida direção dada pelos pais acaba se desvirtuando.

Estudos mostram que pais que assumiram o estilo parental autoritativo está associado a um menor consumo de drogas (Berge et al., 2016) por adolescentes do que os pais que assumiram o estilo mais permissivo ou negligente. Nesse caso constatou-se uma maior taxa de uso drogas pelos filhos. (Chassin, 2016). Sabe-se que o consumo de drogas lícitas e ilícitas além de causar diversos efeitos colaterais no organismo do usuário interfere também na qualidade dos relacionamentos familiares, causando prejuízos laborais e sociais. Além disso, é um fator que contribui para o desenvolvimento da delinquência e da violência aumentando o índice de criminalidade na sociedade. A respeito da identidade de gênero, ainda é um assunto bastante polêmico no ambiente militar pois é permeado de dúvidas e preconceitos. Daí a importância de os pais estarem não só bem informados a respeito desses assuntos, como também ampliar sua visão unilateral, com o objetivo de auxiliar na conscientização dos filhos, seja na prevenção do uso de substâncias psicoativas como também na busca de uma postura mais aberta e cautelosa a respeito da identidade de gênero, para não cair no discurso discriminador e intolerante.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar a dinâmica da conciliação dos vínculos afetivos familiares dos militares do Exército Brasileiro com as exigências contemporâneas de autonomia individual. Por isso foram entrevistados cinco casais residentes nas Vilas Militares e um grupo focal formado por dez adolescentes, alunos do Colégio Militar de Salvador.

Através das leituras realizadas e dos resultados obtidos, concluiu-se que os vínculos afetivos vivenciados pelo casal e pelos filhos, no contexto militar, são influenciados pelos princípios fundamentais do Exército Brasileiro como a hierarquia e a disciplina. No quartel, a hierarquia e a disciplina estabelecem uma ordem de autoridade e responsabilidade, com níveis de comando e subordinação, garantindo o cumprimento das leis, regulamentos, ordens e promove a coesão e a eficácia da própria instituição. Embora o contexto familiar seja diferente do dia a dia do quartel, a maioria dos militares utilizam esses princípios para configurar suas famílias ao modelo tradicional. Sendo assim, a disciplina e a hierarquia transpassam os limites do quartel e adentram nos lares dos militares, refletindo diretamente nas relações do casal e na dinâmica familiar.

Sobre a vivência da conjugalidade, os casais ressaltaram a importância do cultivo de uma relação conjugal madura através da qual ambos possam confiar um no outro, sempre buscando o diálogo nos momentos de crise, aprendendo a serem humildes, renunciando algo pelo bem do outro e acima de tudo estarem dispostos a respeitar, de forma recíproca, a autonomia individual. Esses elementos, por sua vez, são essenciais para a estabilidade do vínculo conjugal.

No que se refere à maneira como os militares e as esposas educam os filhos, foi respondido pelos casais entrevistados, que na medida do possível, procuram educá-los não só estabelecendo regras, mas também fazendo uso do diálogo e da prática de atitudes corretas. Os próprios filhos também falaram que estão satisfeitos com a educação dada pelos pais, e destacaram a importância do bom exemplo que eles dão. Isso significa que, dependendo da maneira como os militares vivenciam sua profissão, podem ou não estimular seus filhos a seguirem a carreira militar. No grupo focal um dos adolescentes afirmou ter o próprio pai como fonte de inspiração para abraçar a vida militar, justamente pela maneira como exerce sua profissão.

No que diz respeito aos papéis exercidos dentro da família, observou-se na entrevista com os casais, uma divisão do trabalho claramente delimitada entre atribuições masculinas e femininas, o que se assemelha ao modelo tradicional da família patriarcal. Os homens são os provedores e as mulheres as cuidadoras da casa e dos filhos, com exceção de um caso em que a mulher também é militar e trabalha fora de casa. Em geral as esposas de militares, renunciam aos seus projetos pessoais e às carreiras profissionais para seguir a trajetória de seus maridos, o que difere da maioria dos cônjuges civis, em que a mulher muitas vezes também trabalha fora de casa, exercendo alguma profissão, com o intuito de ajudar o marido a sustentar a casa e os filhos.

Destacou-se também a importância que os casais e os adolescentes deram a vivência do vínculo afetivo familiar que deve estar pautado numa relação recíproca de amor, diálogo, respeito e cooperação. Para os entrevistados isso é necessário tanto para o casal quanto para os filhos no sentido de serem estimulados a viver sua autonomia individual de forma equilibrada.

Por fim, ao abordar sobre outros assuntos referentes as novas configurações familiares na contemporaneidade e também a respeito das drogas, da violência e da identidade de gênero, tanto os casais quanto o grupo focal de adolescentes, embora tenham falado que respeitam essas novas configurações familiares, afirmaram ser a favor da família tradicional, como modelo ideal para a sociedade. No que se refere ao uso de drogas e a identidade de gênero manifestaram oposição sobre esses assuntos, pois interpretaram como uma preocupação e um desafio, para a família e para a sociedade.

No decorrer das entrevistas, com os casais e os adolescentes, inseridos no ambiente militar, foi captado pelo pesquisador alguns sentimentos e sensações como: ansiedade, dúvidas, timidez e preocupação com as reações do entrevistador. Em se tratando de determinadas questões, cujos assuntos foram de foro mais íntimo e polêmico, foi observado que houve mais receio de falar com maior liberdade e realismo com os adolescentes do que com os casais. Uma explicação plausível para esse comportamento dos adolescentes, seria o fato do próprio pesquisador ser um oficial capelão do Exército. Isso pode ter colaborado para criar uma certa desconfiança e inibição nos entrevistados, que optaram em não se expor muito na conversa e por isso procuraram responder as perguntas de forma mais sucinta e objetiva a respeito dos assuntos contidos na entrevista. Talvez, se o pesquisador fosse um civil, a

entrevista, com o grupo focal, teria sido mais aberta e descontraída, cuja análise dos dados colhidos ofereceriam resultados mais diferenciados.

Diante dos resultados dessa pesquisa, pode-se apontar a necessidade de outros estudos que propiciem reflexões que não foram alcançadas neste momento. A presente pesquisa não se esgota por si só e muito menos tem a intenção de responder às lacunas que surgiram do tema em estudo: vivências do vínculo afetivo familiar no ambiente militar da 6ª Região Militar.

Sendo assim, foram reconhecidas algumas limitações neste estudo e, sugere-se a realização de outras investigações que possam acrescentar outras informações mais aprofundadas.

Tendo em vista a carência de estudos bibliográficos, a respeito das implicações da carreira militar sobre a dinâmica da família, espera-se que essa pesquisa contribua tanto para a qualidade de vida destas famílias como também para favorecer reflexões aos dirigentes e profissionais que atuam no Exército Brasileiro, no sentido de compreenderem melhor estas famílias, assim como auxiliá-las nas suas demandas e dificuldades.

## REFERÊNCIAS

- ADÃO, M. C. O. Aspectos da adesão feminina aos valores militares: o casamento e a família militar. *História*, v. 29, n. 2, p. 116–134, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/historia/article/view/18633>. Acesso em: 28 jul. 2025.
- AMADO, J. *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. 2. ed. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- ARAÚJO, J; CARVALHO, A; MACENA, L; VIEIRA, G. *A importância do trabalho solidário para o fortalecimento das famílias diante de contextos de crises*. *Revista Valore*, Volta Redonda, p. 262-281, 2020.
- BACEGA, G; CERUTTI, P. *A influência da família no uso de drogas em adolescentes: a percepção de ex-usuários*. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, Belo Horizonte, v.5, n. 10, p. 61-78, 2021.
- BALTAZAR, M. S; SALVADOR, R. *Impactos da profissão militar nos padrões familiares: reconfigurações a partir do caso particular do comando de instrução e doutrina*. In: Congresso Português de Sociologia, 7, 2012, Porto. Anais eletrônicos. Porto: Universidade do Porto, 2012.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 70. ed. Lisboa, 1977.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BAUMRIND, D. Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, v. 37, p. 887-907, 1966.
- BECK, Ulrich. *The Cosmopolitan Vision*. Cambridge; Malden: Polity Press, 2006.
- BERGE, J., SUNDELL, K., OJEHAGEN, A., HAKANSSON, A. *Papel dos estilos parentais no uso de substâncias por adolescentes: resultados de um estudo de coorte longitudinal sueco*. 2016. *BMJ Open* 6, e008979. Disponível <http://dx.doi.org/10.1136/bmjopen-2015-008979>.
- BERGER, P; KELLNER, H. Marriage and the construction of reality: An exercise in the microsociology of knowledge. *Diogenes*, v. 12, n. 46, p. 1-24, 1964.
- BERMAN, M. Baudelaire: o modernismo nas ruas. In: BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BOFF, L. *São José: a personificação do pai*. Campinas: Véus, 2005.

BÓIA, A, F, D. *O impacto das missões internacionais na dinâmica dos casais militares portugueses: um estudo exploratório*. 2014. Dissertação (Mestrado em psicologia clínica e da saúde) Universidade de Lisboa, Lisboa-Portugal, 2014.

BOTTURI, F. *La generazione del bene: gratuità ed esperienza morale*. Milano: Vita e Pensiero, 2009.

BOWEN, G. L. *The family adaptation model: a life course perspective*. Alexandria, VA: U. S. Army Research Institute for the Behavioral and Social Sciences.1990.

BRANDÃO, C. R. *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, 5 out. 1988.

BRASIL. Exército Brasileiro. Vade-Mécum de Cerimonial Militar do Exército Brasileiro: valores, deveres e ética militares (VM 10). Portaria nº 156, de 23 de abril de 2002.

CARAPITO, E. Estilos parentais educativos: estudo dos efeitos moderadores e mediadores no ajustamento socioemocional de crianças em idade pré-escolar (Tese de Doutoramento em Psicologia – Psicologia da Família). Lisboa: Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa [FPUL], 2017.

CARREIRAS, H. *Família, maternidade e profissão militar*. *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro, v. 5, n.1, 1997.

CARVALHO, A. B. Família, capital social e desenvolvimento sustentável. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA – SEMOC, 22., 2019, Salvador. *Anais [...]*, Salvador: Universidade Católica de Salvador, 2019. p. xx–xx..

CARVALHO, A. B. Políticas de apoio à família e à paternidade: uma visão comparada entre as políticas norte-americanas e brasileiras. 2018. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/324262629\\_politicas\\_de\\_apoio\\_a\\_familia\\_e\\_a\\_paternidade\\_uma\\_visao\\_comparada\\_entre\\_as\\_politicas\\_norte-americanas\\_e\\_brasileiras](https://www.researchgate.net/publication/324262629_politicas_de_apoio_a_familia_e_a_paternidade_uma_visao_comparada_entre_as_politicas_norte-americanas_e_brasileiras). Acesso em: 15 maio 2024.

CARVALHO, A. B.; MOREIRA, L. V. C.; RABINOVICH, E. P. A figura do pai: entre declínio e reorganização. In: BASTOS, A. C. S.; MOREIRA, L. V. C.; PETRINI, G.; ALCÂNTARA, M. A. R. (Org.). *Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade*. Curitiba: Juruá Editora, 2015. v. 4, p. 419-442.

CASSONI, C. *Estilos parentais e práticas educativas parentais: revisão sistemática e crítica da literatura*. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

CASTRO, C. *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2018

CEDERBAUM, J.; WILLIAMS, B. Impacto das missões internacionais nos jovens filhos de pais militares e a importância do apoio da comunidade escolar. *Revista Psicologia*, v. 31, n. 2, p.105-120. 2017.

CELESTINO, S.; GOMES, É. S.; CARNEIRO, L. P. Protegendo a retaguarda: reflexões sobre a assistência às famílias de militares empregados em missões de paz. In: CELESTINO, S.; NEVES, A. N. (Org.). *Missões de paz: teoria e dimensão humana*. Curitiba: Appris Editora, 2020.

CERVENCY, C., CHAVES, U. *Pai? Quem és? A vivência da paternidade no novo milênio*. In: MOREIRA., L. V. C.; PETRINI, G.; BARBOSA, F. (org.). *Pai na Sociedade Contemporânea*. Bauru: EDUSC, 2008. p. 41-51.

CHASSIN, L. *Estilo parental e práticas parentais específicas para o tabagismo como preditores do início do tabagismo na adolescência*. 2005. J. Pediatrician Psychol. 30, 333–344. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1093/jpepsy/jsi028>.

CHINELLI, F. *Mulheres de militares: família, sociabilidade e controle social*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CRUZ, L. S. *A família sob a lente dos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto*. 2023. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica de Salvador, Salvador, 2023.

CUNHA, J. O. G. B. *Capital Social, Família e redução da pobreza: Um percurso na literatura*. 2013. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2013.

D'ARAUJO, M. C. Mulheres e questões de gênero nas Forças Armadas brasileiras. In: SEMINÁRIO SOBRE INVESTIGACIÓN Y EDUCACIÓN EN ESTUDIOS DE SEGURIDAD Y DEFENSA, 2003. v. 6.

DARLING, N. STEINBERG, L. *Parenting Style as Context: An Integrative Model*, Article in Psychological Bulletin, May 1993. Disponível em: [https://psycnet.apa.org/record/1993-29246-001\\_](https://psycnet.apa.org/record/1993-29246-001_) Acesso em: 15 Mar 2025.

DATAFOLHA. Família fica ainda mais importante para brasileiros. São Paulo: Folha de S. Paulo, 7 out. 2007. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2007/10/1225700-familia-fica-ainda-mais-importante-para-brasileiros.shtml>. Acesso em: 15 set 2024.

DIAS, Maria Berenice. *Manual de direito das famílias*. 9. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

DILL, M.A.; CALDERAN, T. B. *A importância do papel dos pais no desenvolvimento dos filhos e a responsabilidade civil por abandono*. Instituto Brasileiro de Direito de Família, 2011. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/artigos/703/A>. Acesso em: 29 jul. 2025.

DINIZ-NETO, O. *Conjugalidade: proposta de um modelo construcionista social de terapia de casal*. 2005. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/pretextosarticle/view/22463>. Acesso em: 28 jul. 2025.

DONATI, P. Perché la famiglia è la radice della società. In: DONATI, P. (Org.). *La politica della famiglia: per un welfare relazionale e sussidiario*. Siena: Cantagalli, 2011. p. 21-52.

DONATI, P.. *Família no século XXI, abordagem relacional*. São Paulo: Paulinas, 2008.

DONATI, P. *Manuale di sociologia della famiglia*. Bari: Laterza, 1988.

DURKHEIM, É. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

ENGELMANN, F.; PETRINI, G. Dádiva, tempo e sacrifício: espaços possibilitadores para a satisfação das exigências originais nas relações familiares. In: MOREIRA, L. V. de C. (org.) *Relações Familiares*. Curitiba: Editora CRV, 2016. v. 2.

FÉRES-CARNEIRO, T. Construção e dissolução do laço conjugal em terapia de casal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). *Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003. p. 201-214.

FINCHAM, F. D.; BEACH, S. R.; KEMP-FINCHAM, S. I. Marital quality: a new theoretical perspective. In: STERNBERG R. J. ; HOJJAT M.(ed.). *Satisfaction in close relationships*. New York: Guilford Press, 1997. p. 275-304.

FORNASIER, R. C. Memória e família na sociologia de Pierpaolo Donati e na antropologia de Francesco Botturi. *Memorandum*, v. 35, p. 100-114, 2018.

FURASTE, P. A. *Normas Técnicas para o Trabalho Científico: explicitação das normas da ABNT*. 15. ed. Porto Alegre: [s. n.], 2009.

GABRIEL, M. R.; SATTler, M. K. *As especificidades do casal militar: uma contribuição à psicoterapia conjugal*. *Pensando famílias*, v. 23, n. 2, p. 15-25, dez. 2019.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: UNESP, 1993.

GOLDENBERG, M. (org.). *Os novos desejos*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOUVÊA, E. M. *As Mulheres nas Forças Armadas: uma análise à luz do feminismo*. Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: <http://revistaeletronica.oabjr.org.br/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

HAN, B.-C. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017.

JAMA, S; FACHADA, C, P, A. *A Parentalidade em Contexto Militar: um estudo da Força Aérea Portuguesa*. *Revista de Ciências Militares*, v. VII, n. 2, p. 67-99. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/34148/1/>. Acesso em: 29 jul. 2025.

JOHNSTON, J. R. e CAMPBELL, L. E. *Impasses do divórcio: dinâmica e resolução do conflito familiar*. Nova York: Imprensa Livre, 1988.

LIMA, P.J.S. *Envolvimento paterno no contexto da carreira militar: estudo de casos múltiplos em Salvador/BA*. Salvador, 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mpct2018/83931-envolvimento-paterno-no-contexto-da-carreira-militar--estudo-de-casos-multiplos-em-salvador-BA>. Acesso em: 29 jul. 2025.

LIPOVETSKY, G. *O Império do Efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LOPES, M. N.; DELLAZZANA-ZANON, L. L.; BOECKEL, M. G. A multiplicidade de papéis da mulher contemporânea e a maternidade tardia. *Temas em psicologia*, v. 22, n. 4, p. 917-928, dez. 2014.

MARTÍNEZ-SÁNCHEZ, J. A. *Psychological intervention in the Spanish militar deployed oninternational operations*. *Psicothema*, v. 26, p.193-199, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.7334/psicothema2013.254>. Acesso em: 29 jul. 2025.

MAXWELL, J. C. *Segredos do relacionamento*. Tradução: Fernandes, V. L. D.; Camargo, J. Duque de Caxias, RJ: Vida Melhor, 2016.

MCGOLDRICK, M. A união das famílias através do casamento: o novo casal. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 184-205. (Original em inglês, 1989).

MINAYO, M. C. S. (org.). *O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*. 2. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

MINAYO, M. C. S. Fase do trabalho de campo. *In: MINAYO, M. C. S. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MONNERAT, S. Entre malucos e milicos: etnografia, estereótipos familiares e papel da mulher nas relações de cuidado. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p. 97-114, jan./jul. 2015.

MOREIRA, L.V.C.; PETRINI, G. *Relações e Políticas Familiares*. Belo Horizonte: Dialética, 2021.

MOREIRA, N. X. *A construção de sentidos sobre a deficiência: uma análise a partir do habitus militar*. 2015. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

MOREIRA, N. X.; CAMINHA, V. M. Família militar em análise: os impactos das movimentações de militares da Marinha do Brasil em sua vida familiar. *In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS DE DEFESA – ENABED*, 11., 2021, João Pessoa. *Anais eletrônicos [...]* João Pessoa: Associação Brasileira de Estudos de Defesa, 2021. Disponível em: <http://www.enabed2021.abedef.org>. Acesso em: 12 set. 2025.

MOSMANN, C.; WAGNER, A.; FÉRES-CARNEIRO, T. Qualidade conjugal: mapeando conceitos. *Paidéia, Ribeirão Preto*, v. 16, n. 35, p. 315-325, 2006.

NARCISO, I. *Conjugualidades satisfeitas, mas não perfeitas – à procura do padrão que liga*. Doutorado (Tese em Psicologia e de Ciências da Educação) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

NASCIMENTO, V. S. *Processos de significação sobre o futuro construídos por pessoas em situação de rua*. Dissertação. (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

NETO, O. D. Jogos conjugais: proposta de um modelo construcionista social para terapia de casais. Cap. II: Conjugualidade e novas formas de subjetividade. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2006.

OLIVEIRA, V. D. M. Vivências de militares em missões internacionais: O impacto nas relações conjugais. *Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada*, Academia Militar, Lisboa, 2017.

PETRINI, G.; DIAS, M. C. *Família no debate cultural e político contemporâneo*. São Paulo: Loyola, 2013.

PINHEIRO, D. C.; PEREIRA, R. D.; SABINO, G. F. T. Militarização das escolas e a narrativa da qualidade da educação. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, Goiânia, v. 35, n. 3, p. 667-688, maio/2019. Disponível em [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2447-41932019000300667&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2447-41932019000300667&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 29 jul. 2025.

PIRES, A. S. R. *Estudo da conjugalidade e da parentalidade através da satisfação conjugal e da aliança parental*. 2008. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) Universidade de Lisboa, 2008.

RAMBUSCH, N.M. *Learning how to learn; an American approach to Montessori*. Publication date: 1962. Disponível em <https://archive.org/details/learninghowtolea0000ramb> acesso em: 20 jun. 2025.

RODRIGUES, A. P.; OLIVEIRA, T. C. F. A importância da afetividade na relação conjugal: evolução histórica da família no direito brasileiro. In: SEMANA DE MOBILIZAÇÃO CIENTÍFICA – SEMOC, 21., 2018, Salvador. Anais [...]. Salvador: Universidade Católica do Salvador, 2018. p. 04–08.

SANTANA, C. J. da S. C. *Casei com um Militar*. particularidades da conjugalidade na família militar. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Universidade Federal do Pernambuco, Recife, 2013.

SANTOS, E. A. *Exército Brasileiro: a transformação como valor e o valor da transformação – um estudo da família militar como fator de abertura para a sociedade e de transformação da Instituição*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, R. P. *et al.* Impacto das missões internacionais nos jovens filhos de pais militares e a importância do apoio da comunidade escolar. *Revista Psicologia*, v. 31, n. 2, p. 105-120, 2017.

SANTOS, R. P. *et al.* Impacto das missões internacionais nos jovens filhos de pais militares e a importância do apoio da comunidade escolar. *Revista Psicologia*, v. 31, n. 2, p. 105-120, 2017. Disponível em: doi:10.17575/rpsicol.V31i2.1249. Acesso em: 28 jul. 2025.

SILVA JÚNIOR J. J. *Análise da formação da família militar e as consequências para os seus integrantes*. 2020. Monografia (Trabalho conclusão do curso em Ciências Militares da Academia Militar das Agulhas Negras) – Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2020.

SILVA, C. R. *Famílias de Militares: explorando a casa e a caserna no Exército brasileiro*. São Paulo: UFSC, 2013.

SILVA, C. R. *O Exército como Família: etnografia sobre as vilas militares na fronteira*. São Paulo: UFSC, 2016.

SILVA, E. N. P.; COSTA, L. A. F. Mulheres casadas com militar: anotações sobre dinâmicas conjugais. In: CASTRO, C. *A família militar no Brasil: transformações e permanências*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SINGLY, F. *O nascimento do "indivíduo individualizado" e seus efeitos na vida conjugal e familiar*. In: CICHHELLI, V.; SINGLY, F. (ed.). *Família e individualização*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

SOUSA, J. As famílias como projectos de vida: O desenvolvimento de competências resilientes na conjugalidade e na parentalidade. *Saber (e) Educar*, 2006.

SOUSA, J. B.; SANTOS, E. J. S.; SANTOS, G. C. Novas configurações familiares e a escola: laços possíveis na contemporaneidade. *Revista Científica do UniRios*, 2020.1, p. 61. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/24/novas\\_configuracoes\\_familiares\\_e\\_a\\_escola.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/24/novas_configuracoes_familiares_e_a_escola.pdf)

SOUSA, J. B.; SANTOS, E. J. S.; SANTOS, G. C. Novas configurações familiares e a escola: laços possíveis na contemporaneidade. *Revista Científica do UniRios*, v. 2020, n. 1, p. 61, 2020. Disponível em: [https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/24/novas\\_configuracoes\\_familiares\\_e\\_a\\_escola.pdf](https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/24/novas_configuracoes_familiares_e_a_escola.pdf). Acesso em: 12 nov 2024

STAFFORD, E. M.; GRADY, B. A. Military family support. *Pediatric Annals*, v. 32, n. 2, p. 110-115, 2003.

TORRELLI, J. B. Análise dos efeitos patológicos que o abandono da responsabilidade educativa do pai pode ter sobre o desenvolvimento dos filhos. *Revista Studi Cattolici. Cadernos Educação e Família*, n. 9, ano III. Disponível em: <<http://familia.aaldeia.net/paiausente.htm>. Acesso em: 28 jul. 2025.

TRIVIÑOS, A. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VVVA. *Paternidade na Sociedade Contemporânea: envolvimento e as mudanças na família*. A figura paterna: dimensão dramática das relações entre pais e filhos. Curitiba, Juruá, 2016. Cap 1, p. 19-34.

WALSH, F. Resiliência familiar: uma estrutura para a prática clínica. *Processo Familiar*, v. 42, n. 1, p. 1–18, 2003. doi:10.1111/j.1545-5300.2003.00001.x

WILLIAMS, B. Supporting middle school students whose parents are deployed: Challenges and strategies for schools. *The Clearing House: A Journal of Educational Strategies, Issues and Ideas*, 86, p.128-135, 2013.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA

(Boletim Regional Nr 54, de 16/07/2024, do(a) CMDO 6ª RM) Pag. nº 302

#### **Coleta de Dados – Autorização**

Autorizo os oficiais e praças moradores das Vilas Militares sob administração da 6ª RM, em caráter voluntário, a participarem com a coleta de dados, a fim de apoiar o Projeto de Pesquisa Científica intitulado: **VIVÊNCIAS DO VÍNCULO AFETIVO FAMILIAR NO AMBIENTE MILITAR: um Estudo de Caso da 6ª Região Militar, em Salvador-BA**, que ao final, o projeto será submetido à avaliação junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de Salvador, os quais serão mantidos em sigilo e estando a frente das pesquisas e estudos o Maj. **DANIEL FRANCISCO DE SOUZA** (Capelão militar da 6ª RM).

Em consequência, a Aj G/6 e os demais interessados tomem conhecimento e adotem as providências cabíveis.

(Nota nº 107074, de 11 de julho de 2024, da(o) Aj G)

Daniel Francisco de Sousa

## APÊNDICE B - - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa, **Vivências do vínculo afetivo familiar no ambiente militar: um estudo de caso da 6ª Região Militar em Salvador-Ba**. Esse projeto de pesquisa científica é de autoria do discente Daniel Francisco de Sousa, aluno do mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica de Salvador, e conta com a orientação do professor e doutor João Carlos Petrini.

Neste estudo, pretendemos compreender o sentido de família, a partir das narrativas dos participantes. Para tanto, serão realizadas entrevistas, com utilização de gravador de voz, que devem durar o tempo máximo de 40 minutos. A pesquisa contribuirá para identificação de possíveis fatores que favoreçam a relação familiar.

Para participar deste estudo, você deverá autorizar a sua participação da entrevista após leitura, compreensão e assinatura desse termo de consentimento. Como participante, você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Informa-se ainda que, diante de eventuais demandas psicológicas, identificadas e comprovadas, decorrentes dessa pesquisa, você terá assegurado o direito a atendimento e suporte profissional psicológico, disponibilizado por parte dos responsáveis desse estudo.

Além disso, o participante terá garantida plena liberdade de recusar-se a participar, retirar o consentimento ou interromper sua colaboração, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

Os resultados finais dessa pesquisa científica estarão à disposição dos participantes quando finalizada e a sua identidade não será revelada em hipótese alguma.

Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 05 anos, após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos. O pesquisador tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, as Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizará as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

**TERMO DE CONSENTIMENTO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG nº \_\_\_\_\_ contato \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa, **Vivência do afeto e do vínculo familiar no ambiente militar**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Em caso de novas imprecisões ou outra necessidade de comunicação com o pesquisador, poderá entrar em contato por meio do e-mail:

Daniel Francisco de Sousa – E-mail: pe.daniel@bol.com.br.

Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 – Pituaçu, Salvador – BA, CEP: 41740-090. Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo telefone é: (71) 3206-7830.

Salvador \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2025

Assinatura do participante:

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador:

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO REPRESENTANTE LEGAL

O(A) adolescente está sendo convidado como voluntário a participar da pesquisa, **Vivências do vínculo afetivo familiar no ambiente militar: um estudo de caso da 6ª Região Militar em Salvador-Ba**. Este projeto de pesquisa científica é de autoria do discente Daniel Francisco de Sousa, aluno do 2º ano do mestrado em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (UCSal), e conta com a orientação do professor e doutor João Carlos Petrini.

Neste estudo, pretendemos compreender o sentido de família, a partir das narrativas dos participantes. Para tanto, serão realizadas entrevistas, com utilização de gravador de voz, que devem durar o tempo máximo de 40 minutos. A pesquisa contribuirá para identificação de possíveis fatores que favoreçam a relação familiar.

Para que o(a) adolescente participe deste estudo, você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. O representante legal e o participante não terão nenhum custo, nem receberão qualquer vantagem financeira.

Durante a entrevista, poderá haver riscos no que diz respeito a algumas questões em que o(a) adolescente, subjetivamente, terá contato com suas emoções, gerando um certo “desconforto emocional”. Caso isso ocorra, será ofertado um suporte psicológico ao participante, que será disponibilizado pelo pesquisador.

Além disso, o participante terá garantida plena liberdade de recusar-se a participar, retirar o consentimento ou interromper sua colaboração, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade.

Os resultados finais dessa pesquisa científica estarão à disposição dos participantes quando finalizada e a sua identidade não será revelada em hipótese alguma.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 anos, após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos. O pesquisador tratará a identidade do(a) participante com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo

à legislação brasileira, em especial, as Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizará as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, \_\_\_\_\_,  
contato \_\_\_\_\_, fui informado (a) dos objetivos da pesquisa, **Vivências do vínculo afetivo familiar no ambiente militar: um estudo de caso da 6ª Região Militar em Salvador-Ba**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e poderei modificar minha decisão sobre a participação na pesquisa se assim desejar. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Em caso de novas imprecisões ou outra necessidade de comunicação com o pesquisador, poderá entrar em contato por meio de endereço/telefone/ e-mail: Daniel Francisco de Sousa, Telefone (71) 98239-5959, e-mail: pe.daniel@bol.com.br. Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Prof. Pinto de Aguiar, 2589 – Pituacu, Salvador – BA, CEP: 41740-090. Caso queira algum esclarecimento ético, pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UCSal, cujo telefone é: (71) 3206-7830.

Eu, \_\_\_\_\_ responsável legal  
do \_\_\_\_\_ (a)  
adolescente \_\_\_\_\_ autorizo,  
voluntariamente sua participação neste estudo, estando ciente de que ele está livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo

Salvador \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2025

Assinatura do representante legal:

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador:

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE D - FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

DADOS PESSOAIS

Nome do entrevistado(a):

Data de nascimento:

Idade:

Nacionalidade:

Cidade:

Estado:

Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

Casado(a) a quantos anos?

Quantos filhos?

Divorciado ou recasado há quantos anos?

Quantos filhos do primeiro e do segundo casamento?

ESCOLARIDADE

Fundamental ( )

Médio ( ) Qual ano?

Superior ( ) Qual curso:

Pós-graduação ( ) Qual curso:

Religião:

Profissão (civil):

Militar da Ativa ou Reserva:

Posto/Graduação (militar)

Quanto tempo de serviço no Exército?

Morador(a) na vila militar? Se for, quais as vantagens e desvantagens?

## ANEXO E - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

### BLOCO 1: Entrevista individual (5 casais)

1. Você já participou de uma pesquisa antes? Se participou como foi a experiência?
2. Como se sentiu ao ser convidado(a) para participar desta pesquisa?
3. Dê sua opinião a respeito desta pesquisa voltada pra família militar?
4. O que é família pra você? Como está constituída sua família? Na sua opinião o que sustenta uma relação conjugal?
5. Saberria me explicar o que significa vínculo afetivo? Você acha que isso é importante para sua família? Explique.
6. Como está seu casamento? Quantos filhos você tem? Foi casado(a) somente uma vez? Se não foi, perguntar o motivo do casamento anterior não ter dado certo?
7. De acordo com Baumrind (1966) a autoridade dos pais está ancorada em três estilos parentais: autoritário (pais que exercem o poder e o controle dos filhos utilizando-se de recursos como punições e medidas coercitivas), autoritativo (pais exigentes, mas também afetuosos, responsivos com as necessidades dos filhos e que buscam dialogar com eles), permissivo (pais que não estabelecem nenhuma restrição comportamental, aceitam os impulsos e ações dos filhos, atendendo aos seus desejos). Qual desses estilos você adotou na relação com seus filhos?
8. Como é seu dia a dia dentro de casa com seu cônjuge, e com seus filhos?
9. Os valores apreendidos no Exército, como hierarquia e disciplina, influenciam na maneira como você se relaciona com sua esposa(o) e na forma como educa seus filhos?
10. Na sua opinião o que leva um casal ao divórcio? Quais as consequências disso para o casal e para os filhos?
11. Como você consegue administrar os conflitos dentro de casa? Você acha que é possível conjugar o vínculo familiar com autonomia dos cônjuges e dos filhos jovens?
12. Já aconteceu de sua transferência de um lugar para outro causar algum impacto na sua família? Se houve favor explicar.

13. Como você e sua família se relacionam com outras famílias, dentro e fora do ambiente militar?

14. Na sociedade contemporânea tem aumentado o número de famílias monoparentais e famílias homoafetivas, o que você acha dessas novas configurações?

15. No que diz respeito a educação nas escolas e pelo fato de você ser militar, que tipo de escola você escolheria pra matricular seu filho(a)? Escola militar, particular ou pública? Favor justificar sua escolha.

16. Como você e sua família lida no dia a dia, com o problema das drogas, da violência e da identidade de gênero?

17. O que você acha da religião? Você participa dela junto com sua família? Você acha que ela contribui ou não para o bem da sua família?

## APÊNDICE E - ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

BLOCO 2: Grupo Focal (10 jovens)

Faixa etária: 10 a 18 anos

5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino

1. O que é família pra vocês? Você acha que a família é importante pra sociedade por quê?

2. Vocês gostam de fazer parte de uma família militar? Explique sua resposta.

3. Como é o relacionamento com seus pais e seus irmãos? Existe diálogo? Afeto? O convívio é harmonioso?

4. Vocês gostam da maneira como seus pais os educam? Gostariam de ser mais autônomos e independentes?

5. De acordo com Baumrind (1966) a autoridade dos pais está ancorada em três estilos parentais: autoritário (pais que exercem o poder e o controle dos filhos utilizando-se de recursos como punições e medidas coercitivas), autoritativo (pais exigentes, mas também afetuosos, responsivos com as necessidades dos filhos e que buscam dialogar com eles), permissivo (pais que não estabelecem nenhuma restrição comportamental, aceitam os impulsos e ações dos filhos, atendendo aos seus desejos). Qual desses estilos está mais presente na relação de seus pais com vocês?

6. Vocês gostariam de seguir a carreira militar? Por quê?

7. Quais as vantagens e desvantagens de morar numa vila militar? Existe interação entre as famílias?

8. Vocês preferem estudar no colégio militar ou numa escola civil? Justifique sua resposta.

9. A religião é importante ou não pra vida de vocês? Explique.

10. Se tivesse de namorar alguém vocês optariam que fosse de origem militar ou civil? Por quê?

11. O que vocês acham quando o Exército transfere seus pais para um outro lugar? Isso atrapalha ou ajuda na harmonia familiar?

12. O que vocês acham das novas configurações de família: famílias monoparentais e famílias reconstruídas?

13. Como vocês e suas famílias lidam com o problema da violência, das drogas e da identidade de gênero?